

Tragédia em Madrid e Amesterdão

Fogo mata 91 pessoas em clubes nocturnos

Morreram, pelo menos, 94 pessoas, em dois incêndios registados esta noite em locais de diversão nocturna de Madrid e Amesterdão contando-se, também, por dezenas os feridos, embora o seu número não esteja ainda completamente determinado.

Em Madrid, o incêndio, violentíssimo, deflagrou na discoteca «Alcalá-20» (ex-«Lido»), quando a casa estava quase a fechar as portas, tendo principiado nas cortinas do palco. As chamas envolveram rapidamente os clientes que ainda se encontravam no interior do estabelecimento: 78 morreram e há a registar, pelo menos, 24 pessoas feridas e hospitalizadas.

O incêndio de Amesterdão teve origem crimínosa e atingiu um dos mais famosos clubes da «Red Zona», o bairro das prostitutas e dos bares «quentes». Foi provocado por um antigo empregado da casa e ateado com gasolina no interior do prédio onde funcionava um complexo de diversões, cheio a essa hora, e integrando a «Casa Rosso», o «Kabala» e o «Clube 26». O edifício situado à beira dos canais tornou-se rapidamente um imenso brasero e os clientes entraram em pânico tendo muitos deles saltado pelas janelas. Treze corpos carbonizados tinham já sido retirados do edifício esta madrugada, continuando os Bombeiros em operações de rescaldo. Há suspeitas de que se encontrem mais cinco pessoas mortas sob os escombros não tendo sido também ainda determinado o número de feridos.

Muitas das vítimas do incêndio declarado hoje de madrugada na discoteca «Alcalá» (antigo «Lido») da capital espanhola morreram porque uma grade impedia a saída por uma porta de emergência — declarou uma testemunha presencial.

Javier Pauluz, fotógrafo independente que conseguiu escapar e por várias vezes voltou ao interior da discoteca, situada no número 20 da Rua de Alcalá,

Continua na pág. 12



Polícias de Madrid retiram mortos e feridos do ex-Lido, actual «Alcalá-20», a dois passos da Puerta del Sol



Brigadas de bombeiros removem vítimas do atentado contra o «Casa Rosso», um pequeno império do jogo e do sexo em Amsterdão

Soares recusa demissão dos secretários de Estado da Educação

O Primeiro-Ministro Mário Soares recusou ontem o pedido de demissão dos três secretários de Estado dos Ministérios da Educação, a pretexto de que o prof. Mota Pinto se encontra ausente do País alguns dias da próxima semana, havendo, por isso, a impossibilidade de proceder imediatamente, a modificação no Governo.

Confirma-se assim a notícia que demos na nossa edição de ontem. Os secretários de Estado consumaram o pedido de demissão e falaram com o Primeiro-Ministro.

O semanário «Expresso» refere que Mário Soares candelou a audiência que, como o «DL» noticiou, estava marcada para às 15 h 30 de ontem.

Só que, em S. Bento, ou noutro local (as nossas fontes não o quiseram especificar), Helena Valente Rosa, Almeida e Costa e

Britaldo Rodrigues encontraram-se com Mário Soares a quem, conjuntamente apresentaram a sua demissão. Demissionários continuam, por mais algum tempo, até que, de súbito, se a imprensa estiver distraída, o Primeiro-Ministro avançar com a sua já imparável remodelação.

Aliás, segundo o «Semanário», o prof. Soares Costa também já apresentou o seu pedido de demissão a Mário Soares, do cargo de ministro da Agricultura. Fonte partidária alertou-nos, entretanto, para a possibilidade de se fazerem contactos de alto nível entre o PS e PSD neste fim-de-semana. Para tanto, Mota Pinto cancelou uma deslocação que tinha previsto hoje ao interior do País.

(v. também pág. 6)

Hoje



Novo CEME em funções

Eanes empossou Salazar Braga

Salazar Braga esta manhã: «Espero a ajuda de Deus para cumprir bem as minhas novas obrigações para com o Exército e com a Pátria»

Pág. 20



Congresso do PCP

Não haverá demasiadas surpresas na renovação do Comité Central

Págs. 4 e 5

Congresso do PCE

O partido perdeu 120 mil militantes e tem dívidas de 480 mil contos

Págs. centrais

Expressamente confidencial

- **Por mútuo acordo entre o Primeiro-Ministro e o vice-Primeiro-Ministro, a remodelação ministerial ficou adiada para depois do Natal (primeira versão) ou para depois do Congresso do PSD (segunda versão). Uma terceira versão defende a ideia de que se espera o regresso de Moçambique de dois amigos do dr. Almeida Santos.**
- **Sobre a remodelação governamental, diz-se, em meios próximos do PSD do Porto, que o ministro José Augusto Seabra se deixará a Av. 5 de Outubro passará para a Av. da República.**
- **Estão a ser muito discutidas as candidaturas para o alto cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano. Um candidato é jornalista, o outro é ginecologista. Da notícia, ou do parto, os leitores serão informados.**
- **Não se sabe se será revista a decisão que impediu o acesso do coronel Hugo Rocha aos cursos para o generalato.**
- **A arquitecta Helena Roseta, segundo dizem os sociais-democratas de Cascais, ainda não tomou posição a favor de Marcelo Rebelo de Sousa, cuja candidatura a líder alternativo do PSD poderá ser apresentada ao próximo congresso partidário.**
- **O «grupo de Coimbra» — Calvão da Silva, Brazão Gonçalves, Binge do Amaral — ganhou mais uma batalha: conseguiu que fosse afastada uma assessora de Mota Pinto no Ministério da Defesa Nacional. O serviço militar feminino poderá, portanto, estar comprometido.**
- **Não se realizou esta semana o encontro entre o doutor Mota Pinto e o dr. Francisco Balsemão para a criação de um novo instituto social-democrata que poderia ser presidido pelo engenheiro Ângelo Correia.**
- **A dança dos gestores continuará no mês de Janeiro de 1984. As nomeações e mutações estarão suspensas durante a quadra do Natal.**

MINISTÉRIO DA CULTURA BIBLIOTECA NACIONAL

Conservação e manutenção dos jardins e logradouros da Biblioteca Nacional

Está aberto concurso público, pelo prazo de 15 dias, a contar da data deste anúncio no «Diário da República», para o serviço de conservação e manutenção dos jardins e logradouros da Biblioteca Nacional, Campo Grande 83, 1751, Lisboa Codex a efectuar durante o ano de 1984.

O caderno de encargos existente na Secção de Património é Aproveitamento da Biblioteca Nacional, pode ser consultado todos os dias às horas de expediente.

MINISTÉRIO DA CULTURA BIBLIOTECA NACIONAL

Limpeza das Instalações da Biblioteca Nacional

(Só para Firms especializadas)

Está aberto concurso público, pelo prazo de 15 dias, a contar da data da publicação deste anúncio no «Diário da República», para a limpeza diária das instalações da Biblioteca Nacional, Campo Grande, 83, 1751 Lisboa Codex a efectuar durante o ano de 1984.

O caderno de encargos existente na secção de Património e Aproveitamento da Biblioteca Nacional, pode ser consultado todos os dias úteis às horas de expediente.

Arquitectura reflexa

Pedro Vieira de Almeida

Depois de alguns anos de irregular mas persistente colaboração no DL, surge agora como aposta e compromisso uma colaboração regular, bimensal, que se pretende possa constituir um registo mais detalhado dos aspectos da vida arquitectónica entre nós, uma mais permanente discussão dos temas que à arquitectura importam, uma intervenção crítica mais perto da sucessão dos acontecimentos que eventualmente venham a surgir. Digo que eventualmente venham a surgir, porque em regra surgem pouco. Este ano de 83 terá sido um ano particularmente rico em manifestações relacionadas directa ou indirectamente com a arquitectura, aliás nem todas tendo obtido a atenção que mereciam; e a talhe de foice salientaria aqui a exposição que um grupo de arquitectos do Porto vieram fazer à SNBA, que ao que eu saiba passou pouco menos que despercebida nos meios de informação, embora constituindo indiscutivelmente, pelo menos para mim, um acontecimento dos mais importantes do ano. Mas parece-me poder considerar de facto 83 como um ano excepcionalmente rico neste sector. Normalmente a vida arquitectónica é entre nós bastante parca.

SE a falta de «acontecimentos» arquitectónicos é por um lado limitativa de uma elaboração crítica permanente, essa ausência tomada em si mesma como significativa passa a ter outra possibilidade de comentário. O «não-acontecimento» pode também ser um ponto de partida para uma reflexão. E é de uma reflexão sobre arquitectura que aqui se trata.

Não será uma simples crónica como esta a possibilidade de criar por si acontecimentos, tal como o poderia fazer por exemplo uma revista de arquitectura; assim mais modestamente terá ela de se contentar com o que de significativo surja neste campo, sem excessiva ambição por uma intervenção mais radical.

Como se irão estruturar estas crónicas e qual a base e a espinha dorsal da sua orientação?

Fundamentalmente, na minha atitude nada irá mudar.

Continuo a acreditar que a tão falada objectividade crítica também ela só tem sentido em sentido crítico, e de aí que o tom e a maneira de abordagem dos problemas será na continuação do que mal ou bem tenho feito, isto é, assumindo uma crítica de risco e deliberado comprometimento. Também na escolha do que for abordado continuarei a usar o direito de recusar falar de alguns temas que eventuais leitores



gostariam de ver tratados, isso porque penso que o primeiro acto crítico é o da escolha do que se quer ou não quer referir.

Não pretendo também, de forma alguma, que esta coluna seja de divulgação. Procurando ser sintético e tão claro quanto a mim me seja possível, não procurarei nela uma abordagem que funcione como mera introdução capaz de interessar os distraídos destas coisas.

Reconheço que não tenho vocação de prosélito seja em que campo for. Inversamente, não será aqui também o lugar de excessivos e prolongados aprofundamentos que ainda outra vez teriam mais sentido numa revista de arquitectura, embora, paradoxalmente, na realidade talvez tenham menores oportunidades.

Assim, tratando de vários assuntos ao sabor dos vários acontecimentos, espero que pouco a pouco se venha verificando nos sucessivos artigos uma linha estrutural que os interligue numa visão coerente.

As fidelidades que honrarei serão então as derivadas de um esforço de assegurar essa coerência face à arquitectura. E já será dizer muito. Não me considerando especialista, e recusando a tendência para a especialização dentro da prática profissional, tendência ainda hoje tão viva no panorama mental dos arquitectos, algumas vezes mesmo me aventurarei a territórios normalmente considerados fora da alçada da arquitectura. Sapateiro, tentarei esforçadamente tocar rabeca com as sovelas da profissão, mas sempre do ponto de vista que ao ofício interessa, e que o ofício propõe.

Claro que entretanto procurarei manter e defender aquilo que entendo por uma visão de esquerda (a minha, evidentemente) sobre todos os assuntos tratados. Mas essa articulação compreendo-a como mediata e não definida nem definível aprioristicamente.

Sempre tenho defendido, por isso, que as coerências ideológicas, particularmente as coerências de esquerda, longe de serem tranquilizantes fios de dependência, são exigentes fios de desafio e enervação; a coerência é assim construção permanentemente reformulada e isso com também permanente desassossego e permanente risco, que não há remédio senão suportar e correr, como condição necessária da própria coerência.

Digo condição necessária,

porque não há como «princípios solidamente estabelecidos» tranquilizadamente tidos por definitivos e indiscutíveis (logo pseudo-princípios) para esclerosar o pensamento e estagnar a imaginação.

E a coerência será tudo menos estagnação e esclerose.

Demasiadas vezes isso se esquece e é tão frequente e real que o medo da heterodoxia trave a investigação e a aposta pessoais, que não resulta académico o referi-lo.

Convencido de que só há uma ortodoxia possível, que é a que corresponde a uma vigilante heterodoxia, tentarei percorrer, quando for capaz, caminhos talvez não pacificamente aceites.

Tenho eu por certo que a coerência é sempre exploratória. Por isso será esta uma crónica deliberadamente sem princípios.

Assim, numa rápida passagem, creio ter dito quanto parece poder interessar para uma possível caracterização desta coluna que agora se inicia no DL, simultaneamente dando logo uma boa achega para orientar alguns possíveis leitores a passarem de página e desistirem de a ler.

Entretanto alguns haverá que insistirão.

Apenas para esses teimosos um ponto para remate. Gostaria de manter e deixar bem claro, ao longo destas notas quinzenais, uma convicção que tem sido a minha ao nível da profissão, mas não só ao nível da profissão. Melhor do que eu poderia fazê-lo, encontro essa convicção expressa e sintetizada numa frase de Patrick Geddes em 1888 que transcrevo. Dizia ele: «somente quando as coisas são atentamente meditadas enquanto são vividas, e completamente vividas enquanto são meditadas é que se pode dizer realmente que um homem ou uma sociedade pensa ou mesmo vive no completo sentido dos termos».

Preteriria, se não fosse excessiva modestia, que esta coluna representasse (certamente que à minha escala) um contributo e uma proposta para um viver e um pensar colectivos.

Portugal e Espanha: mau negócio para a CEE

Blasco Hugo Fernandes

Poderá eventualmente ter constituído surpresa para muitos o desfecho que a recente reunião de Atenas teve no que concerne à entrada de Portugal e da Espanha na Comunidade Económica Europeia (CEE). Em alguns círculos da vida portuguesa, nomeadamente nos que por dever de ofício se debruçam e intervêm na orientação da economia nacional, depositaram-se demasiadas esperanças neste ingresso na «pequena Europa», como se ele fosse a chave para a solução da grave e crítica situação em que se encontra o país. Esta filosofia animou de tal modo as entidades competentes nesta e noutras áreas da vida nacional que se repercutiu nas fórmulas programáticas para o nosso devir imediato.

As medidas de política económica norteiam-se pela nossa integração na Comunidade Europeia. Não foi, no entanto, desta vez que isso aconteceu nem cremos que venha algum dia a ocorrer, mesmo quando (se) a CEE ultrapassar as dificuldades internas em que presentemente se debate.

Com efeito, embora a economia comunitária actual (dos «Dez») não esteja propriamente de boa saúde, antes pelo contrário, não foi esse, em nosso entender, o motivo principal (se não exclusivo) da decisão desfavorável à entrada de Portugal e da vizinha Espanha na Comunidade, por parte da cimeira de Atenas. Essa recusa tem muito mais a ver com os problemas que os novos candidatos originariam a uma parte significativa das economias dos actuais parceiros comunitários, com

particular relevo para os que afluiriam do sector agrícola, tal como em outro local o demonstramos (1). Na realidade, as questões relacionadas e decorrentes da chamada «agricultura mediterrânica» estiveram (estarão) no centro desta recente resposta negativa à entrada dos países da península ibérica na Comunidade.

A concorrência interagrícolas

As produções de tipo mediterrânico não se localizam apenas nas agriculturas portuguesa e espanhola, dominando sobre as restantes culturas, mas apresentam-se igualmente, e com certo peso, nas economias agrícolas de alguns dos atuais membros da Comunidade, especialmente nas regiões do sul da França e na Itália.

Com o alargamento do Mercado Comum a Portugal e à Espanha, os agricultores daquelas duas áreas geográficas teriam (terão) de se defrontar com a concorrência dos produtos agrícolas das referidas nações ibéricas, circunstância essa que inevitavelmente lhes criaria (ou agravaria) problemas económico-sociais de difícil solução imediata, no quadro do sistema e das actuais regras comunitárias.

Neste contexto se deve entender a pressão exercida eficazmente por agricultores oriundos não só da França e da Itália, mas também da Grécia e da Irlanda, nas suas diversas manifestações de oposição ao ingresso de Portugal e da Espanha na CEE. O poder político de países, como a França, que exercem o papel de fiel da balança nas decisões comunitárias soube dar-lhes a devida dimensão e compreender a essência do problema, avaliando inclusivamente as consequências políticas que poderiam a prazo advir, se ele permitisse o acesso dos novos candidatos e consentisse, no fundo, que a perturbação e a instabilidade se instalasse na vida e na economia das regiões mencionadas. Nessa apreciação se insere a afirmação do presidente francês durante a cimeira de Atenas de que o seu país deveria ter a «preocupação de defender os justos interesses

dos seus produtores e dos trabalhadores num Mercado Comum, se ele tiver de passar de dez a doze membros.

Compromissos com outros países

As relações comerciais que a Comunidade mantém actualmente com diversas nações da região mediterrânica desempenham igualmente um papel importante na decisão. Entre esses países encontram-se, por exemplo, a Argélia, Marrocos, Tunísia e, também, o Egipto, Jordânia, Líbia, Síria, Israel, Chipre, Malta e Turquia, alguns dos quais exibindo uma estrutura de produção agrícola bastante similar à de Portugal e da Espanha. Os acordos da CEE com esses países garantem-lhes determinadas facilidades entre as quais o ingresso preferencial dos seus produtos agroalimentares na Comunidade. Acresce ainda o facto de esta se achar ligada a nações da África, das Caraíbas e do Pacífico (ACP) por acordos de cooperação que isentam os seus produtos de direitos alfandegários ou sujeitam-nos também a um regime preferencial.

É indispensável que a CEE se disponha a sacrificar as relações económico-comerciais com estes

Continua na p. 9

Sim ou não a uma cimeira dos «Sete»?

Luís Moita dirigente do CIDAC

Lançada há meses por Mário Soares, a ideia de uma cimeira dos sete Estados de língua oficial portuguesa transformou-se em proposta formal, apresentada por Jaime Gama na sua recente visita a Cabo Verde. Os termos são simples: encontros regulares a nível de presidentes da República ou primeiros-ministros de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe; o local, pela sua posição política e geográfica, seria Cabo Verde; este país ficou de referir a proposta na reunião de Bissau entre os cinco Estados africanos. Enfatizadamente, há já quem lhe chame «cimeira tricontinental». Outros consideram-na um mero acto de propaganda da diplomacia portuguesa. Seja como for, vale a pena analisar a consistência do projecto.

O pressuposto é que entre Portugal e um conjunto de países da África e da América Latina existem interesses comuns de tal modo fortes que justificam reuniões periódicas ao mais alto nível de representação dos Estados.

Não se trata evidentemente de quaisquer países africanos ou latino-americanos. Partindo a proposta da parte portuguesa, poderia pensar-se que ela abrangia outros países com os quais Portugal tem interesses comuns, como por exemplo o Zimbábue (que repetidamente se tem manifestado aberto à cooperação portuguesa), ou à Mauritânia (com a qual acabou de se assinar um acordo de pescas), ou a Venezuela (cujo petróleo nos interessa e onde reside uma importante colónia portuguesa). Mas não. Obviamente o

que está em jogo não é um simples somatório de interesses bilaterais, mas pressupõe-se a existência de um interesse multilateral.

Cada um dos Estados abrangidos pela proposta já se integra em diversas instâncias multilaterais (Linha da Frente, SADCC, CEDEAO, OUA, OEA, NATO...) correspondentes a outras tantas áreas políticas, económicas e militares. Que fundamento existirá então para um novo relacionamento multilateral?

Aparentemente, o primeiro fundamento para uma Cimeira a Sete seria o facto de todos estes Estados adoptarem o português como língua oficial. Tal facto justificaria sem dúvida encontros periódicos em torno de problemas da língua portuguesa no mundo, da sua promoção nas instâncias internacionais ou da intensificação das permutas culturais entre os vários espaços humanos que se exprimem em português. Todavia, como é evidente, não é isso que está em causa.

O objectivo de prosseguir uma política concertada quanto à língua portuguesa seria adequadamente alcançado através de reuniões de nível, por exemplo, de ministros da Educação ou da Cultura, mas é desproporcionado para o âmbito de encontros de chefes de Estado ou de governo. Quando se propõem cimeiras ao mais alto nível, está subentendido que os problemas em estudo não são sectoriais mas antes questões políticas gerais de forte interesse colectivo.

Se a língua portuguesa não constitui fundamento cabal, torna-se evidente que a proposta portuguesa tem a marca de um convite dirigido pela antiga metrópole às antigas colónias da

América do Sul e de África. Partindo da parte portuguesa, a iniciativa leva a pensar que se trata de uma tentativa para recuperar a hegemonia perdida. E inevitavelmente imaginamos que estaremos perante uma imitação das cimeiras francófonas, com as habituais imagens de dois terços dos chefes de Estado africanos recebidos pelo Eliseu...

Quanto a isto julgamos claramente que a antiga relação histórica de tipo colonial não legitima, de forma alguma, um interesse comum e multilateral na actualidade. Pela razão simples de que não há uma «comunidade lusitana». Os vínculos históricos e a língua comum não são factores que possam fundamentar uma aliança política nem definir as coordenadas de uma política externa.

Isto é tanto mais verdade quanto é certo que temos razões para recear que os verdadeiros destinatários da operação não sejam os africanos mas os europeus. Por outras palavras, tememos que o objectivo principal da parte portuguesa seja o de adquirir um peso suplementar face à Europa e particularmente nas negociações para a adesão à CEE, exibindo uma «zona de influência» susceptível de lhe dar força negociadora. A ser verdade, isto significaria uma lamentável instrumentalização das relações com países menos desenvolvidos para alcançar uns favores dos mais poderosos.

Nunca como agora a diplomacia portuguesa foi tão longe nas declarações de intenção para uma política de bom relacionamento com os cinco países africanos de expressão oficial portuguesa. E no entanto pouco se tem adiantado no terreno concreto da cooperação prática,

apesar das posições oficiais e da boa vontade dos sucessivos secretários de Estado. A esta luz, tem de se encarar com algum cepticismo a proposta da cimeira dos sete Estados de língua portuguesa.

Não se pense, porém, que esta opinião tem a ver com qualquer atitude crítica quanto ao fortalecimento das relações entre Portugal e as ex-colónias africanas. Bem pelo contrário. Sempre encarámos com regozijo o desenrolar do caminho que ia da solidariedade entre os povos à aproximação entre os Estados. Quando os Estados representam verdadeiramente os povos, eles tornam-se os intérpretes e os canais dessa solidariedade.

Simplemente, o quadro normal para um efectivo fortalecimento é o das relações bilaterais. Aí se põe à prova o desejo de cooperação, na base da reciprocidade de vantagens.

Isto não exclui, por sua vez, que haja uma real utilidade em os sete Estados de língua oficial portuguesa encontrarem formas de concertação política em torno de questões pontuais. Os casos de Timor-Leste e da Namíbia seriam bons exemplos em que essa concertação se justificaria e mesmo se imporia. Mas daí até à institucionalização de cimeiras regulares de alto nível vai uma distância que não nos parece adequado percorrer.

Em suma, se nos é permitido resumir numa fórmula a opinião sobre o relacionamento entre Portugal e as suas ex-colónias, diríamos: sim à intensificação das relações bilaterais, sim às concertações pontuais, não às reuniões regulares a nível de chefes de Estado ou de governo.

Liliput e Babel

Beja Santos

MACROFILIA, no consumismo, é o culto adorador do gigantismo dos projectos e objectos: arranha-céus, hipermercados, enciclopédias, os cem génios da literatura mundial em encadernações luxuosas, as grandes unidades de produção, o pacote de detergente, a embalagem super. É uma maneira de conceptualizar a abundância, a sugestão da miragem da estandardização, nivelada pela bissectriz da abstracção, feita nesse consumidor médio da era portentosa da massificação. Na macrofilia, as técnicas de mercado terão de operar a motivação do lucro e do consumo mediante as falsas diferenciações (desde medicamentos a automóveis até alimentos processados e bens culturais) de molde a evitar-se a monotonia e a perda total de relação individual e social. Em suma, o grande é o maravilhoso. Fora do grande não há salvação, ou seja, progresso.

Para me certificar do êxito de uma nova era, a microfilia, percorro demoradamente uma dessas catedrais de consumo, um centro comercial feito escapatório de micro-informática, mini-transistores, microcâmaras de fotografar e filmar, minicassetes, cinemas de bolso, livros de bolso, brinquedos em miniaturas, televisores de tamanho cada vez mais reduzidos... o mastodonte desapareceu do mobiliário, do electrodoméstico, as obras condensadas e de divulgação substituem progressivamente os tratados e os grossos volumes. Paradoxalmente, a civilização onde o capital está mais concentrador, onde pululam a segurança e os medos de massas, responde no quotidiano com a micronização. A maxi-

zação, o colossal, a economia de escala, desinteressam, como se comprova da sua actuação no mercado, as gentes do nosso tempo. Liliput é moda, é o sentido prático das casas diminutas, da fome de tempo para o embasbacamento com as mitologias do Super-Homem. A crise do petróleo, a deterioração da qualidade de vida, a náusea do «gulag» electrónico que é a TV, a veracidade das advertências do ecologismo, entre tantas explicações, emolduram a produção e o consumo da miniaturização. O pequeno é maravilhoso. E não se prevêem alterações abruptas.

Só que Babel, resiste em todos os domínios. Enquanto observo os prodígios desta diminuição de escalas, discorro no esbanjamento formidável que é o mastodonte da nossa Administração Pública. Trata-se de uma engrenagem ciclópica que grimpou, jaz agonizado em milhares de edifícios públicos, e só gesticula catalepticamente em sectores-chave (serviços de saúde, repartições de finanças, pagamento de reformas, escolas, alfândegas, etc...) e face aos quais é inquestionável que, melhor ou pior, o potro do Estado ainda corre a torções de açúcar. Nascer, tratar, morrer, arrecadar impostos, eis a barreira de um Estado que cauciona a obsolescência no seu território.

Atente-se na sobreposição de competências, no afundamento dos serviços da Agricultura, Habitação, Comércio, por exemplo, indistigável ao político, ao funcionário público, ao contribuinte, aos lesados pela informação que não recebem, o apoio técnico que estiola, um qualquer dinamismo que esfria nos labirintos burocráticos. Compulsem-se os departamentos e repartições que vegetam por indeterminação política, na pedagogia, nos esta-

leiros, no planeamento, nos organismos de coordenação económica. Mandarins, chantres, prebostes, dirigem serviços de utilidade pública como coutadas e reservas. É o gigantismo paranoico, por falta de coordenação e articulação de competências e atribuições. É o estiolamento por falta de renovação de quadros. É a indefinição em todas as latitudes: não há política laboratorial, desactivou-se a fiscalização económica, mais de trinta unidades debruçam-se sobre a política alimentar com os bonitos resultados que conhecemos; é a bagunça indescritível no combate aos delitos anti-económicos e contra a saúde pública. As aparências já não iludem.

São os caudais da legislação que fica adormecida no Jornal Oficial; são as leis da Assembleia da República que não se cumprem; são as substituições de dirigentes, dado a aposseção partidária da generalidade dos postos de comando; são os cortes na investigação científica, os métodos fascizantes de impedir a transferência dos funcionários nos casos em que as aparências ainda iludem.

Ficou-nos, por conseguinte, um mastodonte onde até alguns dos principais responsáveis pela asfixia, abulia ou sonambulismo dos institutos, direcções-gerais, juntas, comissões, conselhos, têm a audácia de vociferar, de tractar e achincalhar. Obviamente que a Reforma Administrativa não existe nem se augura para tão cedo; inescapavelmente, a nave baloia com as suas traquinanas no bojo, letárgica ou cloroformizada. Quantas políticas já houve no Ministério da Agricultura, quantos sistemas de educação, quantas políticas de intervenção de Estado, quantas políticas de preços, de solos, de substituição de importações,

quantas operações de «marketing» de comprar português e exija fabricado em Portugal? Quantos ministérios ao sabor das negociações de coligação, quantas fusões, reestruturações, leis orgânicas, quantos gabinetes entregues aos funcionários de partido ou hirmandade?

Passamos desta Babel a um Liliput de harmoniosas e operativas articulações e hoje uma das questões do próprio Estado.

Simplemente, enquanto a Liliput da produção e do consumo é a reacção ao colossalismo de uma civilização que fomentou multidões solitárias que repelem a uniformização e o gosto organizado, a Babel, administrativa não tem alternativa por ausência de modelo organizacional, por descompressão e solidarização pluridisciplinar. O Estado moderno é multimodo, polifacetado, constituído por células confluentes a trabalhar responsabilmente, criativamente, em consonância com as necessidades de programação.

Aproveitou-se a máquina do Estado Novo para a inchar de vaidades e desempregados políticos. Na fogueira dos saneamentos e perseguições, queimaram-se alguns dos nossos melhores talentos. Hoje, ninguém arrisca, até porque com salários de aviltamento só se arrisca por carolice ou por rastejamento à mira de promoção.

Compartimentar objectivos, planejar em equipa, com que projectos?

Este gigantismo é horroroso. É um bom aríete para os inimigos do Estado interventor e do modelo da economia mista.

Disfarçar o paquiderme de corpo rotundo incurável é uma forma doentia de protelar a terapêutica para Babel. Sim, de substituição de importações,

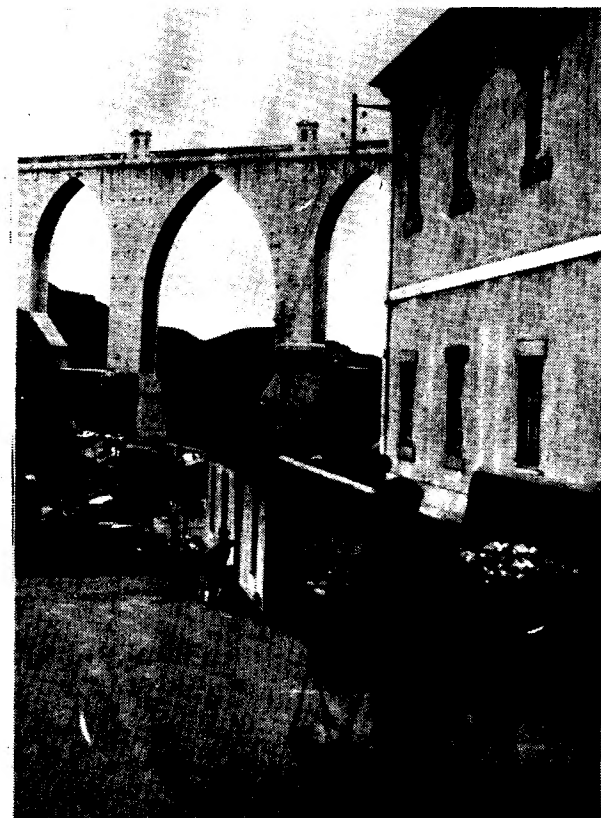
A BARCA SEM OS CORVOS

Os custos da Campolidade

Vejo que agora, num momento em que se afirma o poder local e se busca a real desconcentração e descentralização, tais grandes intenções começam, na prática, por tentar sacar mais umas massazinhas ao conjunto do País. Chamam-se então os **custos da situação**: — ele são os custos da insularidade, ele são os custos da meridionalidade, os custos da setentrionalidade, os custos da interioridade, os custos da litoralidade, os custos da ruralidade, tudo.

Isto é: começam por dizer «a nossa região (ou a nossa ilha, ou o nosso concelho) é riquíssima de potencialidades, sem ela este país não é nada, sozinhos éramos capazes de valer mais do que vocês todos — portanto passem para cá subsídios e facilidades para podermos ir vivendo!...», e não se contentam em sentar-se à mesa do Orçamento; se puderem levam até bocados da mesa, pés e tudo, lá para a província... Alguma coisa não está bem em tudo isto.

Vejo também que o Abecasis não tem tido o senso de chamar, como antes se fez, pelos **reais e demonstráveis** custos da «capitalidade» de Lisboa — mas então vou eu reclamar aqui uma parte importante desses custos: **os custos da campolidade**.



Campolide, onde nasci, vivo e espero morrer, é um importantíssimo bairro de Lisboa, que regimes e governos sucessivos têm sistematicamente ignorado. Vejamos:

— Já no reinado de D. Afonso III (há documentos...) eram afamadas as vinhas de Campolide e a pinguinha que aqui se fazia. Que é delas agora? Onde estão os subsídios à vitivinicultura de Campolide? Onde está, sequer, o sítio para plantar uma vinhazita? É claro que as facilidades e o apoio vão todos para essas regiões demarcadas do Norte, para o Dão, para o Douro, para o Ribatejo — os custos da campolidade são enormes, hoje, para quem quizer fazer mesmo uma modesta água-pé da parreira do quintal. Aqui, ou o Governo subsidia, ou há barulho!

— Com a cobertura do caneiro de Alcântara, Campolide viu frustradas as suas legítimas aspirações a ter acesso directo ao mar e no entanto a sua produção metalo-mecânica e a sua alfaiataria são, de longe, muito mais significativas do que as da ilha do Corvo, do Pico, do Porto Santo e dessa miúçalha toda, à qual o que não falta é mar. Queremos saídas para o mar (e só por bom gosto não falaremos do corredor de Dantzig, ou também porque as pessoas já se esqueceram do que era...). Em alternativa, redução nos impostos de exportação de Campolide. Ou um aeroporto. Se não houver espaço para um aeroporto — tal como para as vinhas — queremos um heliporto ali na Praceta da R. Cons.º Fernando de Sousa. Já!

— O 15 vem sempre cheio de Benfca para o Cais do Sodré. É sina geográfica de Campolide ser um lugar de passagem, com o conseqüente agravamento dos custos da Campolide. Ou o Governo toma providências e partem daqui autocarros directos para todas as zonas da cidade, ou há molho!

— Os mestres que construíram o Aqueduto e deram o nome ilustre à Calçada dos Mestres, foram o núcleo da mais avançada tecnologia da sua época. Porque é que então o Laboratório Nacional de Engenharia Civil foi posto num sítio parvo e sem tradições, ali para o Pote d'Água? E o LNETI, agora? Queremos de novo uma universidade tecnológica em Campolide, para compensar os nossos filhos pelos custos da campolidade. Até o Algarve e a Covilhã já têm universidades! Então o que vem a ser isto?

Se não fomos atendidos, retiraremos o nosso apoio e solidariedade ao Governo central. Avisamos!

Ah! É verdade! — e temos alternativas!...

J.P. Martins Barata

Continua na pág. 8

Congresso PCP • Congresso PCP • Congresso PCP • Congresso PCP

Renovação gradual no Comité Central

Não haverá "demasiadas" surpresas

«Não se apressem a tirar conclusões os que falam em envelhecimento do PCP. São mais os membros do PCP da casa até aos 30 anos do que o total (repeto: o total) dos membros do PS de todas as idades recenseados no último congresso deste partido» — disse Álvaro Cunhal, na sua intervenção de quinta-feira. Noutro passo, o líder comunista depois de anunciar o aumento de membros do CC indicou que o CC cessante «passará» para o próximo CC uma proposta de alargamento, reforço e reordenamento da Comissão Política e da eleição de camaradas mulheres para a comissão política e para o secretariado».

Essa lista do CC cessante foi discutida e aprovada na reunião do passado dia 10, e será apresentada amanhã, durante a sessão reservada a delegados. E se a «especulação», ou as previsões, quanto à chamada de quadros mais novos a maiores responsabilidades, não são excessivas, dada a discreção dos dirigentes, tudo indica que haverá algumas surpresas quanto a entradas e saídas para os órgãos directivos do PCP.

«A renovação dá-se tanto pela saída como pela entrada de novos membros» sublinhou o próprio secretário-geral do PCP, quando frisou que «a entrada de um número elevado de camaradas para o CC não deve levar o partido a dispensar apressadamente a valiosa contribuição de camaradas com largos anos de actividade e experiência».

Antes, e como que a responder a críticas sistemáticas sobre a idade avançada dos principais dirigentes do partido, Cunhal acentuara que «substituições radicais da direcção são sintomas de crise».

«Existindo uma vida democrática — disse — é bom sintoma da saúde política de um partido a continuidade e a renovação progressiva do núcleo da direcção».

Essa «renovação progressiva do núcleo da direcção digo basear-se-á — conforme explicou o próprio líder — no grande alargamento numérico do CC de modo a possibilitar a participação de numerosos novos quadros nas tarefas da direcção».

E a regra para a renovação passará — e socorremo-nos ainda de Cunhal — por factores diversos, designadamente a «profunda dedicação à actividade partidária», a «estreita ligação com a classe operária e as massas», «o acompanhamento dos acontecimentos e a resposta pronta e adequada aos problemas, a intervenção dinamizadora».

Destes conceitos-chave, terá partido o CC para o alargamento e para as substituições previstas. Daí a probabilidade de anti-

gos membros do CC e dos seus órgãos executivos, que por razões pessoais ou profissionais (caso, de Veiga de Oliveira) tenham sacrificado a sua actividade partidária, possam vir a ser substituídos. O alargamento de 133 para 165 membros, determina a entrada de 48 novos membros, 32 dos quais sobem pela primeira vez e 15 saem ou são substituídos.

Nomes

Partindo destes pressupostos, talvez não seja demasiado arriscado adiantar (previsão também é informação) que jovens e destacados dirigentes como Raimundo Cabral (Direcção Regional de Santarém) e José Casanova (Comité Local de Lisboa), ascendam ao órgão executivo principal, a Comissão Política. Actualmente suplentes, ambos dirigiram parte dos trabalhos do congresso no primeiro e segundo dia, e a sua capacidade de direcção, dedicação e militância, deverão — julgamos — favorecer a ascensão.

Nomes, ainda, como Ângelo Veloso e Edgar Correia, da Direcção Regional do Porto (não foi tarefa fácil a organização eficiente deste X Congresso), Mari-

seus organismos e membros, no cumprimento da linha e das directivas do partido, defenderem activamente a autonomia, a democraticidade e carácter unitário das organizações de massas».

São duas passagens da intervenção de Rosa Rabiais, do CC do PCP, no congresso, intitulada «O movimento sindical unitário».

lia Cabral ou Rosa Rabiais, membros do CC e activas na organização sindical (frente decisiva do PCP), poderão, também, ascender à Comissão Política ou ao Secretariado. Alda Nogueira e Margarida Tengarrinha são também nomes possíveis pelo longo trabalho e experiência nas frentes da mulher e da Reforma Agrária, respectivamente, para a subida àqueles dois órgãos.

Também Jorge Araújo, um dos mais novos dirigentes, vindos da clandestinidade, poderá, pela lógica do «reordenamento» referido por Cunhal, transitar do Secretariado para a Comissão Política. A sua intervenção no congresso «Anticomunismo: arma da reacção» (que referimos nesta edição do «DL»), é um documento de importante combate ideológico, plaudido de pé, longamente, pelos delegados.

Pelo critério da ligação a importantes sectores da vida nacional (empresas, autarquias, movimento camponês, vida sindical, lutas dos intelectuais e quadros técnicos, lutas das mulheres, Reforma Agrária, pequenos e médios comerciantes e industriais, lutas da juventude, etc.), membros suplentes do CC ou outros destacados responsá-

veis regionais, poderão transitar para o novo CC. Nomes como os de Macedo Varela e Emídio Ribeiro, ambos do Porto, Daniel Branco (presidente da Câmara de V. F. Xira), Domingos Afonso (Agricultor, Boticas), José Castanheiro (operário, Algarve), Rogério Fernandes (professor universitário), Raul Ferreira (operário vidreiro, Leiria), Vítor Fernandes (Santarém), Alfredo Graça (direcção do Minho), Ana Benedita (operária agrícola, Beja), Moisés Simões (Santarém), Carlos Fraião (DORB e Viseu) presentes, entre outros, na mesa deste congresso, poderão ser, julgamos, alguns dos novos membros do CC.

Dos que sairão conhecem-se os nomes de Rosa Viseu e Osvaldo Castro, que, por razões de ordem pessoal ou profissional, como Veiga de Oliveira, que deixaram por sua vontade de ser funcionários. Fica vago, também, por ter falecido, o lugar ocupado por José Magro.

A sucessão

Um aspecto ainda saliente da intervenção de Cunhal respeitou à sua própria sucessão. É um

tema frequente dos analistas políticos. E Cunhal sempre considerou que esse não era assunto preocupante para os comunistas.

Disse neste congresso o mais velho e experiente dirigente político português: «Têm sido objecto de atenção as questões relativas ao trabalho do secretário-geral do partido. Dado o elevado nível do trabalho colectivo alcançado, consideramos que existem todas as condições para que se não verifique qualquer perturbação na direcção e na actividade do partido, quando vier a colocar-se a substituição do camarada que actualmente exerce essas funções». Sugestão para uma possível direcção colegial? Ou, simples reconhecimento de uma realidade que não poderá ser superada de outra forma?

Num contacto com os jornalistas, ontem à tarde, e respondendo a uma questão, Blauque Teixeira explicou que a eleição do CC «é à porta fechada, exactamente para permitir aos delegados a discussão franca e livre dos nomes propostos».

E mesmo que essa discussão ocorra acesa e polémica, não dará motivo a grandes novidades ou especulações. Fortemente organizado e enraizado no mundo do trabalho, o PCP parece apto a resistir a profundas divisões ou a querelas pessoais ou ideológicas.

Reportagem de
Eugénio Alves
José Gomes Bandeira
Bruno Neves (fotos)

Movimento sindical

«A CGTP conta actualmente com 153 sindicatos filiados. Mais 70 sindicatos não filiados participam na sua actividade. O MSU representa um milhão e 600 mil trabalhadores». (...) «O PCP não só reconhece os princípios do MSU, educando os militantes no seu escrupuloso respeito, como inscreve nos próprios estatutos a obrigatoriedade de os

Oferecer livros um acto de amor

Memorial do Convento
Homem e Mulher
na intimidade
Jovem Marx

O JOVEM
MARX

o Homem
e a Mulher
na intimidade

Boas Festas
melhores festas com **editorial CAMINHO**

INFORMÁTICA

BASIC PARA MICROCOMPUTADORES

A. P. STEPHENSON

Concebido a pensar naqueles «fans» da informática que ainda não dominam completamente esta tecnologia, este livro destina-se essencialmente a uma utilização prática, encorajando o leitor a escrever os seus próprios programas.

COMO PROGRAMAR O SEU ZX81

PATRICK GUEULLE

Conheça todas as potencialidades do seu ZX81, da música à imagem e à transmissão de mensagens, descobrindo neste guia os segredos da sua utilização! Através de exemplos simples aprenda a programar com o módulo 16 K e em linguagem-máquina, a explorar a memória, as vantagens dos interfaces e muitas outras funções do seu computador!

Outros títulos já publicados:

- ABC dos Computadores
- Introdução à Programação de Micro-computadores
- ABC do Microprocessador
- Guia Prático do Cobol
- Guia Prático do Basic
- ABC da Programação de Computadores

Peça o Catálogo Geral à



EDITORIAL
PRESENÇA

RUA AUGUSTO GIL 35-A
TELEF. 76 69 12 - 76 30 60 - 1000 LISBOA



Evite o encandeamento.

Vele pela sua segurança

e pela dos outros.

circular e viver.



Congresso PCP • Congresso PCP • Congresso PCP • Congresso PCP

● RTP

A primeira moção aprovada por unanimidade e aclamação no X Congresso do PCP aconteceu ontem à tarde e visava a RTP. O documento referia-se concretamente «à forma como os blocos das 20 e das 23 horas de antontem, dia 15, no primeiro canal, trataram o Congresso, «um grande acontecimento político que nenhum órgão de Comunicação Social, e designadamente do sector público, pode ignorar ou menosprezar dada a sua indiscutível relevância no plano informativo», de que a RTP não deu uma única imagem.

A moção condenava «vigorosamente o vergonhoso boicote informativo da RTP», traduzido ainda na passagem, nesse dia, de «um pequeno filme», que é «realmente de falsificação da história» e exigia ainda dos responsáveis da RTP «da pronta rectificação do vergonhoso comportamento».

● Líbano

«Fazê-los partir do Líbano porque se desviaram da missão que lhes tinha sido confiada» foi a solução exigida pelo representante da Frente de Resistência Nacional Libanesa em relação à presença das tropas norte-americanas no Médio Oriente, durante a intervenção no Congresso do PCP. O representante do partido de Jumblatt enalteceu ainda a aliança com a Síria e com a União Soviética.

tica, «a qual estamos particularmente gratos pelo apoio dado à nossa causa».

No final, a caminho do seu lugar na tribuna, o representante da Frente Libanesa foi cumprimentar o chefe da delegação soviética no Congresso, Mikhail Gorbachev.

● Líbano-II

Por seu turno, o representante do partido governamental sírio (Partido Socialista Árabe Baath), dr. F. Suwaygh, também ontem à tarde, no Palácio de Cristal, afirmou que «a coberto da chamada força multinacional no Líbano, os fuzileiros navais dos EUA, os «marines», agredem as forças nacionais progressistas do Líbano, o exército da Síria e os palestinianos do Líbano».

O representante do PC Sírio, usando da palavra logo a seguir, fez um apelo à União Soviética para apoiar a luta do seu povo e a luta que actualmente se trava no Médio Oriente, concluindo: «Viva a amizade com a URSS».

● Delegados

De acordo com os dados fornecidos à Imprensa por Dias Lourenço, do CC do PCP, estão no X Congresso 2096 delegados (127 dos quais por inerência), sendo, as percentagens, por composição social, as seguintes: 49,6 de operários; 2,4 de agricultores; 22,3 de empregados; 15,2 de intelectuais e quadros técnicos; e 10,5 de diversos.

● A crise

O economista Carlos Carvalhas, membro do CC do PCP, durante a sua intervenção, ontem à tarde, nos trabalhos do X Congresso, perguntou: «que argumentos podem justificar o não aproveitamento dos recursos mineiros, hídricos e potencialidades agrícolas ou, por exemplo, que se continuem a gastar 80 milhões de contos por ano em divisas, com o pagamento de fretes a navios estrangeiros, e não se invista na construção de uma Marinha Mercante adaptada às nossas necessidades, aproveitando simultaneamente a capacidade dos nossos estaleiros navais? Que argumentos podem justificar o não apetrechamento da nossa frota de pesca sabendo-se que se continua a importar cerca de 14 milhões de pescados?»

Mais adiante disse Carlos Carvalhas: «para se vencer a crise e promover o desenvolvimento, há um factor essencial que não entra nos cálculos dos tecnocratas, nem dos políticos de direita que realizam uma política ao serviço de uma minoria. Esse factor determinante é a intervenção activa, entusiástica e criadora dos trabalhadores e das populações na resolução dos problemas».

● Tensão

«O vosso congresso realiza-se numa situação internacional complexa e tensa». Esta afirmação foi feita pelo secretário do CC do PC Búlgaro,

Stanichev Dmítar, durante a intervenção de ontem no Congresso do PCP.

● «Do anticomunismo»

Uma das intervenções mais significativas de ontem foi a de Jorge Araújo, subordinada ao tema «Anticomunismo arma da reacção». Um excerto: «Outras das teclas muito batidas pelos profissionais, conscientes ou inconscientes, do anticomunismo, é a de que o PCP é um partido dependente de centros de decisão externos, um partido defensor de modelos estrangeiros e, em particular, do modelo soviético. Foi no tempo do fascismo um dos mais importantes e mais permanentes temas de propaganda anticomunista. Continua hoje a ser utilizado intensamente servindo para o desenvolvimento de outros temas e campanhas e para justificação de objectivos discriminatórios e repressivos. Aqueles que apresentam o PCP como um partido sem raízes nacionais, como corpo estranho à realidade nacional, são os mesmos que praticam, patrocinam ou conferem naturalidade a todas as ingerências, pressões e exigências do imperialismo sobre a vida nacional e a todas as estreitas ligações e subordinações do PS, PSD e CDS ao imperialismo e a organizações partidárias supranacionais».



Mulheres nos órgãos executivos

‘Perfeitamente natural’

— afirma Rosa Rabiais

«É bom, é positivo e reflecte o papel da mulher e do nosso partido na defesa dos direitos e das liberdades das mulheres», comentou para o «DL», Rosa Rabiais, do CC, ex-empregada bancária e actualmente no sector laboral da DORI, a propósito da possibilidade de as mulheres ascenderem, pela primeira vez, aos órgãos executivos do CC do PCP. A referência a tal possibilidade, que assinalaria uma novidade deste X Congresso, foi feita como se sabe, logo na abertura dos trabalhos, por Álvaro Cunhal.

Rosa Rabiais disse-nos «ser natural que a crescente intervenção da mulher e as suas responsabilidades se reflectam em termos orgânicos», e que a alusão feita por Álvaro Cunhal «foi perfeitamente natural mas também foi uma boa notícia».

Marília Cabral, outra mulher do CC, também da DORI e do sector laboral, ex-empregada da escritório, disse-nos por seu turno que a subida das mulheres aos órgãos executivos «é uma necessidade do Partido e reflecte o papel da mulher, quer no partido, quer na vida nacional». «É um problema já abordado no anterior Congresso acrescentou Marília Cabral, salientando o papel da mulher na Reforma Agrária. Recordando a forma como o Congresso reagiu, com aplausos, àquela passagem do discurso de Álvaro Cunhal, Marília Cabral acrescentou tratar-se de «um dado muito significativo» e que o reconhecimento do papel da mulher na vida política «é, assim, uma aquisição colectiva».

Octávio Cunha (UEDS):

Ilusório um governo de salvação nacional sem apoio do PS e do PCP

«Nas condições actuais em que, politicamente, as forças se repartem, parece-me ilusório esse objectivo», disse ao «DL» o médico português Octávio Ribeiro da Cunha, membro da Comissão Nacional da UEDS, a propósito da referência feita por Álvaro Cunhal, na abertura do X Congresso, à necessidade de «um governo democrático de salvação nacional». «É impensável que um governo desses sem o apoio do PS e do PCP possa governar de forma eficaz», acrescentou Octávio Cunha, aludindo à completa ausência de condições para um diálogo entre aquelas duas componentes fundamentais da esquerda portuguesa.

As outras forças de esquerda, os pequenos movimentos e partidos, disse ainda Octávio Cunha «são forças muito produtivas sob o ponto de vista ideológico, mas sem força significativa no impacto social».

Quanto às presidenciais, o outro ponto abordado no breve diálogo com Octávio Cunha, este dirigente da UEDS disse ao «DL»: «Não temos posição nenhuma definida ainda. Só temos por assente que nos vemos muito mal a apoiar um qualquer candidato apoiado pelos partidos de direita. Nesse caso da candidatura de Mário Soares, não vemos como é que a UEDS podia apoiá-lo, mas é questão a ser discutida na devida altura. Pensamos que seria bom um candidato civil que fosse também a expressão de uma maioria eleitoral que é de esquerda, como tem sido nas anteriores eleições».

LATINA

Comunicar cada vez melhor

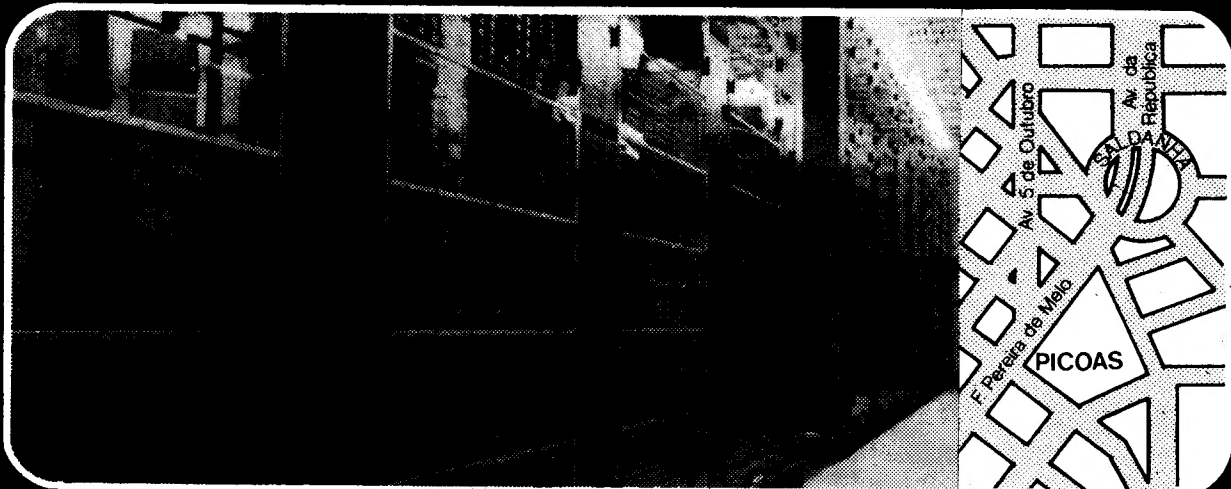
CENTREL

A CENTREL fabricou e instalou o equipamento das novas Estações Interurbanas de PICOAS, destinadas a melhor servir o público utente dos CTT, TLP e Rádio Marconi. O equipamento correspondente a estas 3 Estações — EIUT de Entrada, EIUT de saída e EIUZ — foi fabricado na fábrica da CENTREL em Cabo Ruivo, ocupando uma força de trabalho de 1.200 pessoas durante cerca de 10 meses. Resultante da íntima colaboração entre os CTT TLP e a CENTREL, as novas Estações Interurbanas de PICOAS são mais um importante passo na modernização da Rede Nacional de Telecomunicações.



RUTOMÁTICA ELECTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.

Av. Infante D. Henrique, 333 — 1800 LISBOA Telef: 31 31 71, 33 10 51 (9 linhas) Telex: 12 190 CAEPCR P



Cimeira dos Cinco em Bissau decide apoio à Fretilin

Os cinco países africanos de expressão oficial portuguesa vão concertar e coordenar as suas acções de sensibilização de Portugal e dos organismos e organismos internacionais relativamente a Timor-Leste — disse ontem em Bissau uma fonte oficial.

Uma proposta estruturada nesse sentido foi apresentada à segunda conferência ministerial dos cinco países, que decorre em Bissau, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da República de Timor Leste, Mari Alkatiri, que chefiava a delegação da FRETELIN.

Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe querem «levar Portugal a não se demitir das suas responsabilidades históricas de potência administrante de Timor Leste, que não levou às últimas consequências o processo de descolonização, pois pensam que Portugal deve continuar a intervir activamente» — indicou o porta-voz oficial da Conferência.

Os cinco países vão concertar as suas acções também relativamente à ONU, Movimento dos Não Alinhados, Organização da Unidade Africana, Organização dos Estados Americanos, Commonwealth, Conferência Islâmica e a vários países que «podem jogar um papel importante nesta nova dinâmica» — acrescentou.

Embuçados ou de gabardine e óculos escuros?

Secretários de Estado entraram em S. Bento pela porta do cavalo...

O porta-voz do Primeiro-Ministro disse-me, ao telefone, cerca do meio-dia de ontem: «Não houve, nem haverá, qualquer pedido de demissão dos secretários de Estado do Ministério da Educação. Essa e outras notícias do género visam criar instabilidade no seio do Governo e desorientar a opinião pública. Não está prevista qualquer audiência para hoje dos referidos secretários de Estado».

Perguntei ao meu interlocutor se estava mesmo a falar na sua qualidade de porta-voz. Isto é: se estava a ser a voz do dr. Soares. Que sim, que estava, garantiu-me.

Pousei o auscultador. Sabia, de fonte indelével, mas que não podia revelar, que os três secretários de Estado iriam, três horas e meia mais tarde, depois desta conversa, à residência do Primeiro-Ministro para aí apresentarem, conjuntamente, o seu pedido de demissão.

Ah, fadistas!

Às três e meia da tarde, junta-

mente com o meu camarada José Tavares, repórter fotográfico, cheguei à residência oficial do Primeiro-Ministro. Fotografar e ouvir de viva voz os três secretários de Estado era o objectivo.

Porém, o porta-voz, ainda que pouco à vontade, garantiu, de novo, que estávamos mal informados, que não havia pedido de demissão nenhum, que os secretários de Estado não iam a S. Bento. Ontem à tarde, afirmou, apenas o general Salazar Braga seria recebido pelo Primeiro-Ministro.

Depois de mais de uma hora de espera regressámos à redacção. Na verdade, dos secretários de Estado, nem rasto...

... O que se compreende, agora. Eles entraram, não pela porta da frente, mas pela «porta do cavalo». A audiência realizou-se, os secretários de Estado estiveram com Mário Soares. Onde, foi mistério que não conseguimos desvendar.

Como o «DL» noticia noutro local com mais pormenor, Soares não aceitou a demissão. O que pode querer dizer que hoje o

Primeiro-Ministro que temos ou o porta-voz a que tem direito (e é muito bem feito), convencidos que ninguém sabe deste episódio digno do mais cartão fado malandro, virão dizer ao País que não houve nem haverá demissões e que a notícia do «DL» visou apenas criar instabilidade no seio do Governo e desorientar a opinião pública...

Provavelmente o dr. Soares, ou quem ingloriamente lhe porta a voz, dirão talvez mesmo mais: o Governo está sólido que nem um penedo, está para durar nem que seja até ao Congresso do PPD e remodelações nem pensar nisso, pois a pressões — desengagem-se — não cede.

Além disso é Natal e este ano não há prendas para ninguém, que o dr. Emâni não deixa.

Por mim, uma gargalhada sonora. E duas perguntas. Quem é que foi enganado em S. Bento? Qual o estof moral e político de um Primeiro-Ministro que assim trata os profissionais da Informação e a opinião pública e assim vai «resolvendo» os problemas?

Ribeiro Cardoso

Comissão Permanente do PS afirma

Há espaço político para um novo Partido Comunista

O PS realçou ontem «a melhoria da situação financeira do país, com destaque para a substancial redução do défice da balança de pagamentos».

Esta declaração emanou da reunião da Comissão Permanente dos socialistas e da análise da situação política actual.

A Comissão Permanente debruçou-se sobre a situação decorrente do Congresso do PCP, onde, embora convidado, o PS não se fez representar.

«Ao contrário do que afirmam as teses aí apresentadas, há em Portugal um espaço político, não para a constituição de um outro Partido Socialista, mas sim para a criação de um novo Partido Comunista, capaz de privilegiar a consolidação do regime democrático, pluralista e civilista e não o permanente golpismo político-militar» — afirma o comunicado.

Tal Partido Comunista — referem —, seria «português, nacional, actuando no quadro da Europa Ocidental e não na dependência de Moscovo e do Pacto de Varsóvia» e também «criativo, dialogante com a esquerda democrática e não um partido marxista-leninista dogmático, conservador e esclerosado, totalmente à margem da problemática moderna».

A Comissão Permanente do PS delineou a programação das suas actividades para os próximos seis meses, visando «a dinamização da acção do Grupo Parlamentar», o «reforço nos domínios autárquico, sindical e cultural» e o «diálogo com as correntes da área do socialismo democrático, nomeadamente a Nova Esquerda».

Parabéns a Willy Brandt

O secretário-geral do PS, Mário Soares, enviou a Willy Brandt um telegrama de felicitações pelos seus 70 anos manifestando-lhe a sua «profunda admiração, solidariedade e amizade».

Na mensagem, Soares reitera ao presidente da Internacional Socialista o reconhecimento pela «solidariedade activa do SPD» aos portugueses «antes e depois do 25 de Abril, e muito em particular no ano decisivo de 1975, quando, por iniciativa de Willy Brandt, foi criado em Estocolmo o Comité de Defesa da Democracia Portuguesa».

No telegrama, Soares afirma que «Willy Brandt é um ponto de convergência fundamental para os socialistas, para os democratas e para os homens de progresso de todo o mundo».



**SINDICATO
DOS METALÚRGICOS
DE LISBOA**



ELEIÇÃO PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO

PARA O PERÍODO DE 3 DE FEVEREIRO DE 84
A 2 DE FEVEREIRO DE 87

(MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, DIRECÇÃO
E CONSELHO FISCAL)

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 76.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Eleitoral a realizar nos dias 1 e 2 de Fevereiro de 1984 e referente ao triénio de 1984/1987.

NOTA:

Oportunamente será informado a localização e horário de funcionamento das mesas de voto.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1983

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
JOSÉ ERNESTO RIBEIRO CARTAXO



**CÂMARA
MUNICIPAL
DE LOURES**

CHEIAS FINANCIAMENTO PARA RECONSTRUÇÃO E RECUPERAÇÃO

Está o Serviço Nacional de Protecção Civil a proceder a um levantamento e recolha de elementos aos prejuízos causados pelas cheias, nas áreas da **Agricultura, Comércio e Serviços, Indústria e Habitação**, a fim de apurar quais os interessados em financiamento concedido pelo Governo.

Este financiamento terá uma bonificação de **10 por cento** para a recuperação de habitações e uma bonificação situada entre os **3 e os 5 por cento** nos restantes sectores.

Nesse sentido avisam-se todos os interessados que se devem dirigir às respectivas Juntas de Freguesia, onde se encontram à sua disposição **fichas especiais** para serem preenchidas pelos requerentes dos empréstimos.

As Juntas de Freguesia têm funcionários especialmente destacados para o acompanhamento do assunto.

Alertam-se os interessados que a data limite de entrada dos requerimentos, nesta Câmara, é o dia **30 de Dezembro**, pelo que se chama a atenção para a necessidade dos requerentes se dirigirem o mais rapidamente possível à sua Junta de Freguesia a fim de preencherem as fichas especiais, fazendo-se acompanhar do maior número de informações correctas sobre os danos sofridos.

Loures, 15 de Dezembro de 1983

Simpósio sobre "comunicações e desenvolvimento" apresentou seis propostas concretas ao Governo

«Creio traduzir o sentimento de todos ao dizer Valeu a pena», afirmou esta manhã o secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro, na sessão de encerramento do primeiro simpósio sobre «As comunicações e o Desenvolvimento» que decorreu no novo edifício dos CTT, às Picoas, em Lisboa, no âmbito do Ano Mundial das Comunicações. Presentes estavam igualmente um representante pessoal do presidente Eanes, que se deslocara ao aeroporto para aí se despedir de Mobutu, o ministro do Equipamento Social e Richard Butler, secretário-geral da União Internacional das Telecomunicações.

No decurso da sessão foram apresentadas ao Simpósio as seis recomendações surgidas das diferentes sessões do simpósio e elaboradas pela respectiva comissão técnica. A ideia de condensar o resultado dos trabalhos em seis medidas a propor ao Governo para execução nos próximos seis meses foi apresentada

pelo próprio secretário de Estado, na sessão inaugural do Simpósio.

A propósito da apresentação destas seis recomendações o presidente da Comissão Técnica afirmou ter a certeza de que o Governo, de quem partiu esta inédita iniciativa de diálogo construtivo, não frustrará as nossas expectativas e que, dentro de seis

meses teremos legislação que contemplará adequadamente as recomendações propostas.

Na sua forma mais resumida apresentada pela própria Comissão, reproduzimos a seguir as referidas recomendações:

Recorda-se ao Governo que:

1. Patrocine a implementação de um programa de formação de técnicos no sector, incluindo aspectos de reciclagem e formação permanente, o qual deverá passar pela cooperação estreita entre os parceiros do sector, tendo em atenção nomeadamente, todas as potencialidades que felizmente já existem neste, com incidência nas áreas de ensino técnico profissional e de base, nas de ensino superior pré e pós gradua-

do e contemplando a engenharia, a economia e a gestão, próprias do sector.

2. Se proceda à tomada de decisões relativas às fases de introdução da comutação digital na rede, tendo em atenção a salvaguarda da intervenção nacional, neste domínio.

Se proceda à definição de um plano nacional de transmissão.

Se proceda à implementação de uma prática de gestão técnica global da rede actual, apoiada na aplicação generalizada de equipamento electrónico nacional.

3. Autorize os CTT a implementar o serviço de cheques postais.

4. Que acelere, com a participação efectiva dos restantes parceiros do sector, a tomada de de-

cisões quanto aos novos tipos de equipamento a adoptar, de forma a permitir a sua produção pela indústria.

Que lance de imediato um projecto nacional de tecnologia de informação que obrigue, à partida, à cooperação institucional entre diversos os parceiros sectoriais acima referidos, visando o desenvolvimento a curto prazo de um escritório electrónico modelo e a sua eventual adopção a médio prazo, em larga escala, nas estruturas estatais e públicas em Portugal.

5. Defina com clareza os objectivos que deverão ser alcançados pelos sistemas nacionais de comunicações.

6. Crie condições que permitam melhorar o funcionamento coordenado das empresas do

sector e a sua gestão, nomeadamente quanto:

— Ao desenvolvimento de vectores interinstitucionais que permitam uma projecção agressiva do sector face aos restantes sectores económicos nacionais e a competição do mercado internacional.

— A definição do estatuto de gestão nas empresas públicas, conferindo-lhes maior responsabilidade, num clima de maior estabilidade e liberdade.

— Ao estabelecimento de uma prática de gestão baseada em planos de investimento plurianuais.

Finalmente, recomenda-se ao Governo:

Coopere-se, que haja resultados visíveis, dentro de seis meses.

Industriais querem saber o que vão produzir

«É preciso criar mecanismos que levem a uma definição participada pelos diferentes parceiros do sector duma política de equipamentos de telecomunicações, que permita decisões sobre o que deve ser projectado e fabricado em Portugal, o que deve ser licenciado, o que deve ser simplesmente importado e o que poderá eventualmente originar contrapartidas para a exportação». Esta uma das conclusões do primeiro Workshop sobre engenharia das telecomunicações e dos

computadores que foram apresentadas no Simpósio das Picoas.

Nela se reflecte um dos aspectos em que os industriais mais insistiram no simpósio e de que depende em grande parte a correcta gestão das empresas do sector. «Senão soubermos que equipamentos é que os poderes públicos pensam instalar daqui por uns anos, como é que podemos planificar a nossa produção, preparar os nossos técnicos, dimensionar a nossa actividade?», perguntava-nos um

dos participantes nos debates.

Por outro lado, referia-nos a mesma fonte, como é que se pode concorrer num mercado em que a definição do que se pode importar e do que não se pode, depende essencialmente de critérios subjectivos, que muitas vezes têm a ver apenas com a vontade de quem licencia a importação? Por outra palavras que garantias oferecem os poderes públicos aos industriais, no sentido da igualdade de tratamento no que respeita às im-

portações e ao controlo efectivo das percentagens de incorporação nacional declarada para cada produto?

«Estamos e perder mercados de exportações»

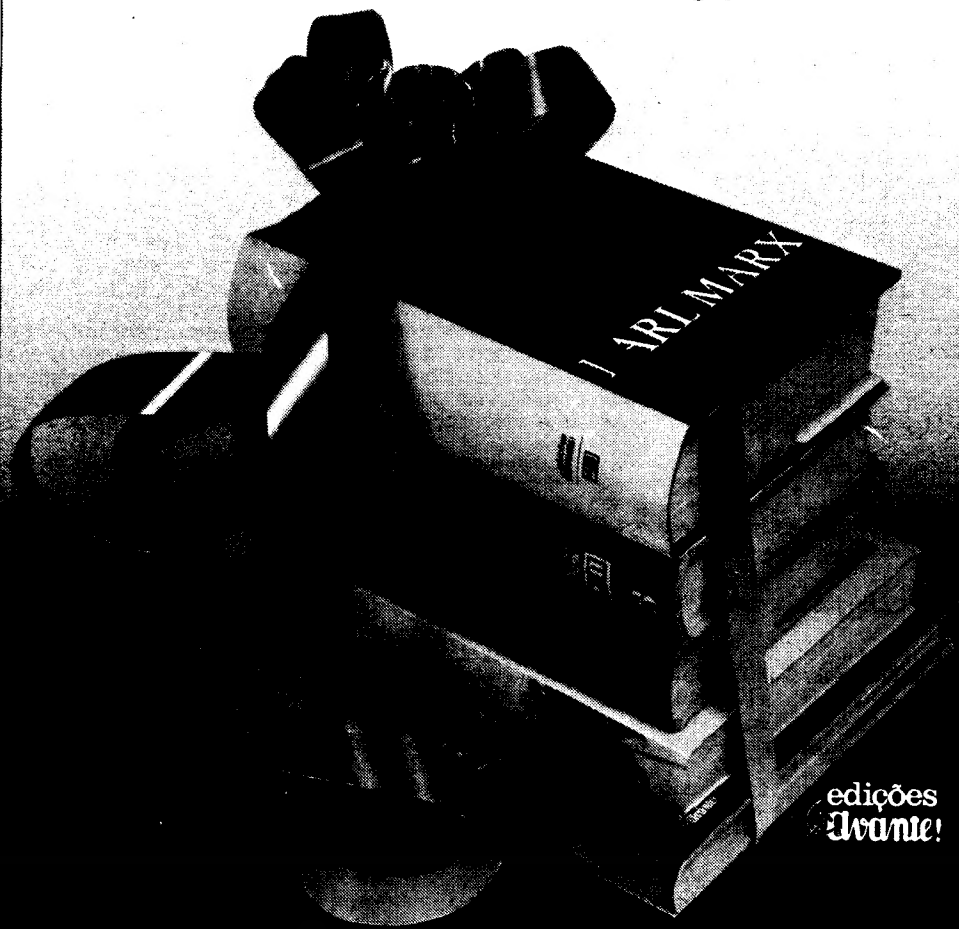
No campo das exportações a realidade continua também a contradizer as numerosas declarações de intenção dos responsáveis do sector. A título de exemplo veja-se a situação recentemente comunicada ao Primeiro-Ministro pela Standard Eléctrica, uma

das empresas que, juntamente com a Centrel, mais se destacam na indústria portuguesa das telecomunicações.

De acordo com o telex enviado a Mário Soares por aquela empresa, «o mercado de Angola representou e representa para as telecomunicações portuguesas uns milhões de dólares de exportações anuais e com a situação criada consideramos que passos estão dados no sentido de também este mercado ser irremediável e definitivamente perdido a favor do Brasil».

Citando diversos casos concretos em que as suas importações já negociadas com importadores dos países africanos de expressão oficial portuguesa foram inviabilizadas por dificuldades, quer de linhas de crédito quer de seguros de crédito, o telex afirma que a empresa acaba de perder uma encomenda para exportação de material de comutação telefónica que tinha em fase avançada, de negociação com Cabo Verde e que acabou por ser adjudicada ao Brasil.

Livros *Avante!* a Melhor Oferta de um Comunista



Obras escolhidas de Marx/Engels
Obras escolhidas de Lenine
Biografia de Marx
60 anos de luta
Barranco de Cegos

FABRICANTES:

- OLIPOR - CILINDROS HIDRÁULICOS
- METTER - BALSULANTES, CAIXAS DE CARGA DE QUALQUER TIPO, TAPAS ELEVADORES, POLYURETHANES, GRUAS
- PRIMO - REBOQUES, SEMI-REBOQUES, PORTA-MÁQUINAS
- CONSTRUTORA - EQUIPAMENTO DE SALUBRIDADE PÚBLICA
- VALMOR - CISTERNAS PARA POLVIERENTES

BASMAIOR
CAPACIDADE TECNOLÓGICA

BASMAIOR
SOB O SÍMBOLO DA DISTINÇÃO

BASMAIOR
AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA NACIONAL

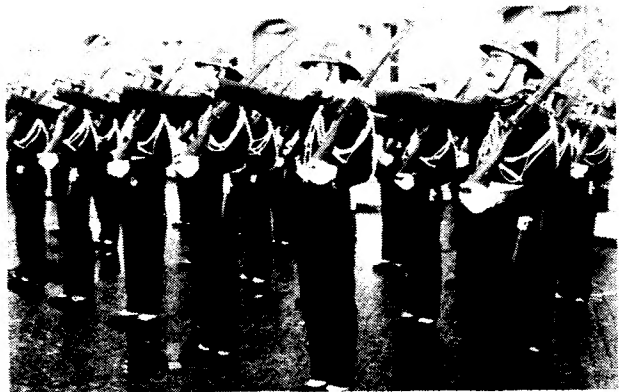
BASMAIOR
MARCA COMPROVADA INTERNACIONALMENTE

BASMAIOR INDUSTRIAL

BASCULAS DE RIO MAIOR, LDA. — 2040 RIO MAIOR — PORTUGAL

de ontem para hoje

Compromisso de honra
para 521 soldados da GNR



NO Quartel da Ajuda, 209 soldados da GNR prestaram ontem o seu compromisso de honra numa cerimónia (foto) presidida pelo 2.º comandante daquela força paramilitar, brigadeiro Almeida Brito. Idêntica cerimónia teve entretanto lugar em Arcos de Valdevez, com a presença do general Tomé Pinto, comandante-geral da GNR, na qual juraram bandeira 212 novos soldados.

Naufrágio do «Amor de Filomena»

O pesqueiro «Amor de Filomena» do porto de Vila Real de Santo António, naufragou esta madrugada nos baixios do Guadiana, devido ao mau tempo. A embarcação, que se dedicava à pesca de malhe, tinha 14 metros de envergadura. Em socorro do «Amor de Filomena» saiu um salva-vidas que recolheu os quatro

tripulantes, não se tendo registado acidentes pessoais. O mestre e armador José dos Santos Carmo Rosa disse que o naufrágio, ficou a dever-se à água entrada na casa das máquinas, o que levou à paragem do motor e consequente arrastamento da embarcação para os baixios, onde ficou presa, junto da praia espanhola de Canelas.

Brasileiro vitimado no Estoril

Um automóvel Forde Escort, com a matrícula CO-22-99, despistou-se à saída do Estoril, na auto-estrada que liga Cascais a Lisboa, tendo provocado a morte do seu condutor, e único ocupante, António Manuel Roque Magalhães Ribeiro, de nacionalidade brasileira, mas a residir em Portugal. O veículo, que foi embater numa árvore, despistou-se, ao que afirma a Brigada de Trânsito da PSP, devido ao excesso de velocidade e ao piso molhado.

Ecologistas querem Natal diferente

Os ecologistas reivindicam «um Natal diferente que seja uma celebração da vida», afirma o grupo Amigos da Terra, em comunicado ontem divulgado. «O Natal é uma grande festa onde se vende de tudo e tudo se compra, paraíso do consumismo e do supérfluo no qual as pessoas procuram esquecer em quatro ou cinco dias os outros 360 de frustração» — consideram os Amigos da Terra. Os ecologistas con-

denam, no documento, «o abate de milhares e milhares de pinheiros» que «destrói o solo, promovendo o arrastamento de nutrientes, a erosão de muitos hectares de terreno e o assoreamento consequente dos cursos de água». Esse abate, afirmam, cria condições para a ocorrência de «catástrofes tão incontáveis como as cheias que recentemente atingiram a região de Lisboa».

Timorenses em festa no Jamor

As crianças timorenses refugiadas em Portugal têm hoje a sua festa de Natal, organizada pela União dos Refugiados de Timor e por uma série de outras associações. Um jogo de futebol nos terrenos do Jamor onde vivem, uma missa, uma merenda e um acto de variedades integram o programa que se prolonga por todo o dia.

Salvo pela mãe do fundo dum poço

Um garoto de dois anos, Tiago Adão, caiu a um poço com vinte metros de profundidade, existente no quintal da sua casa, em Vila Nova de Quares, Marco de Canaveses. A sua mãe, que se havia ausentado, temporariamente, a fim de ir à feira local, chegou,

entretanto, e ao aperceber-se da trágica ocorrência, decidiu ir ela própria buscar o filho. Com a ajuda de uma corda, com roldana, e de uma prima, desceu até ao fundo do poço e conseguiu regressar à superfície trazendo Tiago Adão, são e salvo.

Incêndio na boite «Caruncho»

A boite «Caruncho», localizada no Lumiar, foi quase totalmente destruída por um incêndio causado, em princípio, por um curto-circuito, mas em que não está posta de parte a hipótese de fogo posto. Na altura do sinistro não estava ninguém nas instalações. No combate às chamas intervieram dez viaturas e sessenta homens do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Morreu o padre Rocha e Melo

O padre Rocha e Melo, funcionário da Rádio Renascença, faleceu ontem, em Lisboa, vítima de cancro. Rocha e Melo contava 59 anos.

A agressão ocorreu na noite da morte de Sá Carneiro

Detido no Porto o estudante que cegou um apoiante de Eanes

Ao princípio desta madrugada foi detido no Porto um indivíduo suspeito de ter cegado parcialmente naquela cidade um apoiante da candidatura do general Eanes, ao ter conhecimento da morte de Sá Carneiro em Camarate. Pedro Maria Pereira de Meneses Nogueira, de 22 anos, estudante, acusado de homicídio frustrado foi interceptado pela PSP na Rua da Constituição. O referido indivíduo já havia sido preso anteriormente, mas por intermédio do seu advogado, recorreu do despacho de pronúncia para o Tribunal da Relação, mantendo-se, por isso, em liberdade condicional. Entretanto, aquele plenário

pronunciou-se favoravelmente pelo crime pelo qual estava acusado e emitiu novos mandados de captura através do 2.º Juízo Criminal do Porto, onde terá lugar o respectivo julgamento.

Saliente-se que, tal como da primeira vez, mas agora de uma forma mais espalhafatosa Pedro Meneses voltou a fazer a «vida negra» aos seus captores, recusando-se a acompanhá-los e tentando agredi-los, o que motivou o uso da força muscular por parte dos agentes e, também, das algemas.

Dizendo-se protegido «do general Soares Carneiro, visita assídua da sua casa», Pedro Meneses não se eximiu de insultar

os agentes, apelidando-os de «escumalha policial» a quem «faria lambem o chão». Por outro lado, já depois de detido Pedro Meneses continuou com provocações, afirmando, entre outras coisas, que «ides saber quem eu sou», ao mesmo tempo que atribuía a responsabilidade do mandado «a uma mulher a dias do tribunal».

Passaram-se já mais de três anos sobre a data da agressão que atingiu o empregado António Manuel Gomes Campos, de 27 anos, sobrinho do industrial António Gonçalves Gomes, proprietário do supermercado «Villares» e principal apoiante no Norte da candidatura do general Ramalho

Eanes.

A agressão não foi, por conseguinte, obra do acaso. A vítima encontrava-se no interior do supermercado e, tal como outros empregados, ostentava um autocolante de Eanes. Pedro Meneses dirigia-se, integrado num grupo, para o Coliseu do Porto, onde devia ter lugar um comício com Sá Carneiro, e, ao passar defronte do supermercado, destacou-se do grupo em que seguia integrado e atacou à facada o empregado indefeso. António Manuel Gomes recorreu a inúmeros especialistas portugueses e estrangeiros, mas acabou por perder a vista direita.

Membro duma rede de traficantes de automóveis

Escondeu-se num sótão em Freamunde mas foi descoberto pela Judiciária

A Polícia Judiciária foi capturar no sótão de uma casa em Freamunde, onde estava escondido, Domingos Gomes Ribeiro, de 35 anos, por alcunha «O Rato», envolvido numa rede de tráfico de viaturas, a qual tinha o seu «quartel-general» em Vila das Aves. Domingos Ribeiro, considerado como um perigoso ca-

dastrado, andava evadido desde fins de Junho, estando condenado a uma pena de treze anos por envolvimento em diversos assaltos.

Relativamente às 28 viaturas recuperadas pela Polícia Judiciária à referida rede, tinham sido furtadas em diversas cidades do Norte de Portugal e seguida-

mente transformadas, de forma a não levantarem suspeitas aos seus proprietários.

Na sequência das investigações já tinham entretanto sido detidos os «cérebros» da rede: o comerciante António Nogueira da Silva, de 33 anos, morador no lugar da Carreira, em Vila das Aves, mas com uma oficina e

garagem na Rua Antero de Quental, no Porto, e o cadastrado José Maria de Sousa Ribeiro, de er anos morador no lugar de Vil (em Guardizela) Guimarães. Refira-se por último que o «rato» deu entrada nas prisões privativas da PJ que agora irá investigar as suas actividades durante o período que andou evadido.

Equipa de pilotagem foi totalmente ilibada

Técnico da manutenção responsabilizado pelo incidente com Boeing da TAP

O inquérito ao incidente ocorrido em 21 de Junho último com um Boeing da TAP proveniente do Rio de Janeiro (paragem de dois reactores, após a aterragem na Portela, quando o avião circulava em direcção ao local de estacionamento) terminou com a aplicação de uma «repreensão registada» ao técnico de manutenção responsável pelo abastecimento de combustível ao aparelho em causa.

O técnico foi considerado «comprovavelmente culpado de menos diligência na execução

do abastecimento do avião», porquanto foram «efectivamente abastecidos menos 2200 quilos do que os requerimentos pelo plano de voo, como resultado da deficiente conversão do peso em volume na ordem, a companhia abastecedora». O inquérito apurou ainda que houve «erro de medida do sistema de indicadores da quantidade de combustível nos tanques». Para além destas, duas outras razões contribuíram, segundo o inquérito, para a paragem dos dois reactores do aparelho: o atraso de dez minutos em rota de devido a «ventos

desfavoráveis e discordantes do plano de voo» e a espera de 22 minutos à chegada à capital, em consequência de a pista principal do aeroporto estar ocupada na altura por avião de outra companhia.

Relativamente ao comandante do avião e ao técnico de voo, o instrutor dos processos disciplinares (um jurista não pertencente aos quadros dos TAP) concluiu pela «total ilibação» de ambos, reconhecendo a sua «correcta e adequada actuação face à situação».

Consideradas algumas excepções

Época de caça termina no dia de Natal

O fecho da «época geral de caça» terá lugar este ano no quarto domingo do mês em curso, pelo que o último dia de «caça geral» será a 25, inclusive. A partir dessa data, segundo determina uma portaria do Ministério da Agricultura, Florestas e Alimentação, apenas será autorizada a caça de aves migratórias (pombos bravos, narcejas, galinhas, abibes, tarambolas,

tordos e estorninhos), nos locais, nos períodos e através de processos que, previstos pela Lei da Caça, venham a ser objectivados em editais oportunamente divulgados; patos, galinões e galinhas de água, até ao último domingo de Janeiro e até ao limite de dez por dia e por caçador, de barco ou «à espera», com ou sem cães e negaças, nos terrenos e com os condicionamentos

definidos para a caça das narcejas; corvos, gralhas, pegás e gaios, sem limite de peças por dia e por caçador, nos terrenos e com os condicionamentos definidos para a caça dos pombos bravos, galinhas, narcejas e tordos; lobos, raposas, javalis e gamos nos locais, nos períodos e através de processos definidos em regulamentos específicos.

Homem electrocutado em Faro

O mau tempo que se fez sentir na noite de quinta-feira e na madrugada de ontem no Algarve provocou um morto em Faro e avarias eléctricas em toda a re-

gião. A vítima foi um homem de 60 anos que ao caminhar no centro da capital algarvia morreu electrocutado, quando uma faísca atingiu um poste, fazendo cair os fios eléctricos. Quanto às re-

des de abastecimento de energia eléctrica da Federação de Municípios e da EDP sofreram elevados danos que provocaram prolongados cortes, nomeadamente em Sagres e Vila do Bispo.

Liliput e Babel

Continuação da pág. 3

grande é monstruoso, incompreensivelmente monstruoso.

Manter indefinidamente o estado de corrosão é não tirar partido da própria crise para incitar os habitantes de Babel a participar numa intervenção briosa, útil, a caminho de racionais liliputs do nosso futuro.

O Estado, o maior consumidor, é o maior delapidador de energias sociais. A Administração Pública precisa não só de mais gente como de projectos e de renovação.

A coordenação harmoniosa de liliputs só é entendível desde que o Governo, após audição dos interessados, encete um programa de reformas dignas desse nome.

Deixar o paquiderme agonizante só quer dizer uma coisa: desprezo total pela coisa pública. O prazer de Babel, com as suas muitas línguas de desvario e apoplexia, é o espelho fiel de um País que se flagela no desperdício e no amesquilhamento. Babel, na Administração Pública, diz-nos que o Estado perdeu o respeito por si próprio.

A partir daí, os consumidores, utilizadores, contribuintes, bem podem andar desenganados — a Administração Pública foi posta em leilão.

Que, ao contrário das postas suculentas que o Governo vai vendendo nas suas cedências e reprivatizações, não tem comprador.

A coisa pública não dá gozo ao capital.

Beja Santos

Portugal e Espanha: mau negócio para a CEE

países visto que, longe de serem meramente políticas, elas trazem para o seu seio, e para as economias economicamente dominantes, vantagens económicas importantes, imediatas e futuras.

Efectivamente, a dependência externa da CEE em matéria de energia e de produtos básicos é relativamente grande (92 % do seu consumo de petróleo em 1977 e 97 % no ano de 1978 foi importado). A partir da década de 70, a CEE viu-se na necessidade de assegurar o seu abastecimento energético e em matérias-primas junto de países do Médio Oriente e do Mediterrâneo Sul que directa ou indirectamente ocupam junto dela uma posição de relevo nesse campo. A entrada de produtos agrícolas da Península Ibérica na Europa Verde obrigaria provavelmente a introduzir alterações no estatuto do comércio da CEE com aqueles países.

Todavia, a posição estratégica dessas nações do Mediterrâneo Sul é suficientemente forte em termos de lhes garantir a defesa do actual regime de comercialização dos seus produtos agrícolas na Comunidade em troca de benefícios que esta última colhe através não só de mercadorias de outra origem económica obtidas junto daqueles países, mas também das suas exportações em direcção a estes, nomeadamente maquinaria e material de transporte. Alguns números relativos às trocas comerciais entre a CEE e esses países poderão elucidar melhor esta afirmação. Na verdade, no que diz respeito aos produtos energéticos e/ou matérias-primas não alimentares, nações como a Argélia, Egipto, Tunísia e Marrocos, por exemplo, exportaram para a CEE respectivamente 95 %, 79 %, 33 % e 27 % do total das suas exportações (dados de 1978). A importância que estes produtos têm para a economia da Comunidade, para a superação das suas dificuldades actuais e para a sua evolução futura, constituiu naturalmente uma razão adicional, embora não explícita, para o afastamento de qualquer decisão que prejudicasse ou comprometesse o relacionamento, de vantagens recíprocas, entre a CEE e os seus parceiros geograficamente localizados no sul do Mediterrâneo. Este factor não deixou provavelmente de pesar na recente deliberação comunitária.

Onde prevalece a economia

Perante este conjunto de razões, umas internas ainda que lo-

calizadas somente em determinados países e/ou regiões, outras provenientes das relações com o exterior, dificilmente se poderia esperar que a Europa Verde se dispusesse a imolar os benefícios económicos e políticos no altar da cimeira ateniense. Como reza o velho rito: «amigos, amigos! negócios à parte!» O ingresso dos dois países ibéricos constituiria (constituirá), pelos motivos anteriormente citados, um mau negócio para a Comunidade ou talvez para alguns dos seus membros, os quais, jogando com a força económica de que gozam neste espaço integrado, fizeram natural e compreensivelmente pender a balança de decisão para o lado negativo das pretensões dos novos candidatos. O contrário é que seria de admirar. Um dos elementos do Departamento de Estudos da «European Research Associates» (Bruxelas) deixara antever este futuro para o alargamento da CEE quando há pouco tempo afirmou que esta nunca deveria enfraquecer as suas relações com os países da zona mediterrânica e, através destes, com os mais importantes fornecedores de petróleo (2).

Dois tipos de problemas, duas razões subjacentes, explícitas ou não, ao desfecho da cimeira da CEE em Atenas no que toca ao seu alargamento a Portugal e a Espanha! Logicamente não se poderia esperar outro resultado. Algumas pessoas pensarão provavelmente que se trata apenas de um novo adiamento, agora lançado para o ano de 1986, porém, não nos parece que esta hipótese seja realista. Com efeito, mesmo que se admita optimisticamente que a CEE resolverá até aquela data todos os seus problemas internos e a crise em que se debate, persistirão naturalmente o condicionalismo e os problemas focados precedentemente, tendentes a uma recusa definitiva à nossa entrada na Comunidade Económica Europeia. Não passa por esta, pois, o relançamento da economia portuguesa, mas pelo contrário cada vez mais se apontam e se reforçam os caminhos conducentes a um maior grau de auto-suficiência, com a formulação de modelos adequados de crescimento e eleição de um estilo de desenvolvimento de inspiração endógena, com relações externas amplamente diversificadas e no interesse nacional.

- (1) «CEE e Agricultura Portuguesa», Editorial Estampa, Lisboa, 1983.
(2) «Les Conséquences du Deuxième Elargissement», CCE, Bruxelles, 1980.

Por acções subversivas em Portugal Cooperação com Angola em risco de ser alterada

O secretário de Estado da Cooperação de Angola disse em Bissau «recear pessoalmente que toda a intenção de desenvolver e aprofundar as relações bilaterais possam estar comprometidas com o incremento das acções subversivas dos inimigos de Angola nalguns círculos da Imprensa e junto de políticos portugueses».

Segundo Carlos Fernandes, ouvido pela ANOP e a Rádio Comercial, em Bissau, essas acções subversivas continuam em Portu-

gal e se bem que o Governo angolano não tenha ainda tomado decisões práticas para alterar a cooperação, também não se tomou conhecimento de «qualquer promessa das autoridades portu-

guesas no sentido de impedir que forças externas possam prejudicar o desenvolvimento da cooperação bilateral».

«Devido ao factor língua e ao passado histórico — disse o Secretário de Estado angolano — Portugal poderia ser um dos grandes parceiros no desenvolvimento de Angola, um país com bastantes potencialidades materiais

mas subdesenvolvido e carecendo de tecnologia adequada para o aproveitamento dos recursos de que dispõe.

«Nós receberíamos de Portugal a tecnologia e a assistência técnica e cederíamos a Portugal os produtos de que ele necessitasse» — defendeu Carlos Fernandes.

Na gestão do sector público...

CDS quer gestores não militantes

A Comissão Directiva do CDS decidiu apresentar ao Parlamento um projecto de lei, que assegure «a despartidarização da gestão e da administração das empresas do sector público».

Num comunicado ontem emitido, o CDS afirma que «defen-

derá e promoverá de maneira intensificada uma completa despartidarização da gestão das empresas públicas».

O CDS considera que o Governo deveria «explicar imediatamente quais os critérios com que está a proceder a substituição de gestores públicos», pois

em sua opinião, até agora, quer na RTP, RDP, EPNC, Misericórdia de Lisboa e Comissão Regional de Turismo do Algarve, «o critério tem sido o da indicação partidária».

Para o CDS é incorrecta «a negociação e a organização de

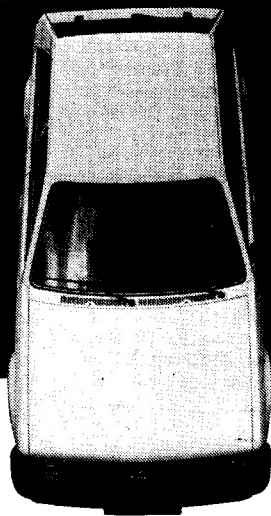
«dossiers» pessoais de gestores, feitos de modo irresponsável», pelo que considera necessário que «não se continue na confusão e na senda de um completo e geral escândalo público, arriscando a inviabilização da gestão das empresas públicas por vários anos».

AVIS

semana comercial

5=7

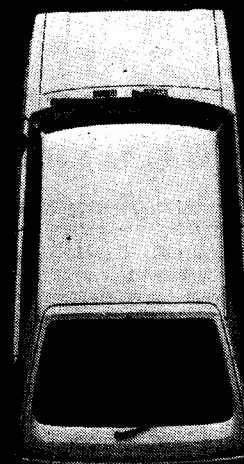
Você aluga um carro de 2.^a a 6.^a feira... e a Avis oferece-lhe o fim de semana!
Preços desde 4900\$00 c/300 Km incluídos



AVIS

E tudo corre sobre rodas...

ALUGAMOS AUTOMÓVEIS



Num aluguer de carro por 2 dias... a Avis oferece-lhe um terceiro dia de carro, absolutamente grátis!
Preços desde 2190\$00 c/100 Km incluídos

dia comercial

2=3

AVIS

FCB 03 AVS 83

PREVENÇÃO DO TABAGISMO

Artigo 3.º

Proibição de fumar em meios de transporte

1. É proibido fumar nos veículos afectos aos transportes colectivos públicos urbanos de passageiros e, bem assim, nos suburbanos e interurbanos ou em serviços de aluguer ou turísticos com duração de viagem até uma hora, incluindo os rodoviários, ferroviários e fluviais.

2. -

3. Nos transportes colectivos ferroviários com duração de viagem superior a uma hora poderão ser destinados compartimentos ou carruagens a passageiros fumadores.

4. Nos barcos afectos a carreiras fluviais com duração de viagem superior a uma hora só será permitido fumar nas áreas descobertas, sem prejuízo das limitações constantes dos regulamentos emitidos pelas empresas transportadoras ou pelas capitânias de portos.

5. -

Caminhos de Ferro Portugueses

Não fumadores

No fumadores

Non fumeurs



24 horas

Documento secreto

O diário londrino «The Guardian» devolveu ao princípio da tarde de ontem ao ministério da Defesa um documento secreto sobre os euromísseis de Cruzeiro filtrado por um funcionário público. A entrega do documento seguiu-se a uma decisão do Tribunal de Apelação, recusando a petição feita por «The Guardian» para revogar uma ordem de um juiz de tribunal de primeira instância, na quinta-feira, para que o devolvesse.

Ensaio nuclear

Um ensaio nuclear subterrâneo com uma potência de 20 a 150 quilotoneladas, foi realizado no polígono de experiências de Nevada, anunciou

na sexta-feira o Departamento Americano da Energia. Trata-se do 14.º ensaio nuclear efectuado pelos Estados Unidos este ano.

UNICEF - Moçambique

A UNICEF anunciou em Lisboa o envio para Moçambique de 160 mil dólares de medicamentos e material médico destinado a socorrer as vítimas da seca que afecta as províncias do sul do país. Um dos mais graves efeitos da seca é a subnutrição infantil, registando-se numerosos casos de extrema magreza e de Kwashiorkor, em relação aos quais um dos sintomas é o exagerado inchaço do estômago.

Aeroporto de Granada

A Casa Branca concordou que se faça um estudo para uma eventual conclusão da construção do aeroporto internacional de Granada. Segundo um comunicado da

Agência Internacional de Desenvolvimento, tal estudo foi solicitado por diversos gabinetes americanos que enviaram elementos seus à ilha em Novembro para avaliar a sua situação económica.

Mortos no Peru

Mais de 50 camponeses peruanos e guerrilheiros do grupo maoísta Sendero Luminoso foram mortos durante os recentes confrontos com as forças policiais nas localidades de Manyacc e Occo (província de Huancavelica, cerca de 500 km a sudeste de Lima), soube-se na sexta-feira em Lima, de fonte policial.

Andropov reapareceu

O líder soviético, Iuri Andropov, esteve presente na sexta-feira numa reunião semanal do Politburo do Partido Comunista Soviético, segundo se depreende da imprensa moscovita de hoje.

Segundo os jornais, em informação publicada como normalmente na primeira pá-

gina, Andropov referiu-se na reunião à necessidade de sopesar outra vez todos os aspectos do plano estatal e orçamento soviético para 1984, antes da sua aprovação no próximo encontro do Soviete Supremo da URSS, em 28 deste mês.

Tropas da ONU em Chipre

As Nações Unidas prevêem a retirada dos «capacetes azuis» do sector turco de Chipre para o sector grego, ao longo da «Linha Verde» que divide a ilha, soube-se ontem à noite de fontes diplomáticas na ONU. Foram já elaborados planos para deslocar o contingente austriaco — o único a ocupar posições no sector turco — se o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, assim o decidir, precisam as mesmas fontes.

Jamaica unipartidária

O Partido Trabalhista da Jamaica, no poder, ganhou todos os assentos do parlamento nas eleições antecipadas que se realizaram quinta-feira sem a participação do maior partido da oposição. Na ausência do Partido Nacional do Povo (PNP), do ex-primeiro-ministro Michael Manley, só 25 por cento do

eleitorado foi às urnas. O Partido Trabalhista, chefiado pelo primeiro-ministro, Edward Seaga já tinha assegurado 54 dos 60 lugares da Câmara dos Representantes. Teve apenas que disputar os seis restantes a candidatos independentes e de pequenos partidos opositores.

Fuga dum torturador

O ex-chefe de Polícia de Buenos Aires, General Ramos Camps, considerado culpado de milhares de desaparecimentos na Argentina, chegou ontem ao Uruguai, onde pediu protecção às autoridades. Camps pediu em Montevideo a protecção oficial para o período da sua permanência no Uruguai, alegadamente para escapar à perseguição dos jornalistas argentinos que o queiram entrevistar, e seguiu para Punta Del Este, uma conhecida estância de veraneio uruguaia.

Excomunhões no Chile

Os bispos chilenos fizeram sexta-feira uma das mais duras críticas contra a polícia chilena e excomungaram em consciência os torturadores e seis cúmplices. A declaração dos bispos chilenos afirma

que não poderão receber a Sagrada Comunhão os torturadores, os seus cúmplices e aqueles que podendo impedir a tortura o não fazem, a não ser que se arrependam sinceramente.

A NATO cada vez «mais coesa»

Washington manifesta satisfação pelo estado actual do mundo

A NATO apresenta-se hoje muito mais coesa do que nos fins dos Anos 70 e agora o equilíbrio estratégico entre os EUA e a URSS foi alcançado — declarou ontem numa conferência de imprensa em Washington, o conselheiro da Casa Branca para as questões de segurança nacional, McFarlane. O mesmo disse-se convicto de que a URSS regressará em breve à mesa das negociações, porque os dirigentes soviéticos são um grupo muito racional e bem informado e já se aperceberam de que os EUA deixaram de declinar nos últimos três anos.

Para McFarlane, a chegada de Reagan ao poder implicou uma recuperação da força dos EUA. Tendo embora afirmado que Reagan tem como prioridade o diálogo com o Leste e o desarmamento mundial, McFarlane declarou-se céptico sobre o valor das cimeiras Leste-Oeste e afirmou que um encontro entre Reagan e Andropov só se justificaria se daí resultasse coisas concretas. McFarlane afirmou que a URSS falhou na tentativa de dividir os aliados dos EUA e que isso juntamente com a restauração do poder militar americano deve dar que pensar aos soviéticos.

Exemplos da cooperação entre os aliados e os EUA — a instalação dos mísseis norte-americanos, a missão Spacelab — Columbia, os esforços do Grupo de Contacto para a Namíbia, a força multinacional do Líbano, a renovação dos acordos a respeito das bases militares em Portugal, na Grécia, Es-

panha e Filipinas. Outra «tendência fundamental» — disse McFarlane — é o regresso à democracia em certos países, como a Argentina, e a evolução registada noutros, como o Suriname e Moçambique, que se aperceberam de que «o socialismo não funciona».

Razões disto? McFarlane responde: os EUA mostraram-se nos últimos três anos mais fortes, ao passo que a fraqueza e indecisão dos EUA nos fins dos Anos 70 permitiram «ganhos acelerados» da URSS em Angola, Etiópia, Iemen do Sul, Indochina e Afeganistão.

Por último McFarlane afirmou que os EUA se esforçam por promover novas relações com os países em desenvolvimento mediante iniciativas como o programa para a Bacia das Caraíbas, acompanhados de uma assistência destinada a garantir a segurança desses países.

Ceausescu preconiza cimeira

O chefe do Estado e do Partido Romanos, Nicolau Ceausescu, preconiza «um encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros da URSS e dos Estados Unidos para prepararem uma eventual conferência cimeira dos chefes de Estado das duas superpotências».

Em entrevista concedida ao órgão do Partido Socialista Austriaco, Arbeiter Zeitung, Ceausescu. Pronuncia-se a favor do realmento das negociações de Genebra no mais breve prazo

e sugere uma mais ampla associação dos países europeus — designadamente os que sejam membros de uma Aliança militar — às negociações sobre o desarmamento.

O presidente romeno propõe a Washington e a Moscovo o regresso ao «statu quo ante», mediante a cessação das operações de implantação dos euromísseis, a retirada ou, pelo menos, o armazenamento dos mísseis já colocados, a suspensão do transporte de novos mísseis americanos para a Europa e a anulação das «contra medidas» soviéticas.

Protesto na RFA

Cerca de 50 homens e mulheres da vida pública alemã-federal iniciaram ontem uma manifestação que terminará amanhã junto à base norte-americana de Waldheide, Sul da RFA.

A manifestação, protestando contra a instalação na Alemanha Federal dos euromísseis Pershing-II, foi decidida depois de o grupo não ter conseguido falar com o pessoal da base.

O grupo inclui escritores, teólogos e políticos, como Guenter Grass, Joseph Beuys, Peter Hartling e Dorotee Soelle.

A guarnição da base proibiu-lhes a entrada na área, onde se crê que estão estacionados Pershing-II, e negou-se a falar-lhes, alegando o seu chefe que as forças norte-americanas não querem imiscuir-se nas questões internas da Alemanha.

Tréguas no terceiro dia do Congresso

PCE perdeu 120 000 militantes e tem 480 000 contos de dívidas

O plenário do Congresso do Partido Comunista Espanhol ouviu ontem os relatórios das comissões encarregadas de questões disciplinares e de finanças. Segundo um desses relatórios, o PCE perdeu cerca de 120 000 militantes nos últimos cinco anos (os comunistas espanhóis reivindicam actualmente 84 000 militantes). Quanto ao relatório financeiro, refere 524 milhões de pesetas de dívidas (cerca de 480 mil contos).

Mas o dia de ontem foi marcado por um certo regresso à calma, após a tensão dos dois primeiros dias, que culminou, na quinta-feira à noite, com votação do relatório apresentado pelo secretário-geral. Gerardo Iglesias.

Este dia, dedicado aos trabalhos em comissões, surgiu como

uma trégua, antes da adopção, hoje pelos 810 delegados, do documento final do Congresso, e da eleição, no domingo, do novo Comité Central, que deverá em seguida designar o novo secretário-geral.

O principal pomo de discórdia entre a maioria e a oposição, lembramos, reside na vontade de Iglesias de abrir as portas do partido aos militantes ditos «renovadores» que dele foram expulsos por Santiago Carrillo em 1980 e 1981. Da mesma forma, Iglesias rejeita a oposição formal ao governo socialista e pronuncia-se contra a política de blocos.

Na quinta-feira, o relatório de Iglesias foi adoptado apenas por 386 votos contra 376, e a minoria dirigida por Carrillo, secretário-geral entre 1960 e 1982, pediu a anulação do escrutínio.

O presidente do Congresso, Júlio Anguita, presidente do Município de Córdoba (Andaluzia) e um dos dirigentes mais notados do PCE, qualificou na sexta-feira de «bom» o ambiente reinante nas cinco comissões encarregadas de elaborar o documento final do Congresso, cuja adopção, dará muito provavelmente lugar a uma noca batalha muito dura.

A comissão das candidaturas, encarregada de traçar a lista dos 95 membros do novo Comité Central que será apresentada no domingo à votação dos 810 delegados, iniciou igualmente os seus trabalhos na sexta-feira de manhã, à porta fechada.

Segundo diversas informações concordantes, os «gerardistas» (paridários do actual secretário) dispõem de uma maioria de cinco votos nessa comissão de 37 membros.

Na Polónia

Polícia dispersa manifestações comemorativas das revoltas de 70

O aniversário das revoltas operárias de 1970, foi ontem assinalado, na Polónia, por algumas manifestações que, à excepção de Varsóvia, foram dispersas pelos Zomos (unidades antitumulto). Em Ursus, arrabalde operário de Varsóvia,

cerca de dois mil manifestantes formaram um cortejo atrás duma bandeira do Solidariedade. A manifestação foi organizada no final de uma missa na Igreja de Ursus em memória das vítimas

de Dezembro de 1970 e dos mineiros de Wujek mortos pela Polícia a 16 de Dezembro de 1981.

Também em Gdansk, os Zomos carregaram, ontem à noite, sobre 500 a 600 manifestantes que haviam formado um cortejo no final de uma missa na Igreja de Santa Brígida, paróquia dos estaleiros navais. A Polícia cercou ainda os estaleiros navais Lenin, não podendo os operários deslocar-se a pé ao monumento em memória dos mor-

tos de Dezembro de 1970.

Em Wrocław, bastião tradicional do Solidariedade, a Polícia dispersou também as pessoas que se tinham concentrado na Praça do Mercado, enquanto em Varsóvia, uma marcha, que decorreu sem incidentes, juntou vários milhares de pessoas, ao princípio da noite de ontem. Os manifestantes não gritaram nenhum slogan a favor do Solidariedade.

O ministro israelita afirmou que Israel se opõe a problemas à retirada de Arafat do Líbano, caso o dirigente palestino lanche armas. No entanto, durante 90 minutos, a partir das 15h, o ministro israelita fez fiéis a Arafat que se encontre na zona do porto de Trípoli, os barcos que os transportarão. Entretanto, o representante israelita afirmou que Yasser Arafat se comprometia a abandonar o presidente libanês, Amin, a Beirute, vindo da Líbia. Kadhafi. Na capital libanesa, assinado estava hoje a saída de Beirute reabriu, após

ISRAEL comprometeu-se a não criar problemas à retirada da OLP de Yasser Arafat da cidade de Trípoli, no Norte do Líbano, caso o dirigente palestino e os seus homens deponham armas. Esta é a condição que os países dispostos a protegerem a retirada dos guerrilheiros da OLP deverão fazer cumprir, disse o ministro da Defesa, Moshe Arens, à Rádio Israel. Por seu turno, o porta-voz do Governo grego disse também ontem que o seu país «não crê que Israel ataque os barcos gregos» que evacuariam os quatro mil palestinos fiéis a Arafat que se encontram em Trípoli. As declarações do porta-voz foram feitas pouco depois da saída dos cinco barcos gregos do porto

A segunda reunião da Comissão Ministerial dos cinco países africanos de língua portuguesa terminou ontem ao princípio da noite em Bissau, capital da Guiné, dando por concluídos os trabalhos preparatórios da cimeira de chefes de Estado que decorre amanhã e depois na mesma capital. Um dos temas em debate foi o de Timor-Leste, a propósito do qual as cinco delegações governamentais reafirmaram a sua condenação contra Portugal, acusando o nosso país de não ter cumprido o dever de levar o povo Maubere à independência.

A questão de Timor foi enquadrada no debate consagrado durante o segundo dia da sessão às questões internacionais. A situação na África Austral foi, como seria de esperar, tema dominante dos debates. Cada um dos países apresentou as suas perspectivas e foi feita uma retrospectiva histórica bem como uma análise da actualidade naquela zona do mundo.

Os representantes dos cinco governos reafirmaram as suas posições de condenação do regime sul-africano e das suas «agressões e manobras», sobretudo contra Angola e Moçambique, bem como reprovaram a «ocupação ilegal de Angola e a utilização de grupos fantoches para a desestabilização e impedimento da marcha para o progresso económico e social daqueles dois países.

Gemayel encontra-se com Kadhafi

Israel aceita retirada de Arafat se a OLP depuser armas

lita da Defesa, Moshe Acens, se comprometeu a não criar de Arafat de Tripoli, no Norte gente palestino deponha as inchas israelitas atacaram du- partir da meia-noite, combaten- se encontram concentrados na poli à espera dos barcos gre- arão para fora do Líbano. En- ante da OLP em Atenas infor- fat será o último dirigente pa- nar Tripoli. Enquanto isso, o amin Gemayel, regressou hoje Líbia, onde se encontrou com libanesa o cessar-fogo ontem a ser respeitado e o aeroporto pós 16 dias de encerramento.

estiniano a sair de Tripoli, «para se assegurar de que todos os seus homens estão a salvo». O chefe da missão diplomática da OLP na capital grega, que partiu ontem para Tunes, acrescentou que «os palestinos saem do Líbano de cabeça levantada e sem dizer adeus, mas sim até já».

Entretanto, Arafat encontrou-se ontem em Tripoli com dois representantes oficiais franceses para organizar a escolta daquele país à evacuação palestina. E princípio, os barcos franceses chegarão a Tripoli amanhã, ao mesmo tempo que os «ferry-bouats» gregos.

Barcos gregos são pagos pela OLP

Os cinco barcos gregos que deverão participar na evacuação dos cerca de 4000 lealistas palestinos cercados em Tripoli são «ferry-boats» que realizam normalmente as ligações regulares entre as ilhas gregas.

O Vergina, o Santorini, o Naxos, o Odysseus Elytis e o Ioanian Glory podem transportar entre 600 a 1000 passageiros cada e 100 a 200 veículos, segundo a sua tonagem (de 6000 toneladas do Santorini a 22 000 toneladas do Odysseus Elytis).

O ferries, que pertencem todos a armadores privados gregos, arvorarão o pavilhão da ONU e o grego durante toda a operação. Dois deles, o Naxos e o Ioanian Glory,

deslocar-se-ão de Tripoli ao leme do Norte e os outros três para a Tunísia.

Os custos de fretamento dos navios serão pagos pela Organização de Libertação da Palestina (OLP). Segundo fontes marítimas competentes, esses custos serão da ordem dos 500 000 dólares por navio. Cada comandante receberá um prémio de 3000 dólares e cada tripulante 1300 dólares, indicou a mesma fonte.

Cessar-fogo em Beirute

O novo acordo de cessar-fogo «permanente e efectivo» que ontem foi assinado no Líbano e cujos signatários são o Governo libanês e a Frente de Salvação Nacional (oposição, dirigida por Jumblatt), contém três pontos: cessar-fogo permanente e efectivo; compromisso formal das duas partes em que os bairros residenciais e as aldeias não voltarão a ser bombardeadas e reabertura do Aeroporto Internacional de Beirute e a sua total «neutralização».

Com efeito, o aeroporto de Beirute reabriu ontem, após 16 dias de encerramento, estando previstos, para hoje, nove descolagens. Em Beirute e na montanha Suk El Gharb, situada a sudeste da capital, o cessar-fogo era hoje respeitado integralmente.

Gemayel na Líbia

O presidente libanês Amin Gemayel deixou na noite de

6.ª feira, no final de uma visita de algumas horas em que «discutiu demoradamente» com o coronel Muamar Kadhafi, a Líbia, captada em Paris.

Nesta entrevista, o chefe de Estado libanês e o líder líbio «manifestaram o desejo de prosseguirem as consultas e a cooperação mútua». Afirma-ram também «a necessidade de obterem soluções radicais, assentes em bases democráticas, a fim de garantir uma estabilidade definitiva no plano interno libanês», acrescenta a Rádio oficial líbia.

Segundo informações recolhidas por fontes autorizadas em Beirute, a escala na Líbia foi decidida durante a visita de 24 horas que o presidente libanês acaba de efectuar a Marrocos.

Durante uma conversa telefónica com o coronel Muamar Kadhafi, os dois chefes de Estado acordaram um encontro por ocasião de uma esca que o presidente Gemayel faria em Tripoli ao regressar a Beirute. Essa visita foi tão imprevista que os responsáveis políticos em Beirute não tiveram tempo de ser informados.

Os dois países têm um importante contencioso que levou o Conselho de Ministros libanês a decidir, em 23 de Novembro passado «congelar» as relações com a Líbia, no próprio momento em que rompia as relações diplomáticas com o Irão. Desde 17 de Maio o Líbano deixou de ter embaixador em Trípoli, na Líbia.

Forças Armadas argentinas

no banco dos réus

Parlamento anula amnistia dos militares

A Assembleia Nacional argentina decidiu anular a lei de amnistia dos militares que cobria os «excessos cometidos durante a luta contra a guerrilha», abrindo no 6.ª feira a sua primeira sessão desde o regresso da Argentina à democracia.

O projecto de anulação apresentado pelo governo de Raul Alfonsín foi aprovado por unanimidade pelos 254 deputados menos dois votos, após um curto debate público. Este transformou-se num violento re- quisitório contra as Forças Armadas e a ditadura que governaram a Argentina entre 1976 e sábado passado, data da entrada em função das novas autoridades constitucionais.

Alfonsín tinha anunciado três dias após a sua entrada na casa cor-de-rosa, o palácio governamental, a sua determinação em fazer «respeitar o estado de direito», e decidido desencadear um procedimento judicial contra os principais chefes militares e guerrilheiros responsáveis pela

morte e pelo desaparecimento de mais de 30 mil pessoas na Argentina nos últimos oito anos.

As «Mães da Praça de Maio» e representantes de outras organizações humanitárias ocupavam uma boa parte das tribunas do público no hemicíclio do Congresso onde os militares foram logo de início sentados no banco dos réus.

«Foi cometido um genocídio com a morte ou o desaparecimento de milhares de pessoas. É preciso mostrar ao povo que nenhum delinquente pode proteger-se atrás desta lei», lançou na tribuna o deputado radical Alberto Maglietti «em nome de 28 milhões de argentinos» e em resposta a um outro orador que recomendava «prudência e serenidade».

Os qualificativos mais duros foram utilizados para descrever as «exacções» dos militares que agiram «à margem da vontade do povo» e cometeram «crimes aberrantes contra a humanidade».

Eleições são amanhã

Sondagem dão a maioria aos liberais japoneses

O Partido Liberal Democrático (LDP), no poder, surge como virtual vencedor absoluto das eleições de domingo no Japão — revelam as últimas sondagens publicadas ontem pela imprensa japonesa.

Segundo os resultados que o influente diário de Tóquio «Asahi Shinbun» insere na primeira página, o LDP deverá arrebatar 278 dos 511 assentos da Dieta (Câmara Baixa do Parlamento), assegurando a reeleição do primeiro-ministro Yasuhiro Nakasone para o cargo.

A confirmar-se, esta vitória significaria a manutenção de uma maioria parlamentar estável do LDP, apesar das críticas generalizadas sobre a sua corrupção política.

A sondagem do «Asahi Shinbun» indica que a principal força da oposição, o Partido Socialista, verá reduzidos para 97 os 107 lugares que conseguiu nas últimas eleições gerais, em 1980.

Em contrapartida, o Komeito (Partido do Governo Limpo, de

marcada ideologia budista) deverá aumentar os 34 assentos que ocupava na anterior legislatura para 49.

Comentando esta e anteriores sondagens, o primeiro-ministro Nakasone tem tomado uma posição prudente, declarando que só pode afirmar que a maioria simples está assegurada e o resto depende dos esforços que se façam.

Ao advertir que a situação do seu partido é difícil, Nakasone pretende explicar que se o LDP não conseguir uma maioria estável a sua chefia será posta em causa e haverá uma luta interna pelo poder.

O LDP continua dominado pelo ex-primeiro-ministro Kakue Tanaka, condenado em Outubro a quatro anos de prisão e ac- equivalente a 2,1 milhões de dólares de multa por ter aceite subornos da multinacional norte-americana Lockheed.

Foi precisamente esta questão que motivou a dissolução da Dieta e a convocação de novas eleições.

Mais 17 por cento

Reagan pretende aumentar orçamento de Defesa

O presidente norte-americano comunicou ao Pentágono a intenção de pedir para o ano fiscal de 1985 um orçamento militar de 305 mil milhões de dólares — noticiou ontem a cadeia de televisão CBS.

Reagan teria ainda comunicado ao secretário da Defesa, Caspar Weinberger, que esse orçamento de defesa, num valor sem precedente, poderá ser superior, caso o Pentágono assim considere necessário.

A verba implica um aumento em 17 por cento sobre os 260 mil milhões de dólares aprovados para o ano fiscal em curso e o dobro do nível de crescimento estipulado pelo Congresso para 1984.

O aumento do orçamento de defesa provocará, segundo todos os analistas, uma nova luta entre a Administração e o Congresso nos próximos meses.

Os próprios líderes republicanos teriam advertido Reagan dos problemas com que poderá defrontar-se quando apresentar o pedido de verba.

O presidente teria sido advertido pelos seus assessores políticos e económicos, mas fontes do Pentágono crêem que, depois do êxito da invasão de Granada e com as notícias diárias sobre os fuzileiros navais norte-americanos no Líbano, Reagan disporá de apoio público para novo orçamento militar sem precedente.

Terminou reunião dos ministros em Bissau

Amplo programa de cooperação apresentar aos chefes de Estado

Realçaram «profundamente todo o seu empenhamento a favor da SWAPO e o apoio conjunto à independência da Namíbia e rejeitaram «qualquer ligação» entre a retirada das tropas cubanas de Angola e a independência do território namibiano.

Quanto ao Chade, congratularam-se com a possibilidade de realização, em Janeiro próximo, de uma reunião das partes em confronto e defenderam a busca de uma solução interna sem interferências estrangeiras neste conflito que já dura há 17 anos.

Sobre o Sara Ocidental, os delegados dos cinco governos reiteraram o cumprimento da resolução da cimeira da OUA em Nairobi, que preconiza uma solução negociada entre as partes envolvidas.

Debruçaram-se sobre a situação na América Latina e, em particular, nas Caraíbas e na Nicarágua e, relativamente à República de Granada, defenderam que a «invasão pelos EUA foi um atropelo a todas as regras internacionais de convivência entre os Estados».

A situação no Médio Oriente foi considerada «ainda mais grave». Salientou-se a conjuntura cada vez mais degradante no Líbano e a tentativa de divisão da OLP «único representante do povo palestino».

Israel foi considerado um tradicional inimigo das causas palestinas, não se sabendo até que pon-

to a Síria tem influenciado negativamente a própria coesão da OLP — salientou o porta-voz da Conferência dos Cinco.

Um programa de acções concertadas e coordenadas a favor da independência de Timor-Leste foi adoptado, voltado para os grande aerópagos internacionais e blocos de países, nomeadamente da Europa de Leste.

Cooperação

Os meios de concretizar e dinamizar a cooperação entre os

cinco países africanos de expressão portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé) foram um dos principais pontos discutidos na conferência.

Segundo indicações oficiais, um programa de acção de cooperação para o próximo ano foi elaborado pelos ministros, que deverão sumetê-lo à Cimeira dos chefes de Estado.

O programa é apresentado, segundo fonte próxima da conferência, como uma diligência realista para conseguir um reforço

da cooperação ainda embrionária, apesar de uma real vontade política.

Os ministros tomaram assim em conta os diferentes condicionais, tais como o afastamento geográfico entre os países lusófonos, o seu estado de subdesenvolvimento e também as enormes dificuldades económicas que atravessam.

Para colocar a cooperação económica a nível das relações políticas, que são consideradas muito boas, são encarádas numerosas acções comuns.

Angola e SWAPO rejeitam propostas de Pretória

A República Popular de Angola rejeitou ontem nas Nações Unidas em Nova York as propostas mais recentemente apresentadas por Pretória. Igual rejeição foi formulada no mesmo local pela SWAPO, cujo representante das Nações Unidas considerou as formulações de Pretória como «manobra totalmente inaceitável».

Eliseo de Figueiredo, embaixador angolano na ONU: declarou no Conselho de Segurança que a África do Sul devia retirar imediatamente as suas tropas (entre quatro a seis mil homens) de território angolano. Em conferência de imprensa, Eliseo Fi-

gueiredo declarou que o seu país estava disposto a discutir com Pretória e a examinar atentamente a proposta sul-africana, considerando no entanto, que a África do Sul deve começar por retirar incondicionalmente de Angola.

Por sua vez, o representante da África do Sul explicou em conferência de imprensa, que a proposta do seu país visava uma «separação de tropas», efectiva a partir de 31 de Janeiro próximo e por um período de trinta dias, prorrogável desde que Angola quisesse aceitar as condições. As tropas sul-africanas não fariam mais incursões em Angola. Por sua vez, as tropas angola-

nas, cubanas e da SWAPO não efectuariam ataques à Namíbia. Mas a África do Sul insiste em manter as suas tropas na Namíbia junto à fronteira com Angola.

Um porta-voz da secretaria de Estado dos EUA, John Hughes, declarou que o seu governo estava muito satisfeito com as propostas sul-africanas por que uma trégua no Sul de Angola contribuiria para facilitar o progresso das negociações na África do Sul.

Estas propostas surgiram quando pela sexta vez desde 1975 o Conselho de Segurança se reunia a pedido de Angola para discutir as agressões sul-africanas contra a RPA.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICÊNCIA



A VOZ DO OPERÁRIO

SEDE: Rua da Voz do Operário, 13
Telefone P.P.C.A. 86 21 55
LISBOA - PORTUGAL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do Artigo 35.º dos Estatutos, ficam convocados os sócios de «A VOZ DO OPERÁRIO» para reunirem em 20 de Janeiro de 1984, pelas 21 horas, na Sede Social com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1984/1986.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1983.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Luís Manuel Vicente da Silva

Nota: De acordo com o Artigo 87.º do regulamento geral e interno, as listas propostas por grupos de sócios, num mínimo de cinquenta, deverão ser dirigidas ao Presidente da Mesa, e entregues, contra recibo, na Secretaria Geral, dentro das horas de expediente (das 09.30 h às 13.00 h e das 14.30 h às 18.00 h), até dez dias antes da data marcada para as eleições.

Pela Direcção
(Assinatura ilegível)

VIDEO PHILIPS

40.000\$00

MOD 1702 + 3 CASSETES
SISTEMA VCR — URGENTE

ÁLVARO CLETO TELF. 32 42 57

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO ANÚNCIO

PROC. 8 757
2.ª SEC.

— Faz-se saber que, por este Juízo, 2.ª Secção e autos de execução sumária que o BANCO PINTO & SOTTO MAYOR EP move contra ALBERTO OLIVEIRA E CASTRO, com a última residência conhecida na Praça Cidade Salazar, 173-1.º Dt.º, 1800 — Lisboa, e OUTROS, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando aquele executado, para no prazo de cinco dias, findos os editos, pagar ao exequente a quantia de 397.531\$70, bem como os juros de mora vencidos, até integral pagamento, custas e acréscimos legais, ou no mesmo prazo nomear a penhora bens suficientes para garantia de tal pagamento, sob pena de, não o fazendo, esse direito ser devolvido ao exequente.

— O duplicado da petição inicial encontra-se arquivado na Secretaria deste Juízo à ordem do citando.

Lisboa, 9.12.1983.

O JUÍZ DE DIREITO

a) Joaquim Manuel Cabral
e Pereira da Silva

G ESCRIVÃO DE DIREITO

a) José São Pedro Catarino
D.L. 17/12/83 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Execução de Sentença n.º 1 743/C 3.ª Secção.

EXEQUENTE Maria José Augusto Castelo, residente na Av. do Ultramar, 22-3.º Dt.º na Amadora.

EXECUTADO Américo Lourenço Castelo, residente na Praça D. João I, n.º 2-2.º Dt.º na Amadora.

Por este Tribunal correm editos de vinte dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1983.

O JUÍZ DE DIREITO

Flávio Joaquim Bogalhão do Casal

P.º ESCRIVÃO DE DIREITO

Mário Henrique Martins Crespo Lopes
D.L. 17/12/83 — 2.ª Pub.

Incêndios matam 91 pessoas

Continuação da pág. 1

para tentar salvar sobreviventes, contou que ouviu vozes por todo o lado mas que o fumo o impediu de localizar as pessoas que pediam socorro.

Disse que encontrou oito ou dez pessoas, algumas agarradas à grade e outras jazendo no solo, asfixiadas. Acrescentou que outra saída de emergência, ao cimo de uma escada, encontrava-se fechada.

«Por causa do fumo, as pessoas que subiam a secada não viam a porta e continuavam a subir para os pisos superiores, onde deparavam com a grade, que impedia a passagem» — acrescentou.

Outra testemunha declarou que a discoteca tinha colocado o cartaz de «completo» às últimas horas da madrugada. Às 4 horas e 50 — prosseguiu — do exterior nada de via de anormal mas, passados 10 minutos, «umas 200 pessoas saíram como loucas, arrombando as portas principais» e tudo se transformou «em gritos e confusão».

A acrescentou que, segundo lhe foi dito por um dos empregados da discoteca, se tentou, sem êxito, num primeiro momento, apagar com extintores as chamas que começaram nas cortinas do cenário.

Ajuste de contas

O incêndio de Amsterdão teve origem criminosa e a Polícia já dispõe de dados sobre os seus autores.

De acordo com as autoridades três suspeitos entraram no «sex-club» do complexo, um dos mais célebres da Europa, cerca das 22 horas, na altura, em que numerosos clientes conviviam com as empregadas. Um deles espalhou um líquido inflamável pelo chão e outro — um antigo

funcionário do centro, de nacionalidade israelita — deitou-lhe fogo com um pistola de gás.

A Polícia pensa que se trata de um ajuste de contas. Os três homens foram presos pouco tempo depois do início do sinistro.

As chamas propagaram-se muito rapidamente. Em poucos minutos, o incêndio transformou num imenso brasero o estabelecimento, situado num bairro pitoresco da capital holandesa. Depois, o incêndio lavrou em seis edifícios com várias centenas de anos.

Esta manhã os bombeiros continuavam a vasculhar os escombros fumegantes, à procura de novas eventuais vítimas.

A dificuldade de se estabelecer um balanço definitivo deve-se ao facto de numerosos clientes que saíram sãos e salvos dos clubes especializados do complexo, se terem eclipsado discretamente, para preservarem o seu anonimato.

Quatro mortos num hotel inglês

Quatro pessoas morreram, sete ficaram feridas e duas são dadas como desaparecidas, noutro incêndio registado esta madrugada num hotel de Manchester (ocidente de Inglaterra), soube-se de fonte policial.

Os agentes da Polícia, que prenderam duas pessoas no local do sinistro, pensam que poderá tratar-se de um acto criminoso.

O fogo declarou-se pouco antes das quatro horas, na pensão Hyde House, no bairro de Ardwick, em Manchester. Quando os bombeiros chegaram ao local, as chamas irrompiam já em todo o edifício.

Os bombeiros salvaram 26 pessoas e foram encontrados, mais tarde, quatro corpos, no segundo andar.

UM INVESTIMENTO QUE DÁ SEGURANÇA E RENDIMENTO

Um núcleo de habitação social, sem disponibilidades comerciais, provoca graves inconvenientes aos seus utentes. Por outro lado, cada loja existente, que lhe oferecemos a preços altamente vantajosos, é uma fonte de rendimentos e um ótimo investimento a médio prazo. Porque o nosso objectivo não é o lucro, oferecemo-lho a si.

PRAZO DE ENTREGA DAS PROPOSTAS ATÉ ÀS 16H DO DIA 19 DE JANEIRO DE 1984

FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO

COMISSÃO LIQUIDATÁRIA

PLANO INTEGRADO DE SETÚBAL

Venda por licitação de cerca de 25 lojas com uma área média de 60 m², situado a 1000 metros da rotunda da auto-estrada Lisboa-Setúbal-Algarve.

PLANO INTEGRADO DE ALMADA

Venda por licitação de cerca de 20 lojas, com a área média de 60 m², à saída da portagem da Ponte 25 de Abril.

PLANO INTEGRADO ZAMBUJAL/BURACA

Venda por licitação de cerca de 20 lojas com a área média de 60/70 m², junto ao Estádio de Pina Manique (nó da Buraca).

PARA TODAS AS INFORMAÇÕES DIRIJA-SE AO
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 153 - 3.ª * TELEFONE 730601-730617-730622

UM INVESTIMENTO VIVO PARA O BEM-ESTAR COLECTIVO

Caminhos de Ferro Portugueses

LISBOA - PORTO - LISBOA

«RÁPIDOS»

AGORA COM 2.ª CLASSE.

3	7		4	8
08H25	14H25	Lisboa (Santa Apolónia)	11H50	18H10
—	15H27	Entroncamento	—	17H04
10H33	16H34	Coimbra B	09H39	16H01
11H07	17H08	Aveiro	09H05	15H27
—	17H38	Espinho	—	14H57
11H50	17H50	Vila Nova de Gaia	08H24	14H44
12H00	18H00	Porto (Campanhã)	08H15	14H35

Desde o dia 25 de Setembro de 1983 os comboios rápidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público já que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não insertas na Tarifa Geral de Transportes.

NOTA: Nestes comboios, tanto em 1.ª como em 2.ª classe, é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos.

Para informações mais detalhadas devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secções de Informações.



DESPORTO

MICROSEPIO

Basquetebol: nacional

Calendário de encontros de basquetebol para hoje: Benfica - Sanjoanense, às 17 e 30; Luso - FC Porto, às 21 e 30; Ginásio Figueirense - Ovarense, em Buarcos, às 17 e 30; Atlético - Conimbricense, às 21 horas; Olivais - Queluz, às 17 e 30 e Sangalhos - Barreirense, às 21 horas; amanhã: Luso - Barreirense, Benfica - FC Porto, Ginásio Figueirense - Conimbricense, Sangalhos - Queluz e Olivais - Barreirense, todos às 17 e 30; Atlético - Ovarense, às 17 horas.

Andebol: nacional

Continua este fim-de-semana a disputa do campeonato nacional de andebol. Jogos para hoje: Salgueiros - Desportivo de Portugal (17 horas); Académico do Porto - Sanjoanense, (18.30 h.); Académica de S. Mamede - Académica de Coimbra, (19 horas); FC Porto - Sporting de Espinho, (21.30 h.); Passos Manuel - Sporting, (18.30 h.); Vitória de Setúbal - Belenenses e Caselas - Benfica, (21.30 h.) e Caramão - Almada, (21.45 h.) Na 1.ª divisão jogam Académico de Braga - Quimigal/Estarreja; CPN - Sporting de Braga; Fermentões - Maia e Desportivo da Póvoa - Beira Mar (todos às 21.30 h.); União de Leiria - Cascais (18 horas); Paço de Arcos - Académica da Amadora, (18.30 h.); Salvaterrense - Oriental, (21 horas) e Encarnação - Pedro Nunes, (21.30 h.).

Hóquei em patins: nacional

Mais uma etapa do Campeonato Nacional de hóquei em patins, com jogos para hoje: Oeiras-Sp. Tomar, Paço de Arcos-Benfica, Alenquer-Ac. Amadora, Sanjoanense-Pareda (18.00 horas), Juventude de Viana-Sesimbra, Oliveirense-Carvalhos e Famalicenses-FC Porto. Amanhã: Sporting-Belenenses, às 17.45 horas. Os demais embates efectuar-se-ão às 21.30 horas, todos eles nos rinques dos clubes mencionados como visitados.

Ténis de Mesa:

Taça Loures

Trinta equipas, em representação de 15 colectividades, vão disputar até finais de Janeiro, a «Segunda Taça de Ténis de Mesa de Loures». A competição terá provas todas as 2.ªs, 5.ªs e sábados, estando dividida em vários escalões etários e aberta a ambos os sexos. No escalão reservado até aos 14 anos as equipas poderão ser mistas e a partir desta idade serão compostas apenas por jogadores do sexo masculino. No total, esta iniciativa do Pelouro da Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Loures terá a presença de mais de 150 participantes.

Xadrez: Kasparov vence Korchnói

O soviético Garry Kasparov qualificou-se para disputar a final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez ao vencer ontem, na 11.ª partida, Viktor Korchnói. Kasparov (20 anos) nas 11 partidas conseguiu totalizar sete pontos, enquanto Korchnói obteve quatro. Kasparov terá que defrontar-se na final com o vencedor da outra meia-final que é disputada, também na capital britânica, entre o soviético Vassili Smyslov e o húngaro Zoltan Ribli. Após dez partidas, Smyslov soma seis pontos e Ribli quatro.

Olímpicos: Caraíbas

As selecções de futebol de Cuba e Trinidad-Tobago defrontam-se, no próximo dia 20, na Costa Rica, para decidir o representante das Caraíbas no Torneio Olímpico de Los Angeles. Trinidad pretendia que o jogo se realizasse nos Barbados ou na Guiana, enquanto Cuba sugeria o México ou a Costa Rica. Um sorteio acabou por determinar este último país para cenário da final.

Carlos Gomes: "O Jogo da Vida" é coração aberto

Na Livraria «Nova Opinião» a editora «A Regra do Jogo» apresentou ontem aos órgãos de Comunicação Social o livro «O jogo da vida», escrito por Carlos Gomes, o famoso guarda-redes «internacional» que, após uma brilhante carreira em Portugal e Espanha, com 18 chamadas à turma representativa do nosso país, foi obrigado a exilar-se em 1962, só agora voltando à sua terra natal. Neves de Sousa (nosso camarada de Redacção) fez a apresentação da obra dizendo o seguinte sobre Carlos Gomes:

Imaginem os meus amigos: enorme, de braços abertos cobrindo o espaço, dominador, felino, uma puma com coração de pomba. Suponham, vamos lá, que nos encontramos há 30 anos e 24 dias: jogava a turma representativa do futebol português com a formação da África do Sul, nos tempos em que a romaria ao Estádio do Jamor era prenúncio de festa gaúda e de espectáculo apaixonante.

Depois disso, foram mais 17 as vezes em que um rapagão do Barreiro, filho (e a saudade vai inteirinha para eles) de Sebastião António e Maria Ema, colocou as cinco quinas ao peito e embasbacou multidões, talvez bem diferentes das cores sportinguistas como mais tarde (emigrante de privilégio) lançando uma pedra para o tabuleiro da audácia, para além de uma fronteira que foi (longo tempo) espartilho impiedoso e cruel do voo de um pássaro louco.

Contaram-se dele as mais estranhas e insólitas histórias. Possui junto ao peito algumas das mais belas mulheres dos grandes cartazes luminosos: também outras que talvez não tivessem merecido os favores de um homem passeado em ombros por milhares de concorrentes sem sorte. Sobre tudo, aproveitou cada minuto de vida como se fora o último: quantos de nós podem um dia gabar-se de que saem em voo para outras alturas sem, com ele, ter feito filhos, plantado árvores, escrito um livro.

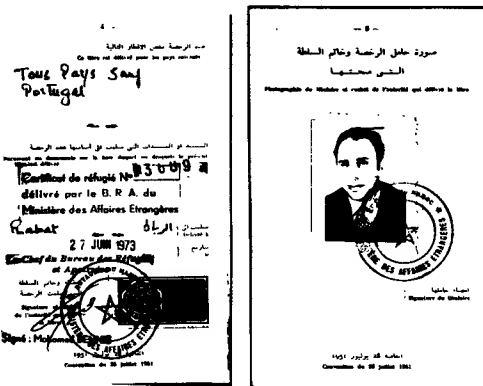
Foi talvez o mais insólito mas (igualmente) o mais exemplar personagem real de um tremendo e flamejante espectáculo.

Um longo percurso, vivido e sofrido até dizer acabou-se: Barreirense, Sporting, Espanha (em Granada como em Oviedo) Atlético e, corria a temporada 61/62, um salto no escuro até à Polícia de Tânger, um longo rosário de histórias para desbobinar, muito que ficou por escrever e outro tanto que não me atrevo a recordar pelo respeito que (inclusive ou sobretudo) se deve ofertar a quem já não pode ripostar com o florete da defesa.

Acredito que seja possível, no mapa-mundo do futebol, encontrar um dia outro lachine: mas, por bandas desta Lusitânia, vencendo as ondas no mais espantoso mar de intriga que faz ondular o tenebroso mundillo desse maravilhoso e cativante jogo de equipa, de associação humana que é o futebol, tivemos igualmente uma aranha sublime, que (como um polvo) conseguiu evitar muito do inevitável, acabando por ser apenas vencido pela dúvida justiça de homens, momentaneamente colocados em posição de juízes.

Mas, deixem-me recordar esse 22 de Novembro de 1953; estreia do mocetão do Barreiro e uma palavra de emoção para companheiro que já fez a grande viagem. Exacto: Manuel Passos, talvez o precursor de Mário Coluna como excepcional comandante de um esquadrão futebolístico. Nessa tarde, ao lado do irreverente número um do Sporting, estavam Virgílio e Carvalho, o setubalense Vaz e os desconcertantes Matateu, Fernando Cabrita, Carlos Duarte, o belenense Diamantino, esses também donos do futebol que se chamam Rogério Lantres de Carvalho, Hernâni e José Águas, o pai da futura Lena das cantigas. A estrela debutante barricava o trajecto para o véu da nossa noiva: era o menino-bebé nascido a 18 de Janeiro de 1932 na beira-Tejo, que iria crescer até 181 centímetros de altura, namorar, sofrer, voar, amar e casar, por essas terras fora.

Poderá ser irreverente a imagem estampada para a história que fica do maior guarda-redes português de todos os tempos, do único que teve honras de cobice estrangeira, de (apenas com 15 anos, estudante liceal e vedeta de pelada de rua) ser descoberto por Raul Pascoal: e, pela mão desse defensor barreirense, aprender nas escolas da cidade do trabalho a sucessão de João Azevedo, o gato negro que meus olhos ainda viram voar para a bola em momentos de histeria colectiva, de contágio sincronizado nas plateias. Em 1949, o miúdo já está dirimindo com Francisco Silva a posse das três barras brancas e das malhas. E, em Agosto de 50, quando o Sporting



Passaporte do refugiado político. Ontem, entre amigos da Comunicação Social, Carlos Gomes fez questão de abraçar um representante do Atlético Clube de Portugal, «o único clube que esteve a meu lado no momento mais difícil da minha vida»

vai até ao Seixal cumprir uma cláusula do contrato do esquivo e serpenteante Albano, esse mestre de treinadores e jornalista da mais fina água que é o meu excepcional amigo senhor Fernando Vaz, pesca o comprido garoto para Alvalade. No dia 21 de Setembro, a nova contratação dos donos do Lumiar estreia-se num jogo de reservistas em Soure, perante o Sourense, agora tão na berra por culpa (provada) da ancilosa organização futebolística que continua orientando (com voz ditatorial) o futebol deste país. E, veja-se como são as coisas: quem primeiro teve a honra de impelir a bola até ao fundo das balizas entregues ao herdeiro de João Azevedo, foi um futuro jornalista: o meu (também grande companheiro, em estima e apreço, em devoção e respeito) que seria expoente da Redacção de «O Primeiro de Janeiro» e íntegro funcionário judicial, numa carreira paralela que foi inveja mas é exemplo. O antigo jogador sourense, o primeiro futebolista que bateu o herói desta tarde, foi Santos Mota, o senhor meu camarada da Informação a quem se recorda mais um título inesquecível para amplo manancial de memórias.

Nessa altura, 15 contos foi o preço do recrutamento do jovem guardião para o Sporting dos cinco violinos e de muitos pianistas igualmente exímios. O Barreirense arrecadou 45 notas das maiores, certamente para empreendimentos que auxiliaram a fazer melhor história futura que a contratação de encastadores em terras lanques.

A 19 de Novembro desse mesmo 1950, aí temos a figura imponente do nosso mais jovem escritor na turma principal do bloco de Alvalade. Depois, foi um espantoso cortejo de aventuras, muitas delas forçosamente sufocadas pela correcção que se deve ao auditório, muitas outras apreçadas em manchetes de todo o tamanho pelos mais esclarecidos críticos desportivos, quantos (de Cândido de Oliveira e Tavares da Silva, de Ricardo Ornelas, Alves Teixeira e Ribeiro dos Reis) nos deixaram mais pobres e sem discípulos de graduação comparativa.

O fabuloso futebolista que vestiu dúzia e meia de vezes a camisola que era (então) da equipa de todos todos os portugueses amantes do jogo-rei, iria correr Mundo, desbravar horizonte, retalhar para a posteridade pequenas fábulas, algumas lendas e chamuscantes verdades. Muito está aí, neste livro que vos deixa, o melhor defensor de balizas que algum dia vi em 40 anos de futebol amado e desejado. Pela pena, pelo sangue, pelo suor e por muitas lágrimas, rubricado pelo mais estranho de quantos temperamentos pulularam no futebol nacional, a marcar (como carneira) a ligação entre duas épocas da vida portuguesa: o senhor Carlos António de Carmo Costa Gomes.

Neves de Sousa



Manuel Fernandes, Jordão e Oliveira: regressa o «trio de ouro»

Sporting: Oliveira de volta

Uma excelente notícia para os sportinguistas: o centro-campista António Oliveira já treina e parece apto a poder oferecer o seu concurso à equipa de Venglos, no próximo embate com o Águeda. A possibilidade de tornar a ver, lado-a-lado, o trio Oliveira-Jordão-Manuel Fernandes, que estava desmenbrado desde a partida em Glasgow (especialmente por lesão de Oliveira no pé direito) ganha assim foros de acontecimento, constituindo atracção para a jornada 12 do campeonato maior.

Entretanto, subsistem dúvidas quanto à utilização de Futre que («tocado» por Teixeira na partida desenrolada no Estoril) continua entregue ao Departamento Médico de Alvalade.

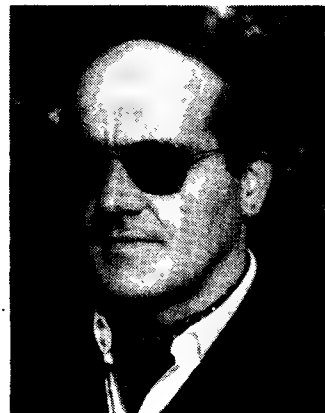
Futebol de salão: Torneio da Paz

O Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul está a levar a efeito, junto dos seus associados e integrado no plano de actividades do seu Departamento de Tempos Livres, uma competição de futebol de salão denominada «Torneio da Paz». A decorrer no rinque do Estádio Primeiro de Maio (Inatel) com 27 equipas, movimentando cerca de 260 jovens atletas. O torneio compõe-se de três séries, e apresenta a seguinte classifica-

ção no final da 1.ª jornada, quanto aos primeiros classificados na série «A»: 1.º - Hotel Lutécia; 2.º - Hotel Alfa; 3.º - Hotel Penta. Série «B»: 1.º - Restaurante Convés; 2.º - Hotel Florida; 3.º - Messe de Sargentos de Lisboa. Série «C»: 1.º - Hotel Roma; 2.º - Hotel Embaixador; 3.º - Cervejaria Portugal (B). Melhor marcador: José Mós (Convés); Guarda-redes menos batido: António Martins (Hotel Ritz); José Amaral (Rest. Charua) e Manuel Luís (Hotel Florida).

Afonso dos Santos deixa a DGD

O professor Afonso dos Santos terminou, «a seu pedido» a comissão de serviço como subdirector-geral dos Desportos - segundo informação um elemento da Secretaria de Estado dos Desportos. A mesma fonte frisa que não era de facto exacto que Afonso dos Santos tivesse sido convidado a demitir-se do cargo, cujo novo titular «não foi ainda escolhido».



Mirandela da Costa substituiu Lopes Marques na chefia da Direcção-Geral dos Desportos, provocando várias alterações no departamento

DESPORTO

Alves Teixeira: dois anos depois da sua morte

Regista a agenda «DL»: a 17 de Dezembro de 1981, morreu com 71 anos, um trabalhador infatigável do desporto nacional, jornalista durante 53 anos, seleccionador de andebol e de basquetebol (as modalidades que mais o apaixonaram), presidente da direcção (durante meio século) do Sporting Clube Vasco da Gama (do Porto), uma colectividade com 62 anos de existência vocacionada para o basquetebol. O saudoso Alves Teixeira (felizmente que alguns dos actuais homens do desporto se lembram dele) tem o seu nome ligado a alguns torneios da Associação de Basquetebol do Porto, da Associação de Futebol de Lisboa, da Federação Portuguesa de Andebol (cuja Supertaga se realizou brevemente, entre o Benfica e o Sporting) que após a sua morte decidiram instituir taças com o nome de Alves Teixeira, também o ex-líbis de «O Norte Desportivo», bissemanário com mais de meio século de existência que tem a sua publicação interrompida desde fins de Junho último.

Em contacto telefónico com um responsável do Vasco da Gama (onde Alves Teixeira é sócio de mérito vitalício) ao confirmarmos o dia de falecimento do antigo camarada de imprensa (também colaborador do «DL» nos tempos de outro muito saudoso trabalhador desta casa: dr. Tavares da Silva) disseram-nos: «foi efectivamente em 17 de Dezembro de 1981 que morreu Alves Teixeira, o nosso querido presidente». Perguntámos como sobrevive o clube da «Cruz de Cristo» situado na Rua de Alexandre Herculano, em pleno centro da típica e populosa freguesia da Sé. Disseram-nos: «Vai muito bem». Mais: «Temos quase tantos atletas como associados, o que para nós, humildes como somos, é magnífico». Perante a nossa interrogação concluiu o interlocutor: «O nosso património desportivo é rico em valor humano,

pois contamos com mais de uma centena de atletas distribuídos pelas categorias de formação (minis, iniciados, juvenis e juniores e o escalão de seniores) posicionados em lugares de destaque que nos faz pensar que iremos conquistar todos os títulos, excepção feita justamente aos seniores».

Acerca do Pavilhão para o Vasco da Gama, que a sua velha fundação há muito tempo justifica e o trabalho do clube em prol da juventude e do basquetebol em especial impõe, disseram-nos: «Está bem encaminhado. Encontra-se numa fase de decisivo arranque e ficará situado no bonito recinto do Parque das Camélias».

Chocou-nos uma informação do actual secretário da direcção: «Como será daqui para a frente é que não sabemos. O Governo tem que olhar para os clubes pequenos. Ver, realisticamente, os que trabalham pelo futuro do basquetebol e os que apenas se preocupam com a conquista de títulos da 1.ª divisão». Adiantou-nos: «O nosso presidente Alves Teixeira ensinou-nos a dar mais importância a um título de juvenis ou de juniores do que a um de 1.ª divisão».

A seguir: «A nossa vocação é «fazer» jogadores e a prova disso para as outras três categorias». Mas o «choque» de que falámos antes, segundo informação do referido secretário vasciano, foi quando nos segredou que cada jogo de juniores (do Regional) fica ao clube por cerca de cinco mil escudos: árbitros e mesa, 2070\$00, policiamento, 870\$00; aluguer de pavilhão, 1500\$00 e cerca de 500\$00 (mas estes suportados pelos dirigentes ou técnico) da deslocação dos jogadores. Porque o pavilhão está situado em Vila Nova de Gaia, onde normalmente fazemos os treinos e os jogos das nossas equipas. Que nisto ponham os olhos os responsáveis pelo nosso desporto.

António Abel

Benfica: Natal dos jogadores

O Benfica oferece, na 2.ª-feira, aos seus jogadores de futebol e familiares a tradicional festa do Natal. Tendo como palco o Hotel Altis, no decorrer da cerimónia jogadores e filhos irão receber do clube as prendas relativas à quadra festiva que se aproxima. De referir que esta cerimónia mais não é do que o manter de uma tradição do clube com longos anos de existência.

Norte: centro do furacão

Prosseguem este fim-de-semana os campeonatos nacionais de futebol, com a ronda 12 dos torneios. Eis o calendário das provas e juizes indigitados:

Campeonato Nacional da 1.ª divisão, hoje, às 15 horas: Boavista-Penafiel, Ramiro Santiago (Coimbra). Amanhã às 15 horas: Sp. Espinho-Benfica, Graça Oliva (Leiria); Varzim-FC Porto, Rosa Santos (Beja); Sporting-Águeda, Isidro Oliveira (Porto); V. Setúbal-Rio Ave, Manuel Correia (Funchal); V. Guimarães-Sp. Braga, Vítor Correia (Lisboa); Portimonense-Estoril Ramiro Ruivo (Santarém); Salgueiros-Farense, Azevedo Duarte (Braga).

Campeonato Nacional da 2.ª divisão, Zona Norte: Lixa-Paços de Ferreira, Hernâni Silva (Porto); Valonguense-Ac. Viseu, Carlos Rebelo (Coimbra); Valdevez-Famalicão, Armindo Santos (Porto); Sanjoanense-Fafe, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo); Chaves-Vizela, Silva Pereira (Porto); Gil Vicente-Feirense, António Resende (Porto) e S. Martinho-Leixões, Raul Ribeiro (Aveiro).

Zona Centro: «O Elvas»-Académico, Ezequiel Feijão (Setúbal); U. Coimbra-Alcobaça, Marques Pires (Setúbal); Anadia-Peniche, António Costa (Viana do Castelo); Beira-Mar-Covilhã, Pimenta Alves (Braga); Torriense-Naval, José Moedas (Setúbal); Benfica Castelo Branco-U. Tomar, José Martins (Leiria); Caldas-Guarda, Alder Dante (Santarém) e U. Leiria-Rio Maior (Francisco Passaio (Lisboa).

Zona Sul: Amora-Belenenses, Miranda Dias (Coimbra); Sesimbra-Nacional, Francisco Silva (Faro); Lusitano de Évora-Silves, Américo Oliveira (Lisboa); O. Moscardide-Esp. Lagos, Gil Rosa (Setúbal); E. Amadora-Barreirense, Santos Luis (Coimbra); Marítimo-Sacavenense, Borges Moura (Coimbra); Olhanense-U. Funchal, Veiga Trigo (Beja) e Odivelas-Cova Piedade, António Rodrigues (Santarém).

Campeonato Nacional da 3.ª divisão, Série A: Freamunde-Monção, Ramiro Viana (Braga); Aves-Valenciano, Jesus Alves

Nacionais de futebol

(Braga); Mogadourense-Mirandela, Francisco Fernandes (Braga); Moreirense-Limianos, Cândido do Ribeiro (Porto); Merelinense-Taipas, Albino Nogueira (Porto); Vianense-Prado, Vitorino Gonçalves (Porto); Bragança-Ponte Barca, Manuel Teixeira (Porto) e Cerveira-Felgueiras, Fernandes Pereira (Braga).

Série B: Leça-Paredes, Eucides Ferreira (Coimbra); Amarante-Ermesinde, Tavares Silva (Aveiro); Lourosa-Vilanovaense, Júlio Bastos (Coimbra); Valadarez-Régua, Ângelo Santos (Aveiro); Ovarense-Cesarense, José Silvano (Vila Real); Lamego-Esmoriz, Mendes Costa (Porto); Paivense-U. Lamas, Soares Dias (Porto) e José Alves-Março, Amorim Silva (Porto).

Série C: Póvoa-Tondela, Carlos Pedro (Guarda); Santarém-Badense-Oliveirense, Apolónio Pereira (Coimbra); Mealhada-Os Marialvas, Martins Neves (Leiria); Gouveia-Estarreja, Celestino Alexandre (Vila Real); Tortosendo-S. Romão, Manuel Pedrosa (Aveiro); Vildemoinhos-Oliv. Bairro, Manuel Pires (Castelo Branco) e Viseu e Benfica-Mangualde, João Geraldo (Coimbra).

Série D: Marinhense-Almeirim, Fernando Costa (Lisboa); U. Santarém-Marrazes, Francisco Caroco (Portalegre); Portalegrense-Marinhais, Carlos Pebre (Lisboa); Alpalhoense-Alcains, Agostinho Pereira (Santarém); Bombarralense-Alferrarede, Alvaro Gonçalves (Funchal); S. Bernardo-Nisa e Benfica, Ângelo Alexandre (Santarém); Atouguense-Est. Portalegre, Firmino Pinela (Setúbal) e Nazarenos-S. L. Marinha, Jacinto Roque (Setúbal).

Série E: Almada-Santa Clara, Alfredo Basílio (Lisboa); Benfica Águia-Montijo, Olegário Barão (Faro); Atlético-Casa Pia, Fernando Rodolfo (Lisboa); Tires-Cacém, Alfredo Pereira (Lisboa); Vialonga-Lusitânia, Agostinho Santos (Leiria); Sintrense-S. L. Olivais, Joaquim Marques (Évora); Samora Correia-Oriental, José Crujo (Beja) e «Os Bucelenses»-Campomaiorense, António Jorge (Setúbal).

Europeu em França: Holanda ou Espanha?

A Holanda joga, hoje (em casa) com Malta, um dos dois últimos encontros do Grupo 7 do «Europeu» de Futebol (o derradeiro será o Espanha - Malta, no dia 21) e precisa de golear, a fim de garantir a qualificação para a fase final, a disputar em França, em Junho do próximo ano. Holandeses e espanhóis (que se defrontaram em Novembro último, tendo os primeiros ganho por 2-1) chegaram aos decisivos encontros com o mesmo número de pontos (onze), mas a turma da Holanda possui vantagem no «goal-average» total (17-6 contra 12-7 da Espanha, logo com menos quatro golos) e, assim, pode manter tal vantagem, se lograr impor-se a Malta por um «score» que seja dificilmente ultrapassado, na próxima semana, pelo «onze» do país vizinho, que terá de igualar o resultado dos holandeses e marcar mais cinco golos. Vejamos a classificação actual:

Inglaterra
O Manchester United, ao vencer o Tottenham por 4/2, em encontro antecipado da 18.ª jornada, é o novo comandante do campeonato de Inglaterra de futebol da 1.ª divisão.

Didi regressa ao Peru

O antigo futebolista brasileiro, Waldir Pereira (Didi), dirigirá a selecção peruana na fase de apuramento para o «Mundial» de 1986. O ex-campeão do Mundo pelo Brasil, em 1958, treinou a selecção do Peru que esteve no México, em 1970. Os adversários dos peruanos na fase de qualificação são a Argentina, Colômbia e a Venezuela.

	J	V	E	D	B	P
Hol.	7	5	1	1	17	6
Esp.	7	5	1	1	12	7
Isl.	8	4	1	3	20	10
Isl.	8	1	1	6	3	13
Malta	6	1	5	4	20	2

Recorde-se que a equipa de Malta é uma das que compõem a série eliminatória do Mundial-86 em que Portugal ficou englobado no recente sorteio de Zurique, conjuntamente com as selecções representativas da RFA.

Miranda Calha na Unesco

O secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, a exemplo do que fizera em Estrasburgo junto do Conselho da Europa, apresentou na Unesco (em Paris) o programa do Governo português no sector desportivo. O dr. Miranda Calha deu a conhecer um conjunto de 11 projectos, alguns dos quais poderão vir a ser apoiados pela Unesco, em cujo Comité Inter-governamental para o Desporto, Portugal deverá ser integrado a curto prazo. A solicitação nesse sentido foi feita na audiência que aquele membro do Governo português teve com o presidente do Fundo do Desenvolvimento do Desporto da Unesco (H. Diezeide).

Um dos projectos visa o desenvolvimento dos «Jogos Tradicionais», em que Portugal poderá ter acção importante na 1.ª Semana Mundial de Educação Física e Desporto, a realizar pela Unesco em 1985. Salientam-se (também) a criação de escolas móveis de formação de técnicos desportivos em meios rurais, plano especial de apoio desportivo aos deficientes e alargamento da prática do desporto à mulher portuguesa. O dr. Miranda Calha regressa hoje a Lisboa.

Atletismo: volta ao Funchal

Carlos Lopes, José Sena, Rosa Mota e Aurora Cunha deverão participar a 15 de Janeiro, na 25.ª volta à cidade do Funchal (em atletismo). São ainda dadas como certas as presenças na prova (organizada pela Associação de Desportos da Madeira) Albertina Machado, António Leitão, Pierre Deleuve (2.º classificado na edição de 1983) e representações nacionais da Suécia, Finlândia e, provavelmente, da União Soviética, com quem decorrem actualmente contactos. O atleta sportinguista Carlos Lopes, foi o vencedor da última edição da Volta ao Funchal, prova com a extensão de 11 mil metros, realizada em Janeiro deste ano.

Elas em 10 mil

A introdução da prova de 10 000 metros femininos no programa oficial das competições de atletismo terá lugar por ocasião da Taça do Mundo das Nações de 1985, em Camberra (na Austrália) e tal prova será igualmente disputada nos campeonatos do Mundo de 1987 (em Roma), decidiu a Federação Internacional de Atletismo reunida em congresso na capital filipina. Os 3000 metros femininos mantêm-se no programa e não serão substituídos pelos 5000 metros. Quanto ao pedido formulado por uma organização feminina americana, de incluir os 5000 metros e os 10 000 metros femininos nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, foi rejeitada pelos congressistas.

Na sua agenda

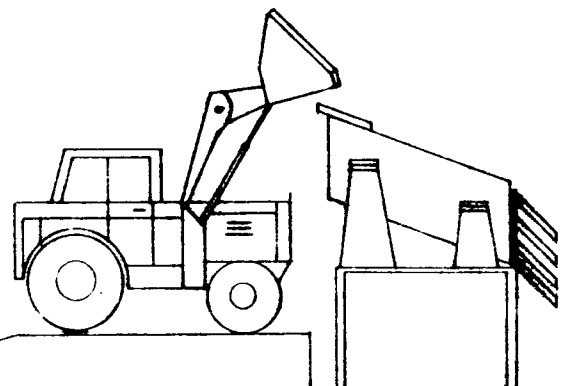
GINÁSTICA: Torneio lisboeta de encerramento (feminino) esta tarde no Ginásio do Sporting (Alvalade). Amanhã, nas instalações do Lisboa Ginásio Clube (pelas 10 horas) processa-se o torneio masculino.

Morte no automobilismo argentino

O piloto argentino Juan Carlos Rodríguez morreu perto de Santa Rosa (provincia de La Pampa) num acidente ocorrido durante uma prova de estrada que foi ganha pelo seu compatriota Roberto Mulas. A viatura pilotada por António Lizévich deixou a estrada e embateu numa máquina de obras públicas. Rodríguez (que era co-piloto) morreu, enquanto Lizévich (ferido) foi hospitalizado em Santa Rosa.

CRIVOS PARA PASSAR AREIAS — SEIXOS — BRITAS — TERRAS — MINÉRIOS, ETC., PARA PEQUENAS E GRANDES PRODUÇÕES.

MONTAGENS — ASSISTÊNCIA



METALÚRGICA DE ÉVORA DE J.M.A. ESPADA

ZONA INDUSTRIAL —

TELEF.: 24 720

7000 ÉVORA

Trapologia na Libris

Chamam-lhe **trapologia** mas há quem diga que é uma espécie de **patchwork**. Seja o que for, aquilo que **Ana Cassiano** faz, quadros à base de trapos, estão agora expostos na livraria **Libris**, no largo da Misericórdia. Não anda ao trampo mas busca-os, com canseira, como material precioso para a confecção dos trabalhos que cria, ao sabor da imaginação, sem plano prévio nem desenho que siga.

Bocado a bocado, unidos, numa geometria **im-perfeita**, os trapos (algodões, sedas e rendas) conjugam-se, dando um mar, o **nosso sonho constante**, uma mulher ajoelhada, um pássaro, um castelo. É a fantasia de Ana Cassiano que lhe demora oito dias a traduzir num pano, feito de muitos pedaços cozidos à mão ou com máquina. Antes desta ocupação, de se exprimir assim, Ana Cassiano tinha passado por inúmeras experiências, a maioria delas para sobreviver. Passou pelo teatro e pelo cinema, em papeis de figuração, dedicou-se ao **macramé** e à feitura de almofadas e bonecas que vendia para lojas e no círculo dos amigos. De Santarém veio para Lisboa, há dezoito anos para descobrir a cidade, nunca imaginando como é difícil a uma mulher desenrascar-se na vidinha. **Ainda teve um emprego convencional, com horas de entrada e saída, mas não conseguiu adaptar-me ... fugi.** Diz ela.

Depois de muito tombo, muita desilusão, parece ter-se reconciliado consigo própria e chegado à conclusão de ser capaz de fazer coisas que requerem sensibilidade. Por exemplo: **estas**, os trapos que formam quadros, tapeçarias, histórias.

É a quarta vez que expõe. Fê-lo na festa do **Avante** no teatro de Carnide, no Salão do de Outono do Casino de Estoril e agora na Libris, em véspera de Natal.

Júlio Pereira em Vila das Aves

Júlio Pereira e o seu novo grupo, constituído por Carlos Zingaro, Amélia Muge, José Manuel Marreiros e João Seixas vão actuar, amanhã, em Vila das Aves, no concelho de Santo Tirso.

Este espectáculo integra-se no programa dos Jogos Florais daquela povoação, iniciativa promovida pela Junta de Freguesia.

Com arranque no Brasil

Campanha "SOS-Nicarágua" começa em Janeiro

Organizar equipas voluntárias de médicos e enfermeiros e recolher medicamentos para enviar para a Nicarágua serão os principais objectivos duma campanha Nacional para que organizações de solidariedade brasileiras vão levar a cabo de 10 a 15 de Janeiro próximo.

A decisão foi tomada no último fim de semana durante o primeiro encontro de entidades de solidariedade que teve lugar no Rio de Janeiro e no qual participaram 35 representantes de comités de sete estados brasileiros.

A campanha, intitulada «SOS Nicarágua», responde a um apelo feito há duas semanas por dirigentes da Frente Sandinista de Libertação Nacional, que estiveram no Rio de Janeiro e em São Paulo a contactar com comités de solidariedade e dirigentes políticos brasileiros e de partidos de outros países do cone sul latino-americano.

No Brasil existem actualmente dezenas de instituições de solidariedade com povos de vários países da América Latina. A multiplicação dos comités deve-se em grande parte à presença de milhares de exilados políticos latino-americanos no país, a maioria deles chilenos, argentinos, uruguaios e paraguaios.

Nos próximos dias e meses espera-se um regresso maciço de argentinos ao seu país, após a tomada de posse de Raul Alfonsín como Presidente Constitucional argentino na sequência das eleições que puseram cobro ao regime militar.

Para evitar a dispersão de esforços, as entidades de solidariedade reunidas no Rio de Janeiro decidiram também criar uma comissão de coordenação nacional com forma orgânica permanente.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

3

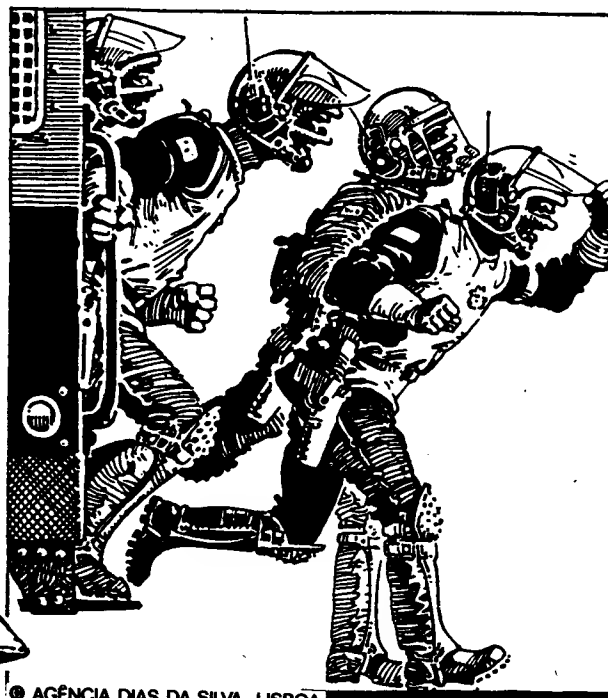
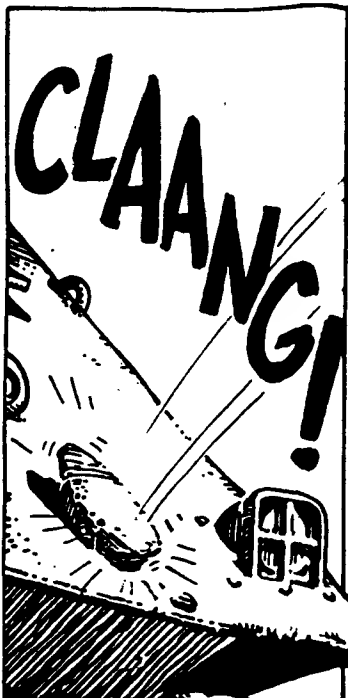
"... MAS SÃO OS GESTOS HERÓICOS QUE GERALMENTE, MUDAM O CURSO DA HISTÓRIA..."



"ESTA É FEITA A PARTIR DE PRESSUPOSTOS ABEURDADOS..."



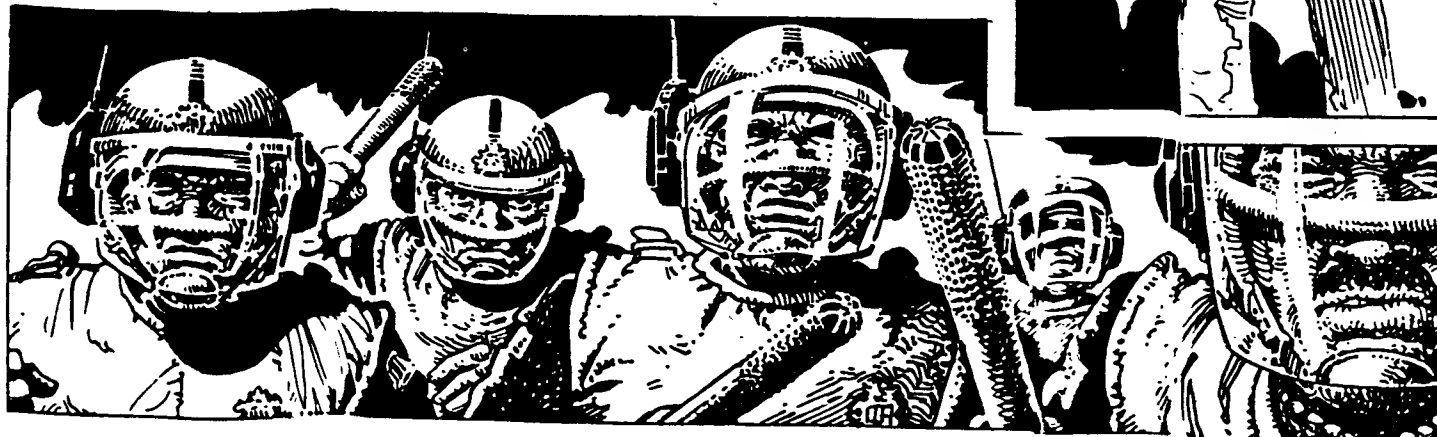
TOMA!



AGÊNCIA DIAS DA SILVA - LISBOA



CEUS! QUE FUI FAZER?



Continua

FUMO



NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS



"António Sérgio: o Homem e a Época"

Colóquio sergiano na Gulbenkian



Sob a presidência do general Ramalho Eanes, realiza-se na próxima segunda-feira, às 9.30 horas, na Fundação Calouste Gulbenkian, a sessão de abertura do Colóquio «António Sérgio: o Homem e a Época», iniciativa da «Cooperativa de Estudos e Desenvolvimento», integrada nas comemorações do primeiro centenário do nascimento daquela figura de primeiro plano da inteligência e da resistência portuguesa.

O programa do Colóquio é o seguinte:

Segunda-feira, às 9.30, Sessão de Abertura, «Las dictaduras peninsulares y el supuesto «peligro español» (1923-1930): a propósito de una acusación de António Sérgio», por Hipólito de la Torre Gomez; às 11 horas — Tema I — Pensamento e Acção de Sérgio, com Ferreira da Costa e Jacinto Baptista (moderador Antó-

nio Reis); às 15 horas — Tema II — O Pensamento e a Prática Política de Sérgio, com António Reis, Piteira Santos, Raul Rego e Oliveira Marques; — Tema III — O Escritor Público e o Enciclopedista, com Maria Helena Carvalho dos Santos (moderador Ferreira da Costa).

Terça-feira, dia 20, às 9.30, Tema IV — O Pensamento Literário, com David Mourão Ferreira, Maria Antonieta Garcia e Miller Guerra; às 15 horas — Tema V — O Pensamento Histórico, com Olga Ferreira, Cecília Barreira e Joel Serrão (moderador Oliveira Marques); Tema VI — O Pensamento Filosófico, com Maria Teresa Amado, Custavo de Castro e Manuel Cadafaz de Matos; Tema VII, O Pensamento Científico, com Gustavo de Castro e Barahona Fernandes (moderador M. H. Carvalho dos Santos); às 17.30, Sessão de Encerramento.

Novo disco de Roberto Carlos

A CBS lançou, esta semana, simultaneamente em Portugal e Brasil, o novo LP de Roberto Carlos, de título genérico «O Amor é a Moda», onde o amor e a amizade voltam a ter lugar preponderante na obra do «rei».

Tal como já aconteceu nos dois anteriores trabalhos, «Emoções» e «Amiga», Roberto Carlos volta a dar, neste novo LP, maior ênfase poética e vocal a estes dois temas humanos, o amor e a amizade, «tão esquecidos por vezes no Mundo conturbado de hoje».

«O Amor é a Moda» tem dez faixas, entre as quais «Estou Aqui» e «O Mesmo Verão», e algumas semanas antes do lançamento já havia pré-pedidos de cerca de dois milhões de exemplares no Brasil.

Gravado em três estúdios diferentes (United Western de Los Angeles, Era de Nova Iorque e Sigla do Rio de Janeiro), este novo disco do criador de «Detalhes» inclui seis composições da dupla Roberto/Erasmio Carlos.

A semelhança do que fez com «Emoções», Roberto Carlos tenciona efectuar uma longa digressão brasileira com o título «O Amor é a Moda», a iniciar já em Janeiro próximo.

"As comunicações e o Desenvolvimento"

Uma exposição — várias mensagens

A partir de hoje e até ao próximo dia 22, inclusive, entre as 16 e as 23 horas, encontra-se aberta ao público a Exposição subordinada ao tema «as comunicações e o desenvolvimento», organizada por ocasião do Simpósio sobre o mesmo tema.

Esta exposição — que decorre no Edifício Telecomunicações, Picoas, em Lisboa, com entrada pela Rua Tomás Ribeiro, esquina Av. Fontes Pereira de Melo — tem como objectivo fundamental mostrar, como ao longo da história, as comunicações responderam às necessidades da comunidade, transpondo-a ao mesmo tempo.

Assim, dos mais sofisticados equipamentos de comunicações telefónicas, passando pelo compact disc, o videolaser, o acesso a bancos de dados, o videotex, até às primeiras formas de comunicação, o visitante terá oportunidade de viver as diferentes épocas, os diferentes ambientes e as diferentes tecnologias.

Com efeito a exposição requer — utilizando objectos, imagens, sons, sugestões — os ambientes próprios de cada um dos quatro períodos assinalados.

A exposição abre, deste modo, com o tempo actual, denominado «A Sociedade da Informação» com as comunicações altamente complexas e instantâneas que a electrónica e a teoria de informação permitem e a vida actual exige, a que se segue «Quando o século XX era novo» — com a conquista do som e da imagem através do domínio do electromagnetismo e da óptica.

Entre o mundo do salão e o mundo da fábrica a comunicação

é preponderantemente a palavra impressa e dá os primeiros passos no domínio do telefone: estamos no «Mundo a Vapor».

E antes? — É o longo tempo em que apenas a palavra escrita e a voz do homem transportavam mensagens.

Esta exposição promovida pela Secretaria de Estado das Comunicações — com o apoio dos CTT, TLP, Marconi, RDP, RTP, Centel, Standard, Siemens e Philips — visa alargar ao grande público a reflexão e a tomada de consciência da importância que assume, nos dias de hoje, o sector das comunicações: condição e motor do desenvolvimento da sociedade.

Junta de Freguesia de Almada

A Junta de Freguesia de Almada, levou a efeito esta manhã, no Salão de Festas da Incrível Almadense, uma festa de Natal dedicada a crianças e idosos,

com um programa de variedades onde colaboraram, Aquiles

(Mágico), João Nuno (Atcim) e Silva e Filhos (Palhaços).



A festa do ano passado foi assim...

«Rock Rendez-Vous» faz três anos

O «Rock Rendez-Vous» completa amanhã três anos de vida, mas a festa começa hoje, às 22 horas, com quatro bandas no palco: os «consagrados» Xutos & Pontapés e as revelações deste ano, Casino Twist, Rádio Macau e Fist. Este é o programa oficial, mas tudo pode acontecer. O que for, soará, e ficará registado em videotape.

Nestes três anos de actividade do «Rock Rendez-Vous», houve

4 meses de encerramento coercivo por decisão policial (incompatibilidades com alguma vizinhança e questões de ordem moral a que não é alheia a situação geográfica da casa), 390 espectáculos com 97 agrupamentos diferentes, 600 horas de música ao vivo, a exibição de mais de 500 jóvens músicos nacionais e a execução de cerca de 800 originais de música moderna portuguesa.

O Natal dos «barriguinhas»

O Grupo Desportivo «Os Barriguinhas», composto por frequentadores da nossa vizinha Adega Tagarro, realizam no próximo sábado a sua festa de Natal, dedica-

da aos filhos dos seus associados, com distribuição de brinquedos seguida de lanche e um espectáculo de variedades para as crianças.

Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo

A Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, a exemplo de anos anteriores, leva a efeito no próximo dia 24 do corrente, a festa de Natal intitulada «Festa de Natal Apoliana 83», especialmente dedicada aos mais necessitados dos bairros de Lisboa, em que se-

ráo distribuídos 40 cabazes de Natal, distribuição de vestuário a 10 crianças pertencentes a classes mais desfavorecidas.

Em nome dos nossos protegidos, agradecemos o envio de dois cartões do Cabaz de Natal.

Freguesia da Reboleira (Amadora)

A Freguesia da Reboleira na Amadora, realiza no Pavilhão da Academia da Amadora, no próximo dia 18, com um programa de variedades onde actuam entre

outros, Zé Barata Moura, Teatro da Praça Pública, Paula, Xana, Coro de Santo Amaro de Oeiras, Samuel, Coro Infantil da Tap, Pé de Galo e Karminé.

EM EXIBIÇÃO

ANGUSTIA
ALTEIRAÇÃO
OBSESSÃO
NA NOTTE DE MANHATTAN

(SUBWAY RIDERS)
OS VIAJANTES DA NOITE
de AMOS POE com Robbie Coltrane Charlene Kaleina John Lurie

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

sexta e sábado às 21,30h

CASTRO
ANTONIO FERREIRA
THEATRO JOAO MOTA

11 MESES DE LOTAGENS ESGOTADAS

2 salas 2 espectáculos

praca espanha
TEL 72 08 18

no espaço de **CAFE-TEATRO**
quintas às 22 h
sexta e sábado às 23,30h

QUERO O MEU VITOR A CORES
UMA FARSA DE CORPO PRESENTE

2º MÊS
SERVIÇO DE BAR

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Na estrada caminha sempre pelo seu lado esquerdo

circular e viver.

SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO ARTÍSTICA PIEDENSE ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

AVISO CONVOCATÓRIO

Nos termos do artigo 30.º 2c) dos Estatutos e na competência do artigo 13.º a) do Regulamento Geral, convoco os senhores associados a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária nas instalações sociais da colectividade, no Largo 5 de Outubro, no dia 23 de Dezembro de 1983, às 20.30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

«Apreciação, discussão e votação do Plano de Actividades e do Orçamento de Receitas e Despesas para o ano de 1984»

Nos termos do artigo 32.º 2.º dos Estatutos, se à hora acima indicada não estiver a maioria dos sócios efectivos, a Assembleia Geral funcionará em segunda convocação uma hora depois, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos, qualquer que seja o número de sócios presentes.

Cova da Piedade, 7 de Dezembro de 1983

O presidente da mesa da Assembleia Geral

a) Alexandre dos Santos Castanheira

Nota — É indispensável a apresentação do cartão de identidade do sócio.

Os documentos em apreciação devem ser pedidos na Secretaria da SFUP

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Um breve olhar o "apartheid" existe?

Botha, Pik para os compinchas dele (no Telejornal gostam muito de o tratar assim) esteve por aí e tratou com as autoridades (seriam as altas?) que lhe dispensaram benévolo acolhimento. Enfim, deve ter sido para ele uma agradável estada. Foi pena ter vindo só. Talvez um dia venha mais acompanhado, cumprindo assim a vontade deste Governo que está ansioso por arranjar um par de bothas.

Pois o Botha esteve também lá, na Televisão. Muita conversa, muito paleio e até, pela sua parte, muita arrogância. O que parecia impossível, sucedeu: o Telejornal não lhe fez nunca uma, uma ao menos, pergunta incómoda! Deitaram sempre Botha em lençóis de anjo.

Quem diz que o apartheid existe?...

O nó

Então disseram que o cinema e o teatro, à noite, estão a perder público. A crise não é uma palavra vã. Passam o nó em vota do pescoço dos portugueses. Como querem que eles, com a falta de ar, se divirtam?

A RTP também tem culpas no cartório: carrega a programação nos dias em que o teatro mais se pode safar e alivia às segundas-feiras, quando os actores folgam.

O falcão devora os pintainhos.

Perguntas

Angústia acorda na TV. Perguntam: «Haverá homens no interior da Terra?»

Importa salvar a paz, para que a pergunta não se transforme noutra: dentro de alguns anos haverá homens ao de cima da Terra?...

O fantasma

Falavam de Manuel Fernandes Tomás. E quem víamos nós no pequeno visor? Que fantasma era aquele? Que estranha aparição? Que ressurrecto era?

Vago, entre as nuvens, à procura de um nome para colar àquela imagem. Era ele exactamente, o Carlos Blanco, num passo de ginasta da prateleira para o poleiro.

Já o não víamos desde os memoráveis tempos de el-rei D. Veloso...

O trouxa

Foi um sujeito importante, este Manuel Fernandes Tomás. Recusou-se a servir franceses, invasores da sua Pátria. Aliou-se com quem vinha para os escorregar de cá e acabou depois por fazer trinta mil por uma linha. Mas enfim, grandes e proveitosos cargos teve ele. Foi juiz, foi desembargador, foi não sei quê

nas alfândegas.

Com tudo isso, morreu pobre. Sem um tusta. O Governo teve de instituir um auxílio de sobrevivência para a viúva e filhos.

Morreu pobre, o trouxa. Havia de ser hoje...

O aço

Regressam para o Natal os emigrantes. Na cara, o cansaço de muitos meses. Os esforços violentos. A segregação. A saudade...

— Que faz em França?
— Conduzo uma machina.
— E você?

— Ando com uma carrinha, onde livro encomendas.

— Há quanto tempo está em França?

— Depois de 1973...

A língua portuguesa, submetida ao calor da força quotidiana, dobra o aço, deforma o gume, adapta-se. O aço do coração, esse, é mais forte. Pelo menos é o que se lembra, quando frapem à porta as vacâncias de Noël.

O caminho

O povo, em todo o Mundo, vai tomando nas suas mãos a defesa da paz. Perante a raiva do falcão e o desespero dos armamentistas.

Telejornal mostra algumas cenas de rara violência: os polícias ingleses e alemães agridem os pacifistas organizados para mais uma vigília pela paz. Jovens com cartazes «A vida é a nossa vocação, a guerra não».

Cena rapidíssima: um polícia corre a interpor-se entre os agressores e um grupo de jovens.

A consciência faz o seu caminho...

Morrer duas vezes

Fez anos que Florbela morreu. Então, Telejornal lembrou a efeméride. Não se sabe porquê, este súbito acordar para a poesia. Todos os dias (ou quase) faz anos que um poeta morre em Portugal.

Veio a declamadora ler dois sonetos. Espalhafatosa, delirante, hiperbólica, «teatral». Nada se salvou da poesia.

E aqui está como um poeta, no mesmo dia, pode morrer duas vezes.

O dia das homenagens

Meninos que são anjos. Além de anjos, heróis, rudimentarmente pobres. O Prémio Val Flor, vocês viram.

Viram. A reportagem mostrou com um rigor sem véus. Veio do Porto, claro. Em Lisboa, o Telejornal é maior do que o deserto de Gobi.

Na voz do repórter, uma grande ternura, digamos: um indistigável amor.

— Que querias tu, Cristina?
— Uma boneca, daquelas que choram...

(Ou seja: daquelas que fazem o normal de se ser humano...)

— E tu, Hélder?
— Quería um acordeão...

(Ou seja: dar a música também é salvar...)

O repórter e a sua bondade feroz:

— Crianças que nasceram sob o signo da pobreza. Mas hoje é o dia das homenagens...

Hoje



Na rubrica Última Sessão, a RTP-1 apresenta a história intitulada «Dark Side of Love», da qual vemos uma cena

- 15.00 Aventura é Aventura — «Jornada de Heróis».
16.35 Fernando Lopes Graça — neste programa são evocadas a vida e a obra do musicólogo Fernando Lopes Graça.
18.00 Fim-de-Semana — um programa de Carlos Pinto Coelho, Mário Zambujal e Nuno Martins.
19.55 «M.A.S.H.»
20.30 Telejornal
21.05 O Tal Canal
22.05 «Falcon Crest» — intérpretes: Fritz Weaver, June Lockhart, Stephen Elliot, Jennifer Holmes, Michael Zaslow e Mário Marcelino. Realização: Harvey S. Laidman.
23.00 Última Sessão — «Dark Side of Love».



O parapsicólogo Zandinga, é o convidado especial desta noite do programa Sábado Vivo, na RTP-2



Troféu Sábado Vivo — programa em directo do Auditório da Foz. Além de artistas e entrevistados convidados haverá o concurso «Ouro ou Mina», apresentado por Rui de Melo.

Amanhã

- 10.30: 70X7; 11.00: Eucaristia Dominical; 11.55: Janela Mágica; 13.00: Sumário; 13.10: TV Rural; 13.35: Segredos do Mar; 14.30: A Festa Continua; 18.00: «Galáctica»; 18.50: Música no Tempo; 19.55: A Semana que Vem; 20.30: Telejornal; 21.05: Notas Soltas — maestro Pedro Osório; 21.35: «Nancy Astor»; 22.35: Domingo Desportivo.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Dark Side of Love» (23.00)



Sábado Vivo (21.30)



22.05 — FALCON CREST — Vickie está em baixo. Os pais não consentem no seu namoro com Mário que, por sua vez, também não quer que ela saia de casa para ir viver com ele. Lance, apercebendo-se do estado de Vickie, vai explorar a situação em seu próprio benefício, e de Falcon Crest. Entretanto, Angie encontra Arthur, um artista que, há anos, pintara o retrato de seu pai e que fora rival de Douglas. Intérpretes: Fritz Weaver, June Lockhart, Stephen Elliot, Jennifer Holmes, Michael Zaslow e Mário Marcelino. Realização: Harvey S. Laidman

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



Caminhos de Ferro
Portugueses

LISBOA - FARO - LISBOA

«RÁPIDO SOTAVENTO»

AGORA COM 2.ª CLASSE

9001		9002
14.40	LISBOA (TERREIRO DO PAÇO)	23.30
15.20	BARREIRO	22.50
18.04	TUNES	20.07
18.11	ALBUFEIRA	20.00
18.24	LOULÉ	19.47
18.35	FARO	19.35

Desde o dia 25 de Setembro de 1983, os comboios rápidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público já que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe, atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não inseridas na Tarifa Geral de Transportes

NOTA: Nestes comboios, tanto em 1.ª como em 2.ª classe, é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos.

Para informações mais detalhadas, devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secções de Informações.



Caminhos de Ferro
Portugueses

INFORMAÇÃO Linha do Norte

Prevendo-se uma maior afluência de passageiros na Estação de Espinho no dia 18 de Dezembro de 1983, foi decidido que os comboios rápidos n.ºs 3, 10 e 12 efectuem paragem extraordinária, nesse dia, naquela estação.

As horas de chegada e partida são as seguintes:

Rápido	ESTAÇÕES	Rápido	Rápido
3		10	12
1.ª e 2.ª		1.ª	1.ª
8.25	P. LISBOA (S. APOLÓNIA)	C. 20.35	23.50
11.38	C. ESPINHO P.	17.20	20.35

TECELAGEM

EXPOSIÇÃO E VENDA — ATÉ 20 DEZ — NA COMUNA (Pr. de Espanha)

VESTUÁRIO E DECORAÇÃO

6.ª f. — Das 20 às 24 h.
Sáb. — Das 15 às 24 h.
Dom. — Das 15 às 18 h.
3.ª f. — Das 20 às 23 h.

T
E
A
R
E
S

URDIDEIRA
ATELIER
938658 — AMADORA

OCARINA

ARTESANATO

Peças de Júlia Ramalho, Mistério, Ana Baraça;

Bonecos de Estremoz e Ribolhos;

Barros do Redondo

Brinquedos de folha e madeira

Mantas de Reguengos de Monsaraz

Aberto das 12 às 24 horas

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL
DE MAFRA A CARGO
DO LICENCIADO EM DIREITO
MANUEL D'ASSUNÇÃO CASALTA

CERTIFICO — para efeitos de publicação que no dia 29 de Novembro do corrente ano, de fls. 29 a fls. 30 do Livro 177-A, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL, na qual GIL CLÁUDIO DA COSTA e mulher MARIA ROSA CLARO DA COSTA, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar de Sobroito, freguesia e concelho de Mafra, JUSTIFICARAM, que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio rústico, composto de cultura arvense, com a área de 3812 m2, denominado «PEÇA», sito na indicada freguesia de Mafra, que confronta do norte com José Eduardo de Jesus Duarte Estrela, do sul com João Sabino da Silva, do nascente com Ma-

nuel Domingos Batalha e do poente com caminho: inscrito, na respectiva matriz cadastral — em nome do justificante GIL CLÁUDIO DA COSTA — sob o artigo 210 — Secção K, com o rendimento colectivo de 97300, de que resulta o valor matricial e atribuído de 1940900. Que o referido prédio encontra-se oneroso, na Conservatória do Registo Predial de Mafra, estando os justificados na sua posse há mais de 20 anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início; posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de todas as pessoas, sendo, por isso, uma posse de boa-fé, pública, pacífica e contínua, sendo consenso unânime de todos que o imóvel lhes pertence, pois praticam todos os actos inerentes à qualidade de proprietários, pelo que o adquiriram por usucapião, não tendo assim documentação que lhes permita fazer prova da aquisição pelos meios extrajudiciais normais. Está conforme o original. Mafra, 29 de Novembro de 1983.

O Ajudante
(MARIA MANUELA BEIRÃO CLÍMACO DELGADO)

roteiro cultural

Música

O concerto de Natal do Museu Gulbenkian está marcado para amanhã, ao meio-dia. Do programa constam Cantos Gregorianos e Gradual da Missa do Natal (II Modo), Polifonia dos séculos XIII-XIV, Matinas do Natal (Responsórios portugueses dos séculos XVI-XVII), de Lopes Morago, Polifonia pré-barroca, Regina Coeli, de Gregor Aichinger, Canções de Natal tradicionais e vilancicos portugueses alusivos ao Natal (séc. XVI-XVII). As canções de Natal serão interpretadas pelo Coral Vértice, constituído por 11 elementos.

No Museu das Janelas Verdes realiza-se também amanhã, às 16 horas, um concerto de Natal pelo Agrupamento Vocal de Lisboa, sob a direcção de João Valeriano, com obras de Pedro Cristo, Sampaio Ribeiro, Cancioneiro de Elvas e Madrigais vários. No museu, há ainda uma exposição de barristas do séc. XVIII, pintura portuguesa dos sécs. XVI e XVIII, desenhos de Domingos Sequeira, etc.

A Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa organiza para este fim-de-semana os seguintes concertos: hoje, na Igreja de S. Mamede, às 21.30, exibem-se o Lisboa Cantat, o Grupo Coral «Sol Nascente», o Grupo de Metais de Lisboa e os Pequenos Cantores de Lisboa; amanhã, às 18 horas, na Igreja Lusitana, às Janelas Verdes, concerto do 10.º aniversário do Coral Publia Hortensia no Grupo Desportivo e Cultural de Almada, às 21 horas, primeira



Aguarela de Nuno Félix da Costa, em exposição no Módulo de Lisboa

apresentação pública do Coro Polifónico de Almada e do Octeto Universitário, apresentando-se ainda o Coro da Incrível Almada e o Grupo de Danças Tebe Tebedai-Bidu de Timor.

O Octeto de Sopros, constituído por solistas da Orquestra Gulbenkian, realiza hoje um concerto, às 21.30, no Auditório do Orfeão de Leiria, interpretando música de Mysliveček, Franz Krommer, Dvorak e Mozart.

No Hot Clube, a programação de hoje é preenchida por Key Note, com Carlos Bechegas (flauta), Zé Castro (piano), Lino Neves (guitarra), Filipe Larsen (baixo eléctrico) e Henry de Sousa bateria. (As 22.30 e às 00.30 horas).

Teatro

A peça «Longa Viagem para a Noite», após uma digressão pela província, retoma o palco principal do Teatro Nacional. O público de Lisboa vai poder ver, ou rever, nesta quadra natalícia, a peça onde o dramaturgo americano Eugene O'Neill não se poupa à mais autêntica confissão da sua vida, realizando uma obra que três anos depois da sua morte ainda lhe vai granjear mais um Prémio Pulitzer. Interpretada por Rogério Paulo, Lígia Telles, Mário Pereira, Carlos Daniel e Luz Franco, foi encenada por Jacinto Ramos, com cenários e figurinos de Paulo Guilherme e música de César Batalha. No início do próximo ano esta peça seguirá de novo viagem para a província, apresentando-se em Sines no próximo dia 4 de Janeiro.

A carreira de «O Rufia na Escada», peça de Joe Orton em cena no Teatro da Graça, termina amanhã (espectáculos hoje, às 17 horas e às 21.45, e amanhã só às 17 horas).

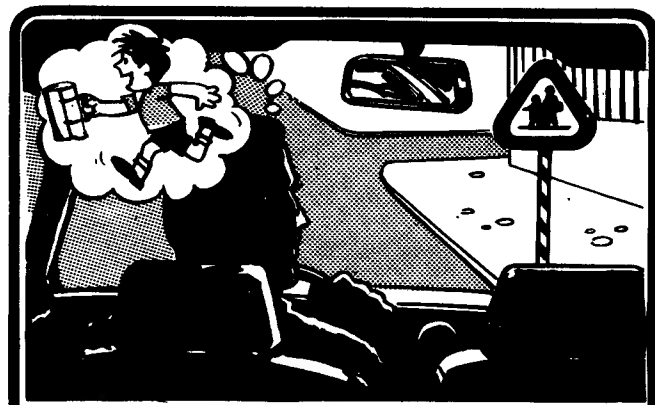
Exposições

Com aguarelas de Nuno Félix da Costa, inaugura-se hoje, pelas 18 horas, no Módulo de Lisboa (Av. António Augusto de Aguiar, 56, 5.º, dt.º) a XXII Exposição do ciclo «Estúdios». Cerca de 50 aguarelas de pequena dimensão compõem a exposição onde se vive uma atmosfera carregada de elementos simbólicos de um mundo cultural pessoal, cheio de situações irónicas contrastantes com imagens de grande ternura. A exposição está aberta de 2.ª a sábado, das 16 às 20 horas, até 20 de Janeiro.

No Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal são hoje inauguradas as exposições «Máscaras Portuguesas» e «Rio de Onor, Fotografias de Maurício de Abreu». Hoje, também, pelas 18 horas, será projectado o filme «Máscaras», realizado por Noémia Delgado.

O artista canadiano Kerry Joe Kelly expõe até 23 de Dezembro, os seus trabalhos de vitral, gravura e escultura na Galeria Nova, em Torres Vedras.

Ana Porto, Cremilda Ferreira Pereira, Isabel Mota e Teresa Carvalho Dias expõem colectivamente no Palácio dos Coruchéus (Alvalade). A mostra encerra no dia 19 e pode ser visitada hoje, das 14 às 19 horas, e 2.ª feira das 13.30 às 19.



AOS CONDUTORES

"Abra a marcha ao avistar o sinal de trânsito 'Crianças', porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua."



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA, VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	98\$45	104\$45
ALEMANHA FED (marco)	48\$45	48\$45
ÁUSTRIA (xelim)	6\$65	6\$65
BÉLGICA (franco)	2\$152	2\$352
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$110
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	104\$70	106\$70
(notas de 5 a 1000)	105\$20	107\$20
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45
ESPAÑA (peseta)	\$785	\$905
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	130\$90	132\$90
(notas de 5 a 1000)	131\$40	133\$40
FINLÂNDIA (marka)	22\$25	22\$85
FRANÇA (franco)	15\$45	16\$15
HOLANDA (florim)	42\$20	43\$20
INGLATERRA (libra)	190\$00	190\$35
IRLÂNDIA (libra)	147\$65	151\$65
ITALIA (lira)	\$071	\$081
JAPÃO (iene)	\$531	\$566
NORUEGA (coroa)	16\$75	17\$25
SUÉCIA (coroa)	16\$10	16\$70
SUIÇA (franco)	59\$20	60\$30
VENEZUELA (bolívar)	7\$95	8\$95

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

18.00: Turma da um - livros e gente; 19.00: Tempo de informação; 20.00: Tempo de teatro; 21.00: Livre e directo; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

14.30: A ópera «Três Vinténs», de Kust Weill; 17.00: Transmissão, em directo, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 19.00: Festival Bach da Madeira 1983; 20.10: A Orquestra «Nova Sinfonia» de Londres; 21.00: Para além da leitura; 21.45: Efeméride; 22.00: O cravista Ruggero Gerlin; 22.20: Sinfonia n.º 2, em ré maior, de Domingos Bontempo; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 347m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sábado à tarde; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Saltão; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Porto especial fim-de-semana; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 910

HORIZONTAIS:

- Tempo do verbo ser. Artigo definido. Termo da existência. Artigo definido.
- Caravana. Canal que serve de passagem ao canal de Marselha ao Ródano.
- Larvas das feridas dos animais. Nome de mulher.
- Moeda italiana. Animal doméstico (inv).
- Batráquio. O mesmo que lande, planície.
- Centiare. Sairam frequentemente à rua.
- Ave, o mesmo que pega. Caminho.
- Ninho. (Prov). Centiare. Prefixo que designa ar.
- Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da Justiça e da morte. Artigo indefinido.
- Remora para trás. Rapaziada.
- Aminofaram.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

VERTICAIS:

- Peixe do mar Vermelho. Exclusiva.
- Apelido. Fomentai.
- Região da África Oriental, entre a Etiópia, o mar Vermelho e o golfo de Adem. Guarnecer de arames.
- Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Içara.
- Millitro. Donzela de Orléans.
- Afluente do Mississippi. Ave do Amazonas.
- Cova. Paixão.
- Substituir. Centiare.
- Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte do czarista Isabel. Acalentaram.
- Sinceridade.
- Dois vogais desiguais. Tornar morno.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9762

HORIZONTAIS:

- Pândega. Furiosa.
- Tratar por tu. Bigorna de aço sem hastes.
- Lâmpada pequena.
- Clima. Jarro (planta). Nome de astro.
- Do feitiço do ovo. Centiare.
- Marisco do Senegal. Terminar.
- Pecado. Pega.
- Mestre.
- Esteiro. Rio da Rússia.
- Induziriam.
- Sadios. Sufixo que designa abundância.

VERTICAIS:

- Dizer. De preços elevados.
- Prender. Clima. Cólera.
- Alcool de melão. Explendido.
- Raspavam. Sadios.
- Ave trepadora. Érbio (s.q.).
- Parte do boné que serve de anteparo aos olhos. Acto solene.
- Coragem. Guindaste grande. (pl).
- Sadia. Palmeira da Amazônia.
- Prendes. Bário (s.q.). Lírio.
- Vossa Alteza. Poente.
- Albergara por esmola. Alúmen.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 909

HORIZONTAIS:

- O. POUCO. NOS.
- Loas. Mube. Acaule
- Palmeira. AAA.
- Oleais. Aa.
- Al. Magos.
- Bia. Amo. Agá.
- Aa. Ace. Sias.
- Amanse. SS.
- Taa. Ota. Ata.
- Abai. Omittas.

VERTICAIS:

- Oledo. BASTA.
- O. Olai. Ab.
- Palmela. AAA.
- Os la. Am.
- Animação.
- Casamento.
- Ar. Go. Sam.
- MUITO SE.
- Nula. Sai. At.
- Obesa. GASTA.
- Sé. Amassas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9761

HORIZONTAIS:

- Patifaria.
- Abada. Emaça.
- Trios. Gu. As.
- Eis. Trinar.
- Tg. Planistas.
- Is. Adail.
- Cria. Aulól.
- Oel Gard. Am.
- MMIV. Erg.
- Colaria. Ien.
- Asi. Earn. Mu.

VERTICAIS:

- Patético. Cá.
- Abriremos.
- Tais. Si. MLI.
- Ido. Má.
- Fastio. Gire.
- Ra. Cavia.
- Regina. Ar.
- Imunidade.
- Aa. Asai. Ri.
- Cartilagem.
- Cás. Alom. Nu.

Provérbio: O pouco nos basta, o muito se gasta

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480	CONDES 322523	LONDRES 801313	
Av. de Roma Às 14, 16.30, 19 e 21.30 - Para Todos OS 101 DALMATAS	Av. da Liberdade, 2 Às 14, 16.30, 19 e 21.30 - M. 16 a. ESMERALDAS SANGRENTAS c/ Ryan O'Neal e Omar Sharif	Av. de Roma, 7-A Às 14, 16.30, 19 e 21.30 - M. 6 a. LA TRAVIATA de Verdi	
AVIS 547163	2000 2100055	MONTECARLO 681117	
Av. Duque de Ávila, 45 Às 15.30, 18.30 e 21.30 - Int. men. 18 a. JÚLIA E OS HOMENS	Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4 Às 15.30, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a. O CLÁ DOS GRANDES LUTADORES	Av. Pedro Álvares Cabral, 37 Às 14.15, 16.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a. VAMOS A ISTO RAPAZES Às 24 LONGA NOITE DE TERROR	
BERNA 776098	EDEN 320768	QUINTETO 573407	O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto
Av. Marquês de Tomar Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 M. 6 a. FLASHDANCE 5.ª Semana	P. Restauradores, 21 Às 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 18 a. OFICIAL E CAVALHEIRO Às 24 A SERPENTE VERMELHA	R. Actor Taborda, 27-B Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 - M. 12 a. OPERAÇÃO THOR Às 24 WHAT	
CALEIDOSCÓPIO 795093	ESTÚDIO 555134	ÁVILA 539930	
Campo Grande Às 15, 18.15 e 21.30 - Int. men. 13 a. TESS 3.ª Semana	Alam. Afonso Henriques, 35 Às 15, 17, 19 e 21.30 - M. 13 a. OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS 71.ª Semana	Av. Duque d'Ávila, 92-A Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24 - M. 12 a. OCTOPUSSY	
CASILL 530194	ESTÚDIO 444 779095	NIMAS 574362	QUARTETO 771378
Rua Castilho Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 - M. 12 a. BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA Às 00.00 CHAMAVAM-LHE O BULLDOZER	Av. Defensores de Chaves, 83-B Às 15.30, 18.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a. MARIA E JOSÉ às 24 A SENHORA SABE DA PODA	Av. 5 de Outubro, 42-B Às 14, 16.30, 18.30 e 21.30 - M. 16 a. CLASS	SALA 1 Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15 - M. 18 a. OS VIAJANTES DA NOITE Às 00.45 - M. 18 a. A DIVA E OS GANGSTERS
CINE 222 579460	HOLLYWOOD Tel. 802859	ODEON 328283/4	SALA 2 Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.15 - M. 18 a. QUELLE Às 00.45 - M. 18 a. MADRUGADA ALUCINANTE
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha) Às 14, 16.30, 19 e 21.30 - Int. men. 13 a. ESPOSAMANTE Às 24 «RAIVA SILENCIOSA»	Centro Comercial Alvalade SALA 1 às 13.45, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 - Para Todos OS MARRETAS CONTRA-ATACAM	R. Condes, 12 a 20 Às 15.15, 18.15 e 21.30 - M. 12 a. BONDIS, AGENTE SECRETO...	SALA 3 Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15 - M. 12 a. O ANO DE TODOS OS PERIGOS Às 00.45 - M. 18 a. MAD MAX I, AS MOTOS DA MORTE
CINE BLOCO 556824	SALA 2	POLITEAMA 326716	SALA 4 Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.15 - M. 12 a. O ESTADO DAS COISAS Às 00.45 - M. 18 a. A ODISEIA DO SUBMARINO 96
R. Pinheiro Chagas, 10 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 OFICIAL E CAVALHEIRO Às 24 VIOLAÇÃO DE UMA ADOLESCENTE	Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 - M. 6 a. O REGRESSO DE JEDI	R. Portas S. Antão, 109 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 - M. 6 a. ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA	SALA 5 Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.15 - M. 12 a. O ESTADO DAS COISAS Às 00.45 - M. 18 a. A ODISEIA DO SUBMARINO 96
CINE CAMÕES 324194	IMPÉRIO 555134/5	PATHE 821933	ROMA 887778
Rua do Loreto, 15 Às 14, 16.30, 19 e 21.30 - N. ac. men. 13 a. FILHOS DE NINGUÉM	Al. Afonso Henriques, 35 Às 15.15, 18.30 e 21.30 - M. 12 a. ZEPOLIN	R. Francisco Sanches, 122 Às 14, 16.30 e 21.30 - M. 10 a. AS AVENTURAS DO RABI JACOB	ROXY 548560

outros cinemas

Lisboa	ERICEIRA - Cineestúdio - «Verão Indiano», às 21.15 (12 anos)
ALFA-1 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)	Linha de Cascais
ALFA-2 - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.15 (12 anos)	ALGÉS - Stadium - «Chega-lhe Amigo», às 21.15 (13 anos)
ALFA-3 - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)	PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «La Boum 2, Depois da Festa», às 21.15 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «Armadilha Internacional», às 21.15 (13 anos)	OBRAS - Oeiras-Cine - «Bad Boys», às 21.15 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Degradação de uma Mulher Casada», às 21.00 e 23.00 (18 anos)	PARADE - Royal-Cine - «O Varredor», às 21.30 (6 anos)
CITY-CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)	SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Lições Privadas», às 21.15 (18 anos)
MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)	CASCAIS - Impala - «Juventude Sem Freio», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «Introduções Íntimas», sessões permanentes (18 anos)	CASCAIS - Oxford - «Os Grandes Aventureiros», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «A Estrada dos Malucos», às 21.30 (13 anos)	Porto
RESTELO - «A Escolha de Sofia», às 21.30 (12 anos)	VALE FORMOSO - «A Benção do Anjo Negro», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Pela Medida Grande», às 21.30 (13 anos)	ÁGUIA - «A Luta dos Destemidos», às 21.30 (13 anos)
Outra banda	BATALHA - «Espíes por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)
ALMADA - Cine-estúdio - «Alvo Águia», às 21.30 (12 anos)	TRINDADE - «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Por Favor Não Me Morda o Pescocão», às 21.30 (13 anos)	SÁ DA BANDEIRA - «As Aprendizagens do Sexo», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Incrível - «Trinitá, Cowboy Insolente», às 21.15 (13 anos)	CHARLOT - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
ALMADA - Academia - «Duas Horas Menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.15 (12 anos)	OLÍMPIA - «Júlia e os Homens», às 21.30 (18 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «O Cowboy da Meia-Noite», às 21.15 (13 anos)	BEBE - «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
Linha de Sintra	JÚLIO DINIS - «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine-Plaza - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)	PASSOS MANUEL - «Os 101 Dalmatas», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Lido - «Júlia e os Homens», às 21.30 (18 anos)	SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cineestúdio - «Mega-força», às 21.30 (6 anos)	COLISEU - «O Arco e a Flecha», às 21.30 (6 anos)
CACÉM - Cine-estúdio Flores - «Mercenários por Conta Própria», às 21.30 (18 anos)	LUMIERE-A - «Octopussy», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Combóio dos Duros», às 21.30 (13 anos)	LUMIERE-L - «Oh! Amigos Meus», às 21.45 (12 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Trinitá Vai à Guerra», às 21.30 (13 anos)	ESTÚDIO - «Caça ao Homem», às 21.30 (12 anos)

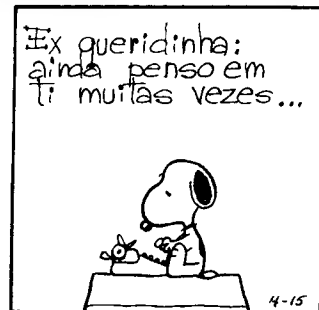
teatros

Lisboa	REDONDO - Salus - Rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 542239); CPO. PEQUENO-AV. REPÚBLICA - Alcântara - Av. República, 74-A (Telef. 771379); EN-CARNAÇÃO - Ascensão - Pc. do Norte, 11-A (Telef. 311216); LUMIAR - São tomé - Est. do Desvio Lt. 12-A (Telef. 790704); PRACA DE LONDRES - Imperial - Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 886860); S. DOMINGOS - BENFICA - Sousa - Est. Benfca, 429-431 (Telef. 780027); SÃO SEBASTIÃO - São Sebastião - Lg. S. Sebastião da Pedreira, 1-3 (Telef. 548642); ALGÉS - Dias & Saraiva - Rua Major Afonso Pala, 19 (Telef. 2114487); ODIVELAS-PATAMEIRAS - Amaral - Rua Antero Quental, 8-8-A (Telef. 925455); PONTINHA - Leitão Ribeiro - Rua A do Falcão, 3-A (Telef. 993912).
HOJE	AMANHÃ
PERMANENTE	PERMANENTE
ALCANTARA - Nogueira - Rua Alcântara, 5-A-B (Telef. 637563); BAIRRO ALTO - Pinharanda - Rua da Rosa, 94-96 (Telef. 321534); CAMPO D'OURIQUE - Portinho - Rua Francisco Metrass, 59-B (Telef. 663349); CHILE - Bastos - Rua Moraes Soares, 91-D (Telef. 844350); CONDE	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
PRAÇA DE ESPANHA - Circo Americano (6 anos)	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
TEATRO ABERTO - «Comédia à Moda Antiga», às 21.30 (13 anos)	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
COMUNA - «A Castro», às 23.30 (13 anos)	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
D. MARIA II - «Longa Viagem para a Noite», às 21.15 (12 anos)	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
TEATRO DA GRAÇA - «O Rufa na Escada», às 21.45 (13 anos)	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
MARIA VITÓRIA - «Quem Me Acaba o Resto?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)	AREIRO-APEADEIRO - Chinde - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 840331); CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi - Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (Telef. 631635); CAMPO D'OURIQUE - Castro Fonseca - Rua 4 Infanteria, 28-A (Telef. 688557); CAMPO PEQUENO-AV. ROMA - Galeno - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Telef. 774920); CARNIDE - Leal Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (Telef. 780881); CONDE BARÃO - Moz Teixeira - Rua Poço dos Negros, 117 (Telef. 601961); ES-TEFÂNICA - Universal - Rua Actor Taborda 5-7 (Telef. 544158); LUMIAR - Patuleira - Alm. Linhas Torres, 262-B (Telef. 790332); MARQUES POMBAL - Liberal - Av. Liberdade, 219 (Telef. 543641); MARTIM MONIZ - Tavares - Rua Palma 194 (Telef. 863350); SAPADORES - Branquinho - Rua dos Sapadores, 87-89 (Telef. 842725); ALGÉS - Combatentes - Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); AMADORA - Melo - Pc. D. João I, 9-B (Telef. 932756); BRANDÃO - Brito - Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); ODIVELAS - Nabais Vicente - Rua A L. 19-A Loja-Urb. Codivel (Telef. 9816803).
CASA DA COMÉDIA - «Marlowe», às 22.00 (13 anos)	



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 366740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
0.52 3,7 m 6.35 1,4 m
13.11 3,7 m 18.53 1,3 m
Dia 18
1.35 3,8 m 7.18 1,2 m
13.56 3,8 m 19.55 1,1 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO 6°
BRAGANÇA 1°
VILA REAL 2°
PORTO 8°
COIMBRA 7°
CABO CARVOEIRO 13°
PORTALEGRE 5°
LISBOA 9°
ÉVORA 7°
BEJA 8°
FARO 10°
SAGRES -
PONTA DELGADA 14°
FUNCHAL 14°

tempo



últimas

Mobutu cancelou visita ao Norte

A visita ao Norte do País do presidente zaireense Mobutu Sese Seko, programada para o dia de ontem, acabou por ser cancelada poucas horas antes do seu início. Na base do cancelamento, decisão que partiu da comitiva zaireense, vários motivos.

Oficialmente, Mobutu Sese Seko «só viaja com boas condições climáticas». O tempo que ontem se fez sentir na generalidade do país não era de índole a lançar Mobutu numa viagem ao Norte de Portugal.

Em privado, fontes diplomáticas indicam que as verdadeiras razões do cancelamento da visita «nada têm a ver com o estado do tempo».

Para umas, Mobutu desistiu da deslocação quando soube que estava a decorrer, no Porto, o X Congresso do PCP, «para o qual como se sabe foram convidadas várias organizações comunistas africanas».

Para outras, a visita não se realizou porque Mobutu não viu razões para se afastar, por um dia que fosse, «de uma Lisboa onde está a realizar tão bons contactos, sobretudo no âmbito comercial».

O presidente do Zaire partiu esta manhã para Kinshasa.

Pedroto (ao telefone) de Londres: “Conto ir passar o Natal ao Porto”



José Maria Pedroto, que (em Londres) foi submetido a uma intervenção cirúrgica, já esta manhã se levantou e, ao telefone, disse-nos da capital britânica: **Felizmente não sou da doença que algumas pessoas divulgaram, nem esta operação teve alguma coisa a ver com a do ano passado. Na 2.ª-feira vou ser submetido a exames, mas conto já ir passar o Natal ao Porto. Estou aqui com a minha mulher (Cecília) e com a minha filha Isabel (que, como estudante de Medicina está a recolher preciosos ensinamentos). Um abraço para o Porto, muito especialmente para o António Moraes e para os nossos jogadores.**

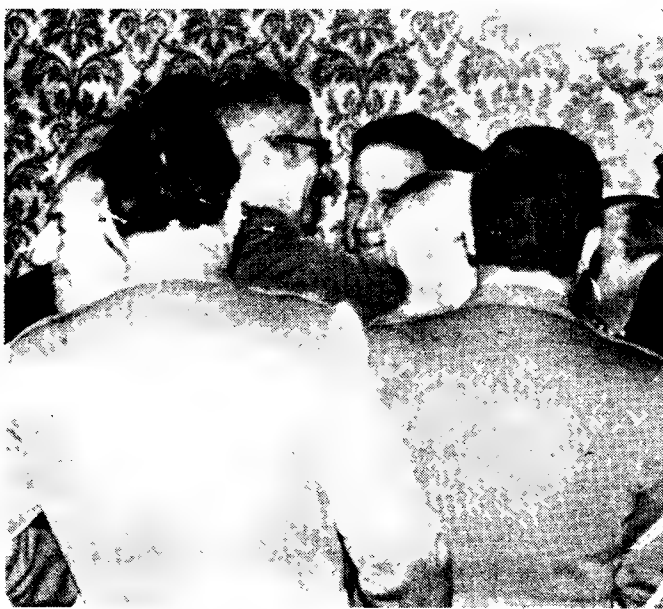
O Rádio Clube Português fazia um bom trabalho em benefício da Comunidade portuguesa. Penso mesmo que o seu trabalho contribuía também para interessar a própria população francesa pela cultura portuguesa; afirmou ontem ao «DL» o ministro da Cultura, Coimbra Martins, a propósito da situação criada pelo encerramento, pelas autoridades francesas, do único emissor português de rádio da região parisiense. Coimbra Martins, que foi embaixador de Portugal em França e é um profundo conhecedor dos problemas da emigração, tem estado a acompanhar a evolução deste caso a que parece dedicar uma grande atenção e, ao que sabemos, esteve ontem em contacto telefónico com o Ministério da Cultura francês.

Nas declarações que nos prestou ontem à tarde, o ministro começou por afirmar: *conheço muito bem o*

Rádio Clube Português e eu próprio lá falei várias vezes. Sempre fui recebido com simpatia e penso que eles faziam um bom trabalho em benefício da comunidade portuguesa. Na sua opinião, e de acordo com as informações que tinha em seu poder, teria havido uma certa hesitação da parte dos responsáveis do RCP nas negociações com as autoridades francesas para o licenciamento do emissor.

Eles tinham aceiteado um protocolo de reagrupamento para partilhar a antena com outros grupos (rádios livres) e julgo mesmo que o chegaram a assinar. Depois terão continuado as emissões sozinhos. Creio que o facto de terem continuado as emissões exclusivas, depois de terem aceiteado um protocolo de reagrupamento, lhes foi desfavorável.

Apesar da Alta Autoridade da Comunicação Audio Visual (dependente



Garcia dos Santos e Salazar Braga — transmissão de poderes

Salazar Braga, que ontem esteve reunido com Mário Soares e Mota Pinto, fez, antes de Eanes, um discurso baço, naturalmente adequado ao perfil militar que lhe é atribuído. Discurso voltado essencialmente para as questões militares, para os problemas do Exército, onde curiosamente, não houve uma única referência ao Governo, ao Primeiro-Ministro ou ao ministro da Defesa, a não ser quando referiu o processo que levou à sua nomeação.

E onde recuperou um tipo de linguagem já em desuso, como, por exemplo, nas referências à «guerra do Ultramar» e às «convulsões que se lhe seguiram».

O novo chefe do Estado-Maior do Exército, depois de considerar de forma positiva o processo que levou à sua escolha, debruçou-se sobre o que considerou serem problemas essencialmente militares com que o Exército se defronta.

Segundo revelou e «de acordo

com aquilo que o Exército pensa que poderá vir a ser o futuro conceito estratégico militar, o Estado-Maior do Exército estudou uma reestruturação do Exército que, no seu todo, em breve será submetida aos órgãos de decisão».

Mas a reorganização defronta sérias dificuldades, nomeadamente no campo do rearmamento, onde o auxílio de países amigos «por vezes tem apenas valor simbólico».

Daí o risco de o Exército «não sobreviver no campo de batalha moderno», não apenas por ausência completa de meios de protecção e agressão nos campos nuclear, químico ou biológico — «em que nos podemos considerar a zero» — mas também no âmbito da guerra convencional. Aqui, as carências residiriam, fundamentalmente na guerra electrónica, vigilância do campo de batalha, defesa contra aeronaves e defesa contra blindados.

Depois de salientar que a Brigada Mista Independentes (Brigada NATO) «também está mal preparada para combater e durar no moderno campo de batalha», Salazar Braga realçou o perigo de, em situação de guerra, «outros países se sintam tentados a substituir-nos na defesa terrestre do nosso território. O que não pode suceder».

O novo CEME terminou o seu discurso, afirmando: «Espero a ajuda de Deus para cumprir bem as novas obrigações para com o Exército e a Pátria».

Ministro da Cultura ao «DL»:

“Estou convencido de que a voz do RCP não será calada em Paris”

do Ministério da Comunicação francês e responsável pelas licenças de emissão concedidas às rádios livres) ter mandado encerrar o RCP e da deterioração da situação daí resultante, Coimbra Martins disse-nos: *estou convencido de que se o RCP voltar à posição de aceitar o reagrupamento a situação poderá ser parcialmente remediada.*

A possibilidade de vir a ser atribuída aos portugueses da região de Paris uma frequência exclusiva para emissão permanente parece porém completamente excluída, deu-nos a entender o ministro da Cultura. A dificuldade estaria relacionada com o reduzido número de frequências disponíveis e com o elevado número de pedidos apresentados à Alta Autoridade.

O caso do RCP parece ser aliás visto com simpatia pelas autoridades francesas. O único problema estaria

portanto na aceitação pelos seus responsáveis do tal protocolo de reagrupamento. Nesse caso, concluiu Coimbra Martins: *estou convencido de que a voz do Rádio Clube Português não será calada.*

RCP não recusou reagrupamento

Entretanto o «DL» soube que o RCP nunca recusou o tal protocolo de reagrupamento de que fala Coimbra Martins. De acordo com informação que um seu porta-voz nos prestou ontem à noite, o problema está em que nenhuma das outras rádios livres, que a Alta Autoridade propôs que se agrupassem com o RCP, aceitou fazê-lo. O RCP tentou o acordo com esses grupos, mas nenhum deles aceitou a proposta.

Neste momento as hipóteses de

resolução do diferendo parecem estar numa reunião que terá lugar na próxima quinta-feira entre o RCP e a Alta Autoridade. Num encontro que ontem tiveram com uma colaboradora do ministro da Comunicação, enquanto cá fora cerca de um milhão de emigrantes manifestavam o seu apoio ao Rádio Clube Português, os animadores da estação indicaram eles mesmo algumas rádios livres que estariam dispostas a agrupar-se com eles. Tudo depende agora da aceitação desta proposta, não só pela Alta Autoridade, mas também pelas outras rádios livres.

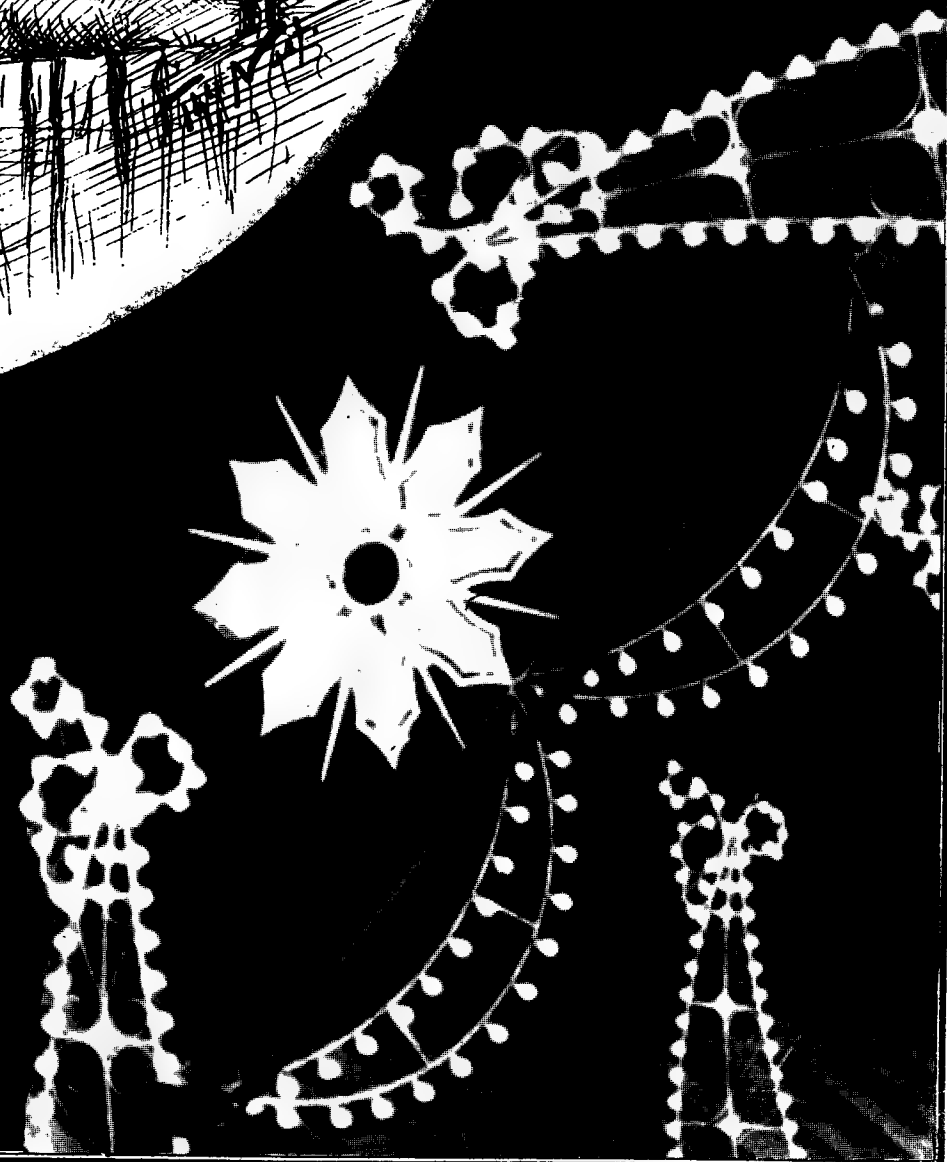
Os dirigentes do RCP salientam no entanto o facto de diversos outros grupos franceses terem conseguido frequências exclusivas sem que a sua actividade se possa aproximar da importância social e cultural, que a do RCP tem junto de uma comunidade de centenas de milhares de pessoas

Sábado

**Todos
28 por cento
mais pobres!**



1983





Crianças, sem dúvida as mais afectadas



Desalojado, não dá para comemorar...

A melancolia e a incerteza no futuro será tudo quanto resta a muitos milhares de famílias, por esse país fora, para dar gosto à noite de Natal. Uma grande parte já conhece as dificuldades de há muito e sabia de antemão que a quadra nkaa de novo lhe traria. Mas muitos outros foram apanhados de surpresa, as suas vidas completamente alteradas. E lar é coisa que nem sequer têm, bom ou mau, em ruínas ou barraca.

São alguns milhares os que ficaram sem casa com as inundações escolas ou espaços sumariamente adaptados. Famílias inteiras não passar a noite de Natal em tendas ou quartéis,



Nas instalações da Casa Pia, em Lisboa: que Natal para eles?

O DOMÍNIO DAS MAIS MODERNAS CONQUISTAS DA TÉCNICA,
GARANTE ALTA QUALIDADE ARTÍSTICA
COM A MÁXIMA RAPIDEZ

GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

UM CABELEIREIRO A PENSAR NAS SUAS EXIGÊNCIAS
DE PERFEIÇÃO RAPIDEZ E ECONOMIA

AGORA ÀS 2.^{as}, 3.^{as} e 4.^{as} FEIRAS ENTRE AS 15 E 17 HORAS
REDUÇÃO DE 20 % NOS PREÇOS DOS NOSSOS SERVIÇOS

ABERTO DAS 8 ÀS 20 HORAS
GRATIFICAÇÕES ABOLIDAS

Cç. do Sacramento, 38

LISBOA



São alguns milhares os que ficaram sem casa com as inundações de 19 de Novembro. A noite de Natal que os espera será seguramente algo de indescritível, logo pelas condições em que esperam uma solução.

«Que sentido faz cozer bacalhau e fritar rabanadas se continuamos numa escola?» — perguntava-nos uma mulher.

Famílias inteiras, com velhos, crianças e doentes vão passar essa noite em tendas ou quartéis, escolas ou espaços sumariamente adaptados. As condições estarão particularmente agravadas porque nem sequer o espaço de uma família está, nesses casos, defendido.

«Estava a preparar-me para fazer uns doces» — adianta a mesma mulher que ficou sem a barraca, no concelho de Loures. «Mas aqui já nem vale a pena pensar mais nessas coisas...».

«O meu marido» — comenta uma outra mulher que assiste à conversa, «se tiver onde, vai comemorar e bem. Nem queira saber a torcida que ele apanha. De certeza».

Os putos, esses, nem sequer se aproximam. Adaptaram um velho carrinho de bebé, abandonado algures, para fazerem transportes sem princípio, fim ou sequer mercadoria. Para quê perguntar-lhes que brinquedos preferiam?

Num quarto alugado

Os desalojados pelas cheias deste ano não constituem uma situação nova. O drama foi muito maior em 1967, quando muitos outros milhares de pessoas foram espalhados pelos quatro cantos da cidade, sendo que muitas dessas famílias choravam mortos ou desaparecidos.

«Eu passei esse Natal num

quarto que aluguei na Rua D. Dinis, em Odivelas» — eis as palavras simples que dão conta de um drama então vivido.

A família Figueiredo habitava, até essas enxurradas de 1967, na Quinta da Várzea, na Póvoa de Santo Adrião. A sorte, apesar de tudo, bateu-lhes à porta, e conseguiram sair com vida do Inferno em que a área ficou transformada.

O Natal também, então, se aproximava. E a mulher, com o marido e dois filhos foram fixar-se no tal quarto alugado. Foi aí que passaram o Natal e o Ano Novo logo a seguir ao drama.

«Um Natal bom não foi, isso já se sabe» — comenta ainda hoje o chefe da família que, de recordações tão fundas, ainda retém mesmo o valor que foi pagar pelo quarto alugado.

Solidariedade, nessa noite de solidariedade, entre alugadores e inquilinos? «Na altura do jantar conversámos um bocado» — recorda. Mas o que havia para pôr na mesa escasseava. «Até algum dinheiro que tínhamos em casa foi com a água...».

Dois natais ainda passaram até que a família Figueiredo subisse nas encostas de Odivelas, para ter direito a uma casa com sabor a Gulbenkian. Pelo meio ficaram umas prefabricadas que sempre garantiam alguma intimidade.

As esperanças que restam aos que agora foram desalojados estão mais ou menos retratadas no exemplo deixado. Com a curiosidade que resta do seguinte facto: os desalojados de então foram para as casas que lhes destinaram. Mas logo desalojados de algures ou nenhures fizeram morada, que ainda hoje dura, nos prefabricados.

E já lá vão 16 anos.

ÁRVORE DE NATAL



Morte da floresta nas esquinas da cidade

Nas esquinas da cidade, com regresso assegurado no Natal de todos os anos, amontoam-se a esmo. Vidas ceifadas na flor da idade, os rebentos que jamais serão floresta, cumprem um destino. São a alegria de muitas crianças, mas evocam outras desesperantes realidades: uma riqueza florestal que se perde por entre os dedos, os incêndios...e o abate de árvores.

Se um em cada dez portugueses fizesse um presépio e colocasse árvore de Natal, um milhão de pinheiros iria ao ar todos os anos em Portugal. Nada mais nada menos do que o equivalente a dez grandes incêndios de Verão.

Esta é a realidade, segundo a visão dos Amigos da Terra, uma associação de ecologistas, que em anos anteriores tem tomado posição pública contra o corte de pinheiros jovens, comercializados um pouco por toda a cidade de Lisboa.

Este ano, a imprensa praticamente ainda não se referiu ao assunto. Talvez porque as denúncias também cansam e os argumentos se gastam.

O certo, é que, tal como sempre, a indiferença é quase geral. E este ano, com o Natal cinzento e austero a que a maioria dos portu-

ses parecem condenados, ninguém pode levar a mal que os espíritos estejam polarizados com outras preocupações, muito mais prosaicas....

Mas nada disto retira importância ao assunto. Não há dúvidas de que o património florestal fica mais pobre em cada ano, e que o abate de pinheiros pelo Natal contribui de algum modo para isso, como sustentam alguns ecologistas.

Só que esta é apenas uma parte da realidade, em si mesma bastante mais complexa. E, por isso, os protestos mais ou menos firmes que se ouvem no Natal de cada ano, quase nunca passam do piedoso e bem intencionado gesto que sossega consciências, mas nada resolve.

Arboricídio nacional

É possível impedir o ar-

boricídio natalício? E em caso afirmativo, de que modo?

As respostas não são coincidentes. Para muitos, talvez uma legislação específica mais severa pudesse resolver o problema: proibição pura e simples do abate de pinheiros jovens. Para quem persistir na tradição, o pinheiro de plástico poderia ser uma alternativa. Pelo caminho, ainda se contribui para o «relançamento» da economia nacional, por via das unidades industriais onde eles são confeccionados.

Mas, interrogam-se os mais cépticos, o que adiantaria isso para a preservação do nosso património florestal, todos os anos um pouco mais pobre?

Com efeito, parece haver uma «vantagem» evidente nos protestos natalícios:

contribuir para esquecer a depredação que se exerce nos restantes 364 dias do ano. Quanto a esses, não consta que muitas vozes se ergam.

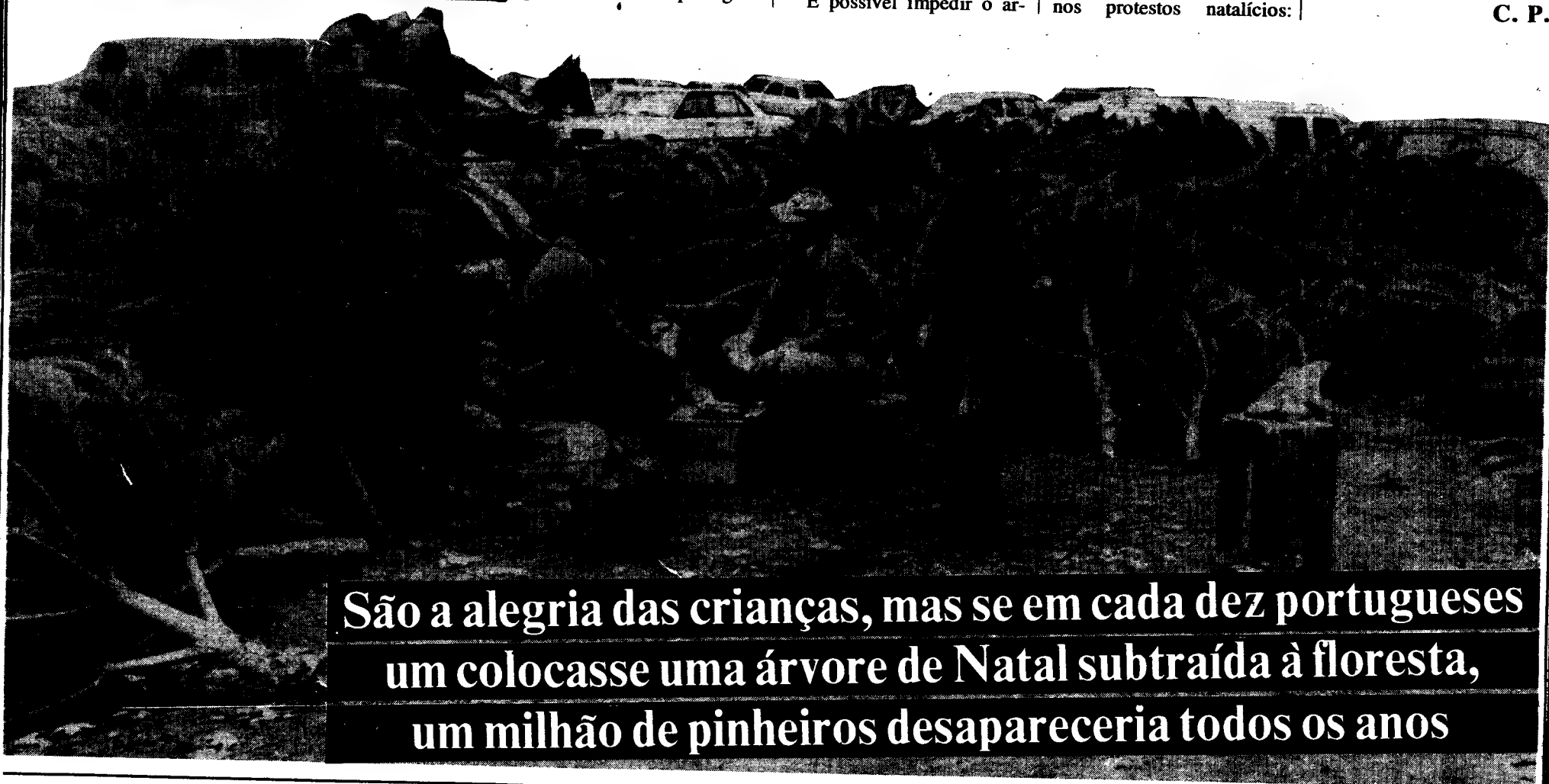
E que dizer da morte já não dos pinheiros jovens, mas das muitas árvores derrubadas pelas serras mecânicas em poucos minutos?

Or será que a circunstância desses abates serem praticados por organismos oficiais de uma forma organizada e metódica, os coloca de imediato fora do juízo crítico dos cidadãos?

Tantas perguntas, tantas dúvidas: as respostas, essas, continuarão, possivelmente, sem resposta. Até que o próximo Natal nos coloque, à distância do olhar, as novas vítimas da tradição e do comércio.

Nas esquinas da cidade, amontoadas a esmo.

C. P.



São a alegria das crianças, mas se em cada dez portugueses um colocasse uma árvore de Natal subtraída à floresta, um milhão de pinheiros desapareceria todos os anos

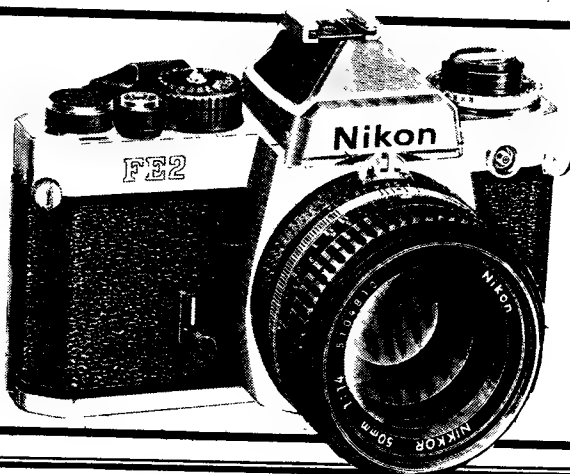
Nikon

Nikon

Nikon

Nikon

Nikon

UMA CÂMARA
UM MITO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

SIFOTO

RUA DOS DOURADORES, 21-S/L ESQ. — TEL. 87 87 30 - 87 76 71
RUA DOS DOURADORES, 10 — TEL. 87 86 67 — 1100 LISBOA

BACALHAU a quanto obrigas?

Os natais emagrecem com as vacas. Vem acontecendo desde há muitos anos, mas sucede de quando em quando ser uma tristeza ainda maior. Houve anos em que o problema nem sequer foi falta de dinheiro. Faltava, sim, o bacalhau com que a maioria dos portugueses faz questão de sublinhar a noite da consoada.

Ou acontece que há bacalhau que baste para todos, mesmo com contas feitas de xis toneladas para os portugueses que somos. Trata-se, frequentemente, de tirar dividendos políticos dos providenciais fardos racionados pelos vendedores, com nome registado na antiga Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau.

Bacalhau, por fim, a todos, com caras e línguas em grande abundância. O que escasseia para completar esta equação de variáveis múltiplas, é o dinheiro. Em tempo de impostos extraordinários, rendas que sobem, «lay-off» à porta, CEE adiada, encolhem-se orçamentos e, postas, rouba-se quanto pode até naquilo que de mais corriqueiro sempre fez do bacalhau um fartote: os vegetais.

Está aí, leitor. Este ano, mesmo nas velhas couves há crise. O problema chegou com as inundações que levaram às hortas da Grande Lisboa toneladas de cascalho e lama, arrastando mesmo plantações inteiras.

A subida de preços não se fez esperar. Tudo o que ostenta um milímetro de verde passou a fazer concorrência ao dólar... E neste Dezembro frio quem preparar orçamento para noite e dia de

Natal terá de contar com uma parcela dedicada a couves, cenouras, batatas e... abóbora, porque há doces tradicionais que a têm por base.

Couves, pois. Uma rápida olhadela pelos mercados de Lisboa dá uma ideia alarmante. Entre uma «troncha» raquítica que a vendedora despe dos amarelos, a 40 e 50 escudos; uma outra esgarçada, apanhada no termo da primeira infância, que já chega para os 60 ou 70; até uma couve que justifique o nome, passando os cem — há de tudo por esses mercados da capital e arredores.

Quem vê caras...

A desgraça maior reside no que se tem de somar com a parcela que teve origem na horta. A tradição fez-se velha com o bacalhau à mesa, por esse país fora, tendo particular incidência no Minho. Neste último caso, os hábitos estarão ainda mais comprometidos: terminada a Missa do Galo, havia mesa posta com bacalhau e pencas, polvo estufado e até uns pastelinhos do esquilo acompanhado por esparregado de nabiças.

O bacalhau que por aí se vê está complicado. O espe-

cial tem 565 escudos marcado e não há descontos nem prestações. Depois desce-se na qualidade, com o gráudo a 530, o sortido de 2.ª fixado nos 400 e o miúdo que não desce para cá dos 350.

As caras dão mais luta, é certo. Há quem goste mesmo, a sério, mas não falta quem lhes dê a opção porque sempre dura mais tempo. O exercício faz bem e pode servir de treino para iguais andanças e necessidade no domínio das carniças. Ainda assim, os queixos do peixinho, se forem um pouco mais avultados, chegam aos 268 escudos por quilo. E as línguas, coisa que caiu para o desuso, vai nos 820.

Contas feitas, se não se sentarem muitas pessoas a fazer consoada, preparem-se quatro postas, meio quilo mais coisa menos coisa. A esses 280 escudos, juntem-se mais 400 escudos de polvo, 200 de couves e nabiças (estas também não perdoam às inundações e intermediários) e 200 para batatas, cenouras, azeite e quejandos. Soma feita já uma nota de mil está no termo da consumição.

Se sobra é «roupa velha»

O vinho, os doces, um

aperitivo e um digestivo, são outras tantas hipóteses de parcelas para esta noite de Natal. A consolação foi inventada há muitos anos: no Minho, por exemplo, guarda-se o que sobra, esfarrapa-se no dia seguinte com uns dentes de alhos bem migados, azeite e vinagre. Quando se consome vai com muita tradição, bom gosto e dá pelo nome de «roupa velha».

O dia de Natal, ele próprio, também é de séculos, dado a grandes comezainas. Desde os que avançam pelo denegrado peru, aos que optam por um cabrito ou um leitãozinho. Claro que não é oportuno estar para aqui a alinhar cifrões. Hoje qualquer de nós ganha prática de ministro das Finanças e poderá decidir claramente quais os limites até onde poderá resistir.

A alternativa poderá ser a de deitar cedo e pensar como também andam más as coisas lá pelas paragens onde dizem que o menino estreou as palhinhas. Por cá, não se sabe até quando, mas mesmo na Alfredo da Costa ainda não chegaram a tais extremos. Até ver, claro, que a palha qualquer dia é considerada hortaliça...



**Este ano, mesmo nas velhas
couves, há crise. Os natais
emagrecem com
as vacas.**

**O bacalhau que
por aí se vê
está
complicado.**



Bacalhau
com todos?
A quanto
obrigas...



Um Pai Natal

28%

mais pobre

Nas lojas atendem, solícitos, os clientes. Um olhar atencioso acompanha todos os que entram e rumam até ao balcão. Ali, depois de ver e rever o que há, escolhe-se a prenda. No fim do dia, fazem-se as contas. O Pai Natal, este ano, está 28 por cento mais pobre.

«Péssimo», «mau», «muito mal», foram alguns dos qualificativos que gerentes e empregados do comércio da baixa lisboeta utilizaram para qualificar o actual período de vendas.

Quando a orgia do consumo encontra uma insuspeita justificação, quando os bolsos são dotados de um ordenado suplementar, estariam reunidas as condições para o aumento de vendas. Encarada como a **salvação** do comércio, a época natalícia de 1983 apenas confirma o que todos sabemos e sentimos: a diminuição do nosso poder de compra.

Uma tarefa de imaginação

Tentando, em desespero, reactivar circuitos e aliciar clientes, enfeitam-se montras, colocam-se lâmpadas em monumentos.

Assim, o passante é transportado ao mundo dos sonhos. Em dia de sol a neve química agarra-se ao vidro, desenha sinos e anjos. Recorre-se ao simbólico como auxiliar eficaz de uma tarefa que se adivinha difícil.

As ruas, com mais iluminação, esperam atrair mais gente e criar um ambiente festivo, que a realidade se obstina em escurecer. Mesmo que a imaginação e o dinheiro faltem, e se repitam, sem novidades e sem brilho as mesmas iluminações.

Outros, vão um pouco mais longe. Alugam um **Pai Natal** de carne e osso. Acompanhado por um pônei ou dispondo de um trenó estilizado, colocados estrategicamente à frente de uma loja, vão distribuindo balões e sonhos às crianças. E conseguem, perante olhos infantis, a sublime passagem do imaginário ao real com a facilidade de um sorriso ou de um solene aperto de mão. A fotografia marcará para sempre este célebre encontro.

Outros há, e ainda são poucos, que recorrem à transplantação para o mundo dos sonhos de uma vitrine, dos problemas do quoti-

diano. O resultado não é negativo. Estabelece-se a cumplicidade entre os que sofrem.

É o que acontece quando os transeuntes de semblante carregado vêem numa montra um cabaz a que está pendurado um cartão recortado: em números desenhados com paciência está marcado 2,8%. Para que a intenção fique clara, o tampo de uma mesa serve de altar a um pequeno bacalhau submerso por legumes amarelecidos pelo tempo e pelo neon das lâmpadas.

Um artigo para a crise

«Mesmo no nosso caso, não somos excepção no meio comercial lisboeta. Estamos com uma quebra de vendas». Sentado a uma secretária de boa madeira, num gabinete (de requintada e simples) decoração, Pedro António, gerente de uma das mais importantes casas de vestuário da baixa fala sobre as vendas do Natal 83.

Dados os rigores climatéricos, o que mais tem vendido são artigos de utilidade imediata para o combate ao frio: luvas, cachecóis, saias e calças de tecido quente.

No entanto, dispõe de um modelo para a crise. «Os artigos que mais vendemos são os de **design** mais apurado, modelos que são nosso exclusivo. É o caso de um **tailleur** a sete mil escudos que tem tido muita procura».

Estar do outro lado do balcão, ou conferir todos os dias as listas de vendas, dá uma noção exacta dos tempos que se vão vivendo. «O artigo masculino quebrou mais que o artigo feminino e, por exemplo, as peles e artigos muito caros, vendemos sobretudo a estrangeiros».

Carlos Almeida, gerente de uma loja de modas frequentada por jovens, não tem razões para estar contente. Jovens e elegantes empregadas, vestidas ao negro e cinza da moda, **marcam** passo sobre um chão branco. É um quadro de solidão em que as cores garridas das paredes e dos fatos colocados

nos expositores, relembram dias de azáfama.

Por entre alguns jovens que entram e apenas olham, os mais audazes ainda provavam, Carlos Almeida mostra a sua preocupação. «Isto está péssimo. Penso que iremos ter uma quebra de 50 por cento em relação ao Natal do ano passado».

Noutra loja um vendedor afinaria pelo mesmo tom. «Temos vendido menos. O que agora tem mais saída é o artigo acessível e que tem uma utilidade imediata». Há clientes que, desejando comprar e não tendo dinheiro, pedem que o número tal a tal camisa seja guardada. «Nós guardamos, pois compreendemos as dificuldades das pessoas e estamos interessados em vender».

Crise? Qual crise?

O ramo alimentar debate-se com problemas idênticos, embora muitos não resistam ao apelo gastronómico e façam verdadeiros malabarismos para terem uma consoada como manda a tradição.

No entanto, uma outra disposição e azáfama reina numa reputada casa comercial de Lisboa. Expondo produtos importados e de qualidade extra, o sr.º Nunes, encarregado de vendas e com prática de 23 anos de balcão é peremptório. «No nosso caso não temos problemas porque temos uma clientela fixa que prefere e pode ter a qualidade».

No andar superior, funcionários preparam **corbeilles**. Arcas de Noé em tempos austeros. Queijos da Serra, garrafas de **wiskie** importado, tudo isto e muito mais (coberto) por um celofane amarelado. Uma laço a verde e vermelho pretende ser o toque **naif** num presente caro.

Em primeiro plano, empilhadas ordenadamente, caixas de champanhe francês esperam pelas taças de cristal para comemorarem, em ambiente requintado, o

produtos e preços indicados que marcam fronteira entre a clientela.

Embora o sr.º Nunes, sublinhe com evidente preocupação comercial, «que somos uma casa aberta a toda a gente...», os **habitués** da loja fazem parte de uma minoria nacional, a que se juntam as comunidades de estrangeiros desejosos de se reencontrarem com os sabo-

res tradicionais dos seus países.

Aqui, reina o oásis. A crise ficou lá fora, nos que sobem e descem a rua e se limitam a olhar para montras inacessíveis, para sabores e cheiros proibidos.

É que, este ano, o Pai Natal está (pelo menos) 28 por cento mais pobre.

Nuno Ribeiro



O Pai Natal, este ano, está mais pobre. «Estamos em quebra de vendas», diz um comerciante. A época natalícia ameaça não ser este ano a salvação



Parece que muito do que se celebra tradicionalmente no Natal tem a ver com as «saturnálias» e outros ritos do paganismo antigo

CURIOSIDADES DA QU

Querem saber como é que o Pai Natal apareceu? Pois em Século IV, a Ásia Menor, a Myra, onde um pobretão enfrentou a pobreza, denominar como o mais duro Natal da sua vida.

José Afonso



ORFEO

Um álbum
Três discos
Uma obra

já à venda



RÁDIO TRIUNFO LDA

As raízes do Pai Natal

O infeliz tinha vendido tudo, incluindo...os sapatos! Não havia alimentos, a renda estava atrasada, as contas por pagar. Ele gemia: **Oh... como hei-de sobreviver, que me resta para vender?**

Eis senão quando, as suas três filhas entraram por ali dentro, belas risonhas, frescas. E uma terrível ideia apoderou-se do desesperado pai falido.

As raparigas protestaram: por nada deste mundo aceitar-se prostituir-se!

Mas o pai insistiu, intransigente, e forçou-as ao «vil mercado».

As infelizes donzelas lá foram, rua fora, lastimando a sua triste sorte.

Valeu-lhe o bispo da cidade de Myra, Nicolau de Patra, que para impedir que as três donzelas vendessem corpo e alma passou durante a noite pela casa de seu pai e largou os 3 sacos com moedas de ouro pela chaminé.

Ora aconteceu — diz a lenda — que as raparigas tinham lavado as meias, pendurando-as a enxugar junto da lareira. Casualmente, um saco de ouro, caía dentro de cada uma!

Na manhã seguinte foi o alvoroço: dera-se o milagre. Os vizinhos ouviram a história e começaram a deixar meias penduradas na chaminé e sapatos...na esperança de outras dádivas do céu.

E assim, surgiu a tradição do sapatinho na chaminé e do Pai Natal. Nicolau de Patra, bispo de Myra foi, sem o querer, o primeiro Pai Natal do Mundo. Na verdade mais tarde, foi santo: o tão celebrado São Nicolau.

O bom, o mau e o folgão

Para nós o Pai Natal tem uma aura especial de bondade, pureza e sobriedade. Por exemplo, no Sul da Europa, é ainda tido como o patrono das virgens. Mas, há também o reverso da medalha: países onde o Pai Natal tem uma imagem devassa, de boémio e conquistador, capaz de dormir com a mais linda dama da cidade.

Há quem diga que o Pai Natal é descendente directo do deus pagão Saturno, o patrono das celebrações de fim de estação. Na Europa,



DES

ADRA

então remontemos ao
aquilo que se pode

zes
ai
al

o romana, Saturno, e as suas
feitas, «saturnálias», dura-
ram muitos séculos, até
mesmo depois da Igreja Ca-
tólica tentar bani-las.

No Século XVII o Pai
Natal popular trajava como
um bispo e montava um bur-
rico rodeado pelos seus se-
guidores, quase sempre
crianças e pobres. O pintor
holandês Jan Steen (1626-
79), contou, em pintura, a
história de um Pai Natal ju-
sticeiro que ofereceu um
balde de brinquedos à me-
nina enquanto o seu irmão,
que se portou mal, era ver-
gastado severamente.

Em muitos países o Pai
Natal tomava a figura dura e
fria de um juiz de fim de ano.
Na Alemanha, por exemplo,
o malvado Knecht Ruprecht,
era um velho monstruoso e
cruel que andava a «ajustar
contas» com a garotada da
cidade ou da vila: a uns dis-
tribuiu presentes, a outros ta-
reias. Os franceses passaram
a apelidá-lo de St. Fouettard
(tradução literal, São Chico-
tada) que acompanhava o Pai
Natal e ajudava a surrar os
traquinas. Para receber uma
surra, não bastava ser mau —
às vezes, até o esquecer-se

de dar palha ao burro do Pai
Natal era motivo suficiente
para tal.

Mas o Pai Natal limpou a
sua imagem nos finais do Sé-
culo XVII, quando mudou
do burro para um trenó ce-
lestial puxado por renas e
substituiu o ar severo e duro
por um sorriso bonacheirão.

Parece ter sido nos EUA
que o Pai Natal «vestiu rou-
pas» novas graças à imagina-
ção de Clement C. Moore
(1779-1863) ao contar por
escrito a história do bom
bispo de Myra. Os emigran-
tes holandeses também aju-

daram a espalhar essa ima-
gem de bondade e compreen-
são do velho Pai Natal. Cle-
ment C. Moore, passou à his-
tória da literatura com o seu
tão famoso conto «Uma vi-
sita do Pai Natal», publicado
em 1923 com sucesso ímpar
em Nova Iorque.

A existência do Pai Natal

Em 1897, uma garotinha
de Virgínia (EUA) escreveu
ao jornal «New York Sun»
perguntando se existia ou
não Pai Natal, porque os seus

amigos negavam a sua exis-
tência. O editor, Francis
Church, compôs uma deli-
ciosa resposta que se tornou
num conto tradicional desta
quadra Sir Virginia...há
Pai Natal...

A Associação do Pai Natal
formou-se em 1914 por John
D. Gluck de Nova Iorque.
Finalidade? Preservar a
Crença Infantil no Pai Na-
tal. Também na altura,
Gluck conseguiu que os Cor-
reios de Nova Iorque canali-
zassem para si todas as cartas
com ou sem selos endereça-
das ao Pai Natal, mas o cor-

reio aumentou tanto que o
bom homem teve de pôr fim
ao seu serviço de recepção e
resposta do Pai Natal.

Uma página de costumes pagãos

Se o leitor acha estranho
que grande parte das tradi-
ções religiosas do Natal te-
nham origens pagãs, desde
as velas às canções, não se
esqueça que foram de facto
os ritos pagãos romanos que
transitaram para a Igreja.

Os romanos celebravam as
«saturninas» nesta quadra,

Ilustração Antiga — um Pai Natal
boémio, conquistador e atrevido
— 1875



Três candidatas forçadas a prostitutas e um bispo bondoso criaram
a lenda do Pai Natal e da meia na chaminé (por cá usa-se mais
o sapatinho). Mas só no século XIX o mito se impôs. Hoje, quem
não gosta de senhor bonacheirão que encanta as crianças?

entre 17 e 24 de Dezembro.
Saturno era o deus da agri-
cultura, da fertilidade e da
abundância, tal como a sua
deusa-esposa Opelia. Hoje,
ainda, em muitos países do
mundo, o Natal está relacio-
nado com isto: decoram-se as
paredes com verduras,
come-se peru, ganso, porco,
bacalhau, e celebra-se a
quadra de uma forma quase
pagã.

Parece que o primeiro
local histórico, onde se ce-
lebrou um Natal religioso foi
em Roma, cerca de 350 a.C.
Posteriormente, S. Fran-
cisco de Assis teve a bri-
lhante ideia de recriar, ao
vivo, a cena do nascimento
de Jesus, na gruta de Belém,
em Grecco, Itália, em pleno
século XIII.

Assim o Natal, absorveu
por completo grande parte
das festas pagãs, romanas,
até que, em 1517, a Reforma
de Lutero baniu certas frivo-
lidades, normas que alguns
britânicos e americanos
ainda seguem.

Cartões de boas-festas

Quem lançou a moda dos
cartões de Boas-Festas? Foi
Sir Henry Cole (1808-82)
quem sugeriu a ideia ao pin-
tor John Calcott Horsley.
Imprimiram-se 100 numa li-
tografia e vendiam-se bara-
tos em 1843...hoje são ca-
ros!

E a árvore de Natal? Quem
lançou esta tradição?

Existem diversas versões,
mas ao que parece foi Lu-
tero, no século XVI, que na
noite da véspera de Natal ia a
passar e viu uma árvore cheia
de palhetas de neve ilumina-
das pela Lua. Era tal a beleza
que ao chegar a casa o fa-
moso reformador da Igreja
tentou copiar o que vira na
natureza.

Lendas? Tudo lendas?



ASTROLOGIA

Do Natal
e do Zodíaco

Sendo o Natal uma das grandes festas do calendário cristão e não só, festas que marcam um determinado momento do percurso anual do sol através da Eclíptica ou do Zodíaco celeste, qual a sua relação com a Astrologia? Ainda que essa relação possa não ser evidente, para muitos, não queremos deixar de assinalar a importância tradicional e litúrgica das quatro grandes festas que são celebradas por ocasião dos dois solstícios e dos dois equinócios anuais.

É evidente que estas quatro divisões cíclicas do ano solar, correspondem ao que em Astrologia se chama simbolicamente «Signos Cardeais», signos por excelência, dinâmicos e que abrem os quatro grandes portais do ano ao sol que prossegue, infatigável, a sua marcha através do Zodíaco. Deste modo, é também clara a relação entre as quatro divisões cardeais do ano e as quatro estações, estas intimamente ligadas às actividades humanas e às metamorfoses da natureza.

Símbolo e arquétipo

Se hoje em dia, esta relação entre ciclos cósmicos e actividades humanas está francamente eclipsada pela supremacia dos «ritmos» turbulentos das cidades e das sociedades industriais, isso não quer dizer que os ritmos cósmicos não actuem física e biologicamente, assim como a nível do inconsciente colectivo, marcando de forma discreta o pulsar da vida e das civilizações.

Na visão do mundo das antigas culturas e de alguns povos contemporâneos, o astro a que chamamos sol tinha dois efeitos complementares sobre o homem. Por um lado, actuava em profundidade sobre os ritmos biológicos e sobre a percepção visual do espaço; e por outro, sobre o campo da consciência (tanto individual como colectivo), com um poderoso símbolo e arquétipo de perfeição moral e de elevação consciente, arquétipo de «luz interior», cuja formação se perde na noite dos tempos, mas que permitia, por exemplo, apreciar de «olhos fechados» a justiça ou a injustiça de uma situação...

As tradições religiosas e culturais das diversas civilizações (e a memória mítica dos povos), sobretudo as que habitaram ou habitam o hemisfério Norte, mostram que certas épocas eram ou são aparentemente mais favoráveis do que outras à expressão destes dois aspectos complementares da influência solar, sobre o comportamento e as actividades humanas.

Ritos e sonho

Deste modo, o período que ia do solstício de Inverno (Natal) ao solstício de Verão (São João) representava o aumento gradual do dia solar e era festejado e vivido como uma abertura ao Cosmos, como uma expansão do eu na própria textura vital do universo, cujo calor e luz culminavam na noite de S. João. Era durante o sonho mágico das noites de Verão que o arquétipo da luz e perfeição solar iluminava gradualmente a consciência dos homens, penetrando-a na sua plena expansão. As liturgias e os ritos nada mais faziam do que propiciar esta comunhão natural, esta instintiva empatia entre o homem e o Cosmos.

Do ponto culminante do solstício de Verão, o sol principiava a declinar de intensidade e a passar mais fugidio no horizonte, a caminho do equinócio de Outono (Balança - Escorpião - Sagitário). Era o tempo em que o Outono se fazia anunciar nas folhas amareladas e nos frutos maduros e em que os homens sentiam que uma força natural, inti-

mamente ligada ao sol principiava a afastar-se, a retirar-se das actividades produtivas da sociedade e da natureza.

As árvores despiam pouco a pouco a sua folhagem caduca e com elas o próprio homem sentia a necessidade de se despojar e purificar, de participar de alguma forma nesta morte aparente da natureza. Os seus pensamentos e as suas reflexões seguiam este movimento de declínio e de despojamento, de interiorização das forças individualizadas e de comunhão cósmica recolhidas no solstício de Verão. (Caranguejo - Leão - Virgem)...

Festa e destino

Com a aproximação do Inverno, sentiam os seres humanos que a sua natureza volitiva e instintiva era progressivamente ameaçada pela obscuridade e pela inação hibernar. A natureza parecia recolher-se pouco a pouco em si mesma, tornando-se mais «terrestre» do que nunca, e revelando-se capaz de arrastá-los na sua queda. E desta forma o homem imaginava e sentia o peso e a treva aparente do seu próprio destino, e a profunda necessidade de se resgatar.

Chega por fim o solstício de Inverno (Capricórnio - Aquário - Peixes) e com ele a festa solsticial do Natal! Aparentemente paralisado pelas forças terrestres do seu próprio destino inconsciente, o homem recebe agora a promessa solar de uma nova possibilidade de libertação, de um novo crescimento consciente, de uma nova comunhão cósmica. A partir do solstício de Inverno celebrado também no Natal cristão, (mas em clima de clara transcendência) o sol principia a «crescer», os dias começam a ser maiores, as noites recuam, a terra prepara-se para ser fecundada e florescer. Prepara-se, enfim, a consumação da vitória solar sobre o dragão pestilento e obscuro...

Triunfo e alegorias

O solstício de Inverno era representado por todas as civilizações antigas e hoje ainda por certas culturas populares de tradição rural, sob a forma imaginativa e poética de um menino, de um sol-criança, nascido da obscuridade terrestre, aclamado e venerado com arauto dos dias mais longos, da luz e do calor, fecundantes, da ressurreição prolífica da natureza.

Todas as grandes Deusas-Mães do passado, todas as virgens imaculadas do mundo pré-cristão deram à luz o bendito fruto do seu ventre em torno do solstício de Inverno, criança encantadora e frágil, a caminho da idade viril dos heróis solares que, como Hércules, percorreram indómitos os chamados «doze trabalhos», ou passagem pelos Signos do Zodíaco.

O solstício de Inverno era desta forma celebrado por ritos e alegorias, como momento privilegiado da «incarnação do sol», do sol-menino que durante cerca de três meses, ainda envolto num manto de trevas hibernais se propunha atravessar a passagem decisiva do equinócio da Primavera (Carneiro - Touro - Gémeos), assegurando deste modo o seu triunfo sobre a noite obscura e fria.

É o início da caminhada triunfal do sol-menino, que com a sua luz crescente exorciza todos os males, trazidos pela treva desoladora. É a passagem, o ponto crítico em que o sol desponta, por fim, da longa noite do seu exílio, para crescente benefício e redenção do género humano e da natureza.

V. Q.



Seja honesto consigo mesmo. O que é para si o Natal? Acredita na quadra? Acha que são meros disparates? Descubra se é ou não uma pessoa que vive em pleno o Natal.

Qual o presente que acha ser «ideal»?

a) Uma lembrança simples oferta de que se aprecia?

b) Uma garrafa da sua bebida favorita e uma caixa de aspirinas.

c) Um calendário confirmando que dentro de 1 semana tudo acabou?

Como reagiria se aparecesse um grupo de cantores de Natal à sua porta?

a) Esperar que terminassem e dar-lhe dinheiro?

b) Juntar-se a eles e depois oferecer um copo?

c) Ameaçá-los com a polícia ou uma arma?

O que é que documenta melhor a forma como encara as despesas de Natal?

a) Gasta-se muito, mas é uma quadra bela e cheia de

sentido?

b) Uma maçada em que se gasta mais do que se recebe?

c) Se pudesse vendia bifes de rena e barbas de Pai Natal?

Quanto a si qual o significado de uma canção de Natal?

a) O espírito de Natal adoça o mais duro coração?

b) As canções são monótonas e patetas?

c) Canta-se por cantar?

Quem ajuda o Pai Natal com os presentes?

a) Anões no Pólo Norte?

b) O Menino Jesus e os anjinhos?

c) ET provindos de outras galáxias?

Qual a parte divertida das festas de Natal no trabalho?

a) Misturar-se com colegas e festejar?

b) Ficar tão alegre que nem se lembra das «travessuras» do passado?

c) Beber, olhar em torno e sorrir estupidamente, quando se está farto daquilo?

Acha que o Pai Natal existe?

a) Em cada homem de boa vontade?

b) Na cabeça das crianças ingênuas?

c) Ou existia mas foi levado pelo Imposto Suplementar?

Se lhe fosse dado escolher passar o Natal com uma celebridade qual escolheria?

a) Raquel Welch?

b) Irmã Teresa de Calcutá?

c) O nosso 1.º Ministro?

SOLUÇÃO

Se a maioria das respostas dadas é a Parabéns, você tem espírito de Natal e de facto sabe viver como poucos!

Respostas B

Menos mal... apesar de tudo ainda lhe sobra boa disposição.

Respostas C

Deixe lá as coisas vão mal... é verdade, mas pode ser que se dê um milagre! Não acredita em milagres? Eu também não... mas ele há cada uma!

**Natal
1983**

Sábado

PAGINA 9

No reino dos brinquedos

O preço é que mais ordena



Bonecas, uma atração de sempre

Os brinquedos não escapam à regra de ouro do Natal 83. Os ursos de peluche, os kits de aviões e automóveis, de tão caros que estão, dão lugar a outras prendas. Jogos didáticos e vestuário ganham os favores de uma época em que o preço é que mais ordena.

«Vou pegar nos brinquedos que lhe deram no ano passado, embrulhá-los de novo e vou-lhos oferecer... ele já nem se lembra do que tem lá em casa». O expediente descrito é o de uma mãe em época de agruras e confidências.

Mas, nem todas as mães têm a coragem de dar o já dado. Nem todos os filhos têm a falta de memória necessária para que a prenda não se transforme numa choradeira.

Por isso, alguns, ainda têm que ir aos bazares. A entrada no mundo maravilhoso de uma loja de brinquedos é sempre acompanhada, mesmo para os adultos, de um **brilhozinho** nos olhos. Um desfile de recordações acompanha-nos quando se fita um enorme cão de peluche de olhos ternos e de língua vermelha de tecido.

A imaginação desperta-nos quando olhamos para uma nave espacial teleguiada, colorida e simpática, que, ao premir um botão acende e apaga as luzes e ensaia a corrida para o espaço.

«No meu tempo não havia disto, eram coisas mais simples», dizem os pais fascinados pelos brinquedos da era do plástico.

No entanto, a escolha é sempre ditada pela realidade. Os escudos de que se dispõe condicionam a compra. Os vendedores, rodeados de fantasias, não estão optimistas.

«Há mais compra de vestuário do que de brinquedos», assegura Palmira Teixeira, há 25 anos ao balcão de uma loja da baixa. Entre os brinquedos, os mesmo rigores: o preço e a utilidade imediata.

«Os jogos didáticos nas suas modalidades mais económicas são também muito procurados, pois podem ser combinados com outros que os miúdos já têm», afirma o proprietário de um Bazar.

Deste modo, os rigores da crise favorecem a **continuidade**, eliminando a **surpresa**. Esta, só estará nos berlindes — bilas a 7\$50 e abafadores a 12\$50 — que agora parecem conhecer um novo fôlego determinado pelo seu baixo preço.

Para as crianças que os pais levaram até à baixa e que, de nariz colado ao vidro da montra, dedo em riste, escolheram «este, este, este...» o Natal vai ser também 28 por cento mais pobre. É que, no reino dos brinquedos, o preço é que mais ordena.

N.R.

Loja de brinquedos — um mundo

maravilhoso. A imaginação

desperta. Mas os escudos

condicionam a compra...



A magia está lá. Falta muitas vezes é com que a comprar

PHILIPS

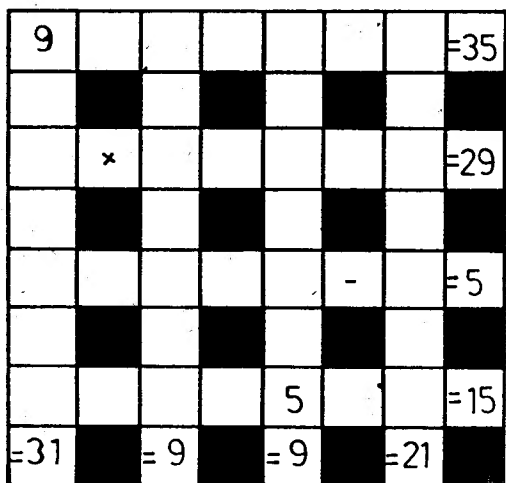
a Philips garante o que você espera de um bom televisor a cores

- * melhor qualidade de imagem e som
- * melhor assistência técnica em todo o país
- * a melhor rede de Agentes
- * a tecnologia do maior produtor mundial de televisores
- * mais de 40 anos de experiência em televisão a cores.

Compre Philips... fica a ganhar.



CHARADAS



Puzzle aritmético

Complete o puzzle aritmético usando somente os números e as operações indicadas e de tal maneira que usando alternadamente um número seguido de uma operação os resultados tanto na horizontal como na vertical sejam os apresentados. Para facilitar a solução do problema existem já alguns quadros preenchidos.

Operações a utilizar: +, -, x, ÷
Números a utilizar: 2, 5, 6, 9

12	6	6	18
5	5	5	5
15	5	5	5
+	-	-	-
5	6	2	2
5	9	9	5
29	5	9	5
x	x	+	+
5	5	2	6
5	5	2	6

A	L	R	I	A
E	E	G	E	S
D	R	C	B	R
D	O	A	G	I
A	S	U	A	S

Labirinto

Descubra a frase que está escrita na grelha tendo em atenção que ela está relacionada com a palavra chave. A letra com que se inicia a frase está dentro de um círculo. As letras seguintes serão encontradas movendo a caneta para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda mas nunca na diagonal. Cada letra de cada quadrado da grelha nunca pode ser usada mais do que uma vez.

Causador de alegrias e br.

S	A	U	A	S
I	G	A	B	D
R	B	C	R	D
S	E	G	E	E
A	I	R	L	A

SOLUÇÃO

Ornamentos para a árvore de Natal representando crianças de todo o mundo

Faça você mesmo

Embora todos os anos devam ser o «Ano Mundial da Criança», as Nações Unidas voltaram a declarar este ano outro Ano da Criança, porque não celebrar o verdadeiro espírito de Natal tendo em mente as crianças de todo o mundo? Os bonecos sugeridos representam precisamente crianças envergando trajes tradicionais de diversos países. Mãos à obra:

1. As cabeças são ovos vazios. É fácil despejar ovos sem danificar as cascas. Basta perfurar o topo e a base do ovo com uma agulha. Alarga-se um dos furos e depois sopra-se com força. Lavam-se bem as cascas com água tépida e sabão.

2. Os corpos são rolos de papel higiénico e podem ser pintados à mão, a imitar roupas ou usar-se papel diverso ou até mesmo retalhos de tecidos.

3. Os ovos são pintados num tom a imitar a cor da pele.

4. Usando uma agulha grande com fio grosso pelos dois furos no ovo. Remata-se com um nó grosso ou um botão.

5. Para o cabelo pode usar-se restos de lã cortados em fios ou ripados com um pente. Colam-se bem, com cola invisível, tal como os turbantes, chapéus, toucas, etc.

6. Cola-se o ovo ao tubo de cartão. Deixar secar bem.

7. Para imitar calças, corta-se o tubo em baixo em «V» invertido.

8. Colam-se depois dois pezinhos de cartolina pintados de acordo com cada traje.



BRIDGE

A dentada do crocodilo

Philippe Brugnón

O golpe do crocodilo, que consiste em abrir ao máximo os seus maxilares para engolir logo à partida uma carta mestra do parceiro, é uma jogada muito rara, que necessita de uma reconstituição exacta das mãos dos adversários e de que temos um exemplo espectacular neste jogo das Olimpíadas de Valkenburg entre a Inglaterra e o Chile.

♠ 9832	♠ 10
♥ A98764	♥ V2
♦ 43	♦ RV875
♣ 7	♣ ARV65
	♠ 76
	♥ D10
	♦ D1096
	♣ D1092
	♠ ARD54
	♥ R53
	♦ A2
	♣ 843

Vozes: Norte a dar, ninguém vulnerável

OESTE	NORTE	ESTE	SUL
Simonds	Priday	Vilansay	Rodriguez
—	1 Ouro	passo	2 Espadas
passo	3 Paus	passo	3 Sem Trunfo

Oeste atacou com o 9 de Copas, coberto pelo Valete do morto e a Dama de Este. Sul apanhou com o Rei. Tenha o declarante voltado a jogar o 3 de Copas, que carta deitou Oeste e porquê?

Quando se vêem os quatro jogos pode-se cumprir TRÊS SEM TRUNFO contra qualquer defesa?

Nota sobre o leilão: uma vez que Sul escolheu a solução simples de lançar uma voz forcing, para partida, de 2 Espadas, pode, na volta seguinte, dizer tranquilamente 3 Sem Trunfo para indicar a sua distribuição e uma força de 16 a 17 pontos.

RESPOSTA

O ataque com o 9 de Copas mostrava que o 10 estava em Este. O declarante pensou então que não havia qualquer risco em voltar a jogar Copas.

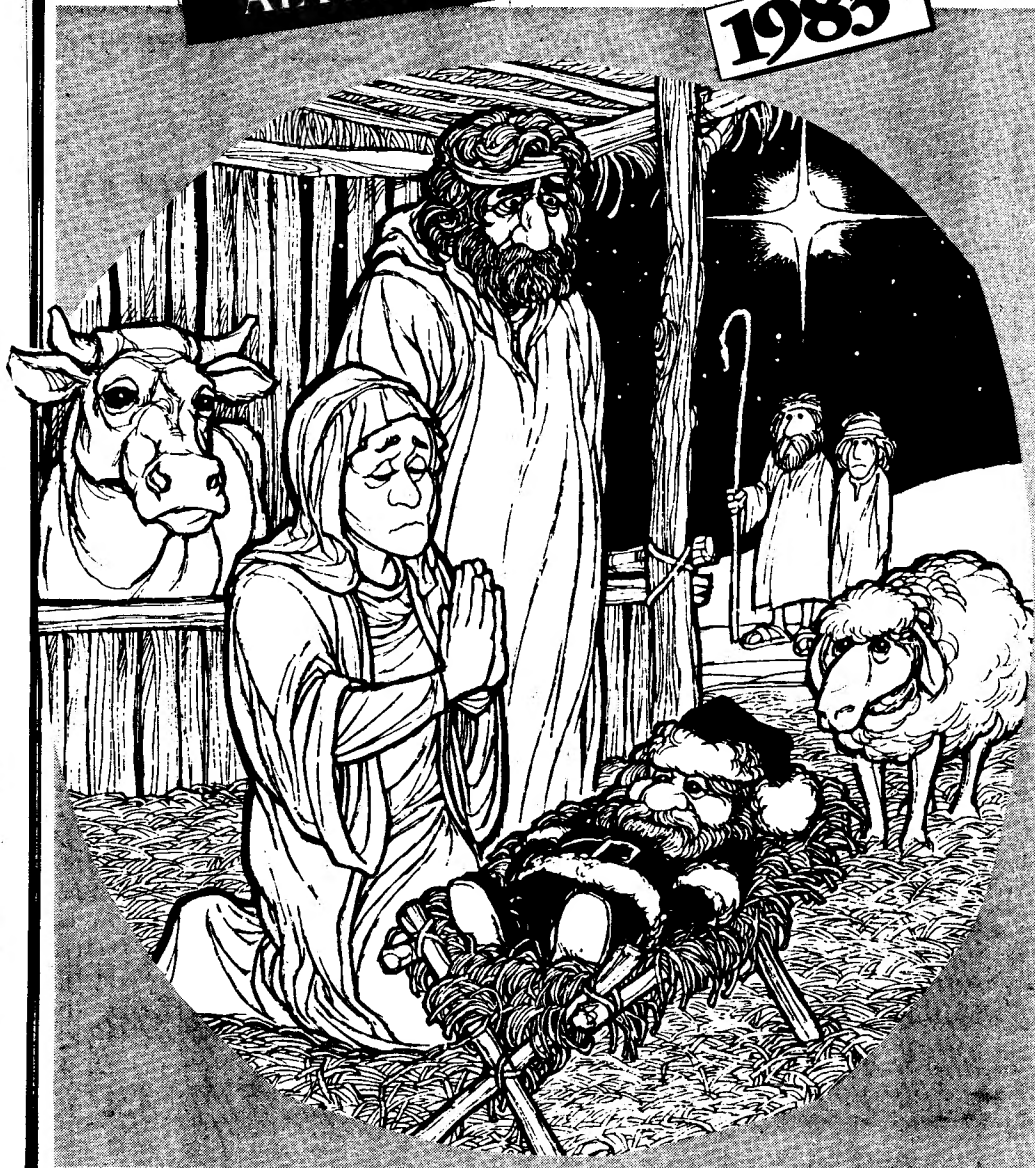
Com efeito, se Oeste só tivesse cinco Copas no princípio, só poderia fazer quatro vazas em Copas e, se tivesse seis Copas, Este apanharia com o 10 e não poderia voltar a

jogar Copas. A vantagem de incitar assim Oeste a realizar as suas Copas era a de obrigar este a baldar uma das suas defesas nos três outros naipes.

Mas Oeste percebeu. Primeiro, que o declarante não tinha o 10, porque se o tivesse não teria deitado o Valete do morto; segundo, que era preciso deitar o Ás para absorver o 10 e realizar as Copas. De qualquer forma, se este 10 estivesse ainda à segunda, Este apressar-se-ia a desbloqueá-lo sobre o Ás, pois o ataque com o 9 tinha garantido o 8 e o 7.

Este golpe permitiu a Oeste fazer cabidar o contrato com cinco vazas em Copas.

Com as cartas abertas, conseguem-se nove vazas deixando passar a Dama de Copas, e depois o 10. Sul faz depois o contra-ataque em Espadas e, depois de três voltas em Espadas (durante as quais balda dois Ouros do morto) puxa o Ás de Ouros e faz a passagem a Paus. Este apanha e volta a jogar Paus, mas o declarante devolve-lhe a mão à quarta volta de Paus para o obrigar a jogar Ouros.



É Natal...

E quase noite e há luzes no céu das ruas. Um presépio gigantesco e metalizado provoca o imaginário, anuncia uma remota hipótese de calor humano. Disfarçados num sorriso de ocasião os mascarados com a roupa e o penteado de serviço, um exército de passos sobe e desce o Chiado, chocando-se e evitando-se numa anônima liturgia de rua. É Natal...

Uma amiga chama-se, sorri e continua a correr rua abaixo. Outros de todas as idades e feitios entram e saem das lojas, enxameiam no pequeno centro comercial ali ao lado, esforçam-se por chegar à bica. Olhos de todos as cores e tamanhos percorrem distraídos e, por vezes ávidos, as montras iluminadas, num vai e vem sem destino certo. É Natal...

Uma rapariga loira abraça em estilo de manequim um macho vistoso, que pelo canto do olho lança olhares devoradores às fêmeas que passam. Sorriem alheios. Junto à banca dos jornais, a guerra do Líbano, a carestia

das hortaliças, os trapos a comprar, o dinheiro a ameaçar. É Natal...

Um carro escorrega na rua viscosa e bate em cheio, atropalha o trânsito, junta gente, discutem-se prioridades. Enconstada à parede a rapariga das violetas apregoa os últimos ramalhetes e os mendigos estendem ao longo do passeio as suas chagas, as órbitas vazias, e os membros torcidos. Ali, logo à entrada de um escritório, um rapaz enfia a cabeça num cartaz mal escrito e espera a moeda que não cai. É Natal...

Passa um travesti, uns riem, outros sorriem e apreciam. Sacudido, ele vai adiante e não liga, corre para o Rossio, perde-se no meio das gentes. Uma velha senhora de casaco de peles, contempla enlevada e distante, um serviço de cristal. A criança lambuzada de chantilly choraminga, é arrastada pela mão firme de uma mulher de eventual. É Natal...

Alguém escorrega e estatelase, abafo o grito, levanta-se a custo, sem tempo de agradecer ao homem sem

rosto que lhe estendeu a mão. O rapazola de casaco de cabedal preto passa a bater as botas e a rebentar bolas de chiclete na boca, em gestos de parada militar. É Natal...

Os livros estão caros. Olham-se as capas, tagarela-se e espera-se comprar. Um mais afoito saca um livro e sai. Duas portas à frente um puto de cara suja e camisola esburacada apanha beatas e mete-as ao bolso com ar profissional. O velho de boina e barbas brancas sentado nos degraus da igreja olha perspicaz e malicioso quem passa, entre duas mastigadelas de pão com pão. É Natal...

E quase na esquina, um pai natal com cara de moço precisado, tenta distribuir balões, chamar inutilmente a si um rebanho de crianças de mãos dadas. Uma pára e mal o agarra, estoura o balão com forma de sonho fabricado. Ouve-se um choro entremeadado com promessas de pastelaria. É tarde e o vai-vém continua sem destino. É Natal, ding-dong-ding-dong...

V. Q.

A guerra dos brinquedos

EPOCA crucial de consumo, acima de tudo festa do comércio, o Natal é cada vez menos uma festa tradicional, ligada ao sentido mítico e espiritual das suas origens. Convertido pouco a pouco num imenso mercado de futilidades e de indigestas doçarias (os doces verdadeiramente caseiros são já do domínio da lenda!) a época natalina, recriada pelos fabricantes de quinquilharias, tem a criança como um dos seus alvos principais.

Na aparente abundância da sociedade em que vivemos (apesar da crise, dizem!) é quase um sinal de vergonha e infâmia não apresentar as crianças com os vistosos e coloridos brinquedos da moda. E assim se compram inutilidades que se acumulam decorativamente nos quartos dos nossos filhos e que por fim estes, com a sua curiosidades insaciável — se é que ainda não a perderam! — acabam por diligentemente desmontar e reduzir a atraentes peças soltas, para escândalo dos pais e restantes adultos...

Sentido Educativo

O brinquedo tinha tradicionalmente um sentido educativo e pedagógico, sendo muitas vezes as próprias crianças e os pais que os construíam em conjunto, num acto comum de jogo e deleite. Conforme a idade da criança que a ele recorria, o brinquedo surgia de uma ne-

cessidade vital da criança recriar o mundo, de realizar as primeiras tentativas lúdicas de inserção social e de desenvolver as suas faculdades e aptidões. Os brinquedos e os jogos não eram para «ocupar o tempo», para manter a criança distraída e afastada das suas necessidades reais! Por isso eram (e por vezes ainda são) educativos.

Entre os inúmeros brinquedos que se compram e impropriamente se oferecem a uma criança, figuram os chamados brinquedos (?) de guerra. Ora é precisamente no Natal — época em que se procura materializar, pelo menos teoricamente, uma paz duradoura entre os homens, que os brinquedos de guerra são postos mais em evidência. É claro que é lícito pensar que, afinal, uma pistola ou uma metralhadora que faz taque-taque e acende luzes, um exército de pequenos soldados de plástico que fazem de conta que matam ou um pequeno tanque de combate e de assalto não são tão nocivos como se poderia pensar.

Não é a guerra parte integrante do nosso quotidiano? Não crescem milhões de crianças ao som dos canhões e das bombas? Não será uma outra forma de alienação, afinal, afastar prudentemente os nossos filhos dessa triste realidade criada pelos adultos?

Medo e violência

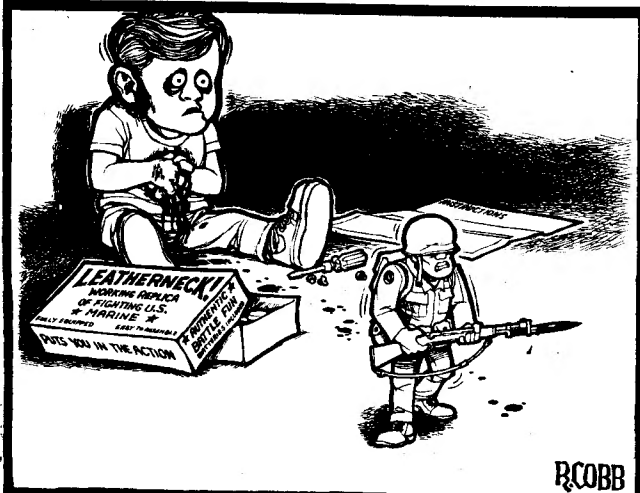
Todas as razões são passíveis de ser invocadas! No en-

tanto, especialistas de vários quadrantes (sociólogos, psicólogos, pedagogos, etc) têm verificado que o brinquedo de guerra — miniatura e réplica do mundo de violência dos adultos — pode agravar ou criar uma distorção grave na expressão natural e espontânea da agressividade infantil. Em si, esta nada tem de anormal. Mas cristalizada em torno de modelos de violência e de traumas a ela associados, seja sob a forma de brinquedos de guerra ou de violência entre adultos que formam o mundo da criança, podem constituir uma perigosa orientação da sua personalidade, que tanto os pais como as crianças podem vir a deplorar.

A criança não precisa de brinquedos de guerra para exprimir a sua potencial agressividade, pois quando tem necessidade de fazê-lo, cria os seus próprios jogos e brinquedos (quase sempre

improvisados e espontâneos) para o efeito. Só uma criança com a imaginação destruída (e a televisão tem largas culpas no cartório...), tem uma necessidade obsessiva de brinquedos industriais.

Os brinquedos de guerra apenas fazem perdurar os modelos de medo e violência que os adultos criaram e que inconscientemente tendem a inocular na criança, desde a mais tenra infância. Por outro lado, o brinquedo comprado «made in» qualquer lado, seja de guerra ou não, brinquedo feito em série por máquinas e mãos anónimas e sem rosto, igual a tantos outros, habitua as crianças ao consumo de massas, consumo que afinal devora irremediavelmente o mundo dos adultos, destruindo a imaginação e a criatividade. Nunca diga ao seu filho ou a qualquer outra criança: brinca e cala-te! Sobretudo porque é Natal...



Bolo rei integral

Precisa: 5 chávenas de farinha integral, ligeiramente peneirada; 2 ovos, 1 punhado de corintos ou passas, 3 colheres de sopa com sementes de gergelim e amêndoas torradas em partes iguais, 1 punhado de avelãs, pinhões e nozes, 4 ou 5 colheres de mel, 4 colheres de óleo, 1 pitada de sal, 1 pouco de fermento fresco de padaria, raspa de limão, erva-doce, canela; decore com frutas cristalizadas ou secas sem açúcar.

Amasse a farinha com um pouco de água quente (mas não a ferver!), na qual tenha misturado bem o óleo, o fermento e o sal. Junte os ovos batidos, o mel, a fruta seca, as oleaginosas, a raspa de limão, a erva-doce e a canela. Amasse bem e deixe repousar numa vasilha em lugar abrigado e coberto com um pano. Aguarde que a massa cresça e então volte a amassar, e dê forma ao seu bolo rei, decorando-o com a fruta. Pincele com geleia de milho e leve ao forno num tabuleiro untado com óleo, até cozer.

Rabanadas integrais

Precisa: 8 fatias de pão integral de forma, leite, ovos, 4 laranjas, 8 colheres de mel, canela.

Compre pão integral de forma numa casa de produtos dietéticos, mas faça as suas rabanadas só no dia seguinte para ficarem bem firmes e gostosas. Corte o pão em fatias, passe-as por leite e, em seguida, por ovos batidos. Frite as fatias em grande quantidade de óleo (de modo a que fiquem a flutuar) quando este estiver a ferver. Escorra-as sobre papel absorvente. Disponha-as na travessa onde irão ser servidas, aromatizando-as com uma deliciosa calda de mel que se obtém batendo o sumo de 4 laranjas com 8 colheres de mel. Polvilhe com canela. Sirva-as ainda quentinhas, com café (de preferência de cereais), nas noites de festa.

Coordenação de Vítor Quelhas

À luz de um fósforo só

COMEÇOU por traçar a lápis, um quadrado num papel. Depois, com a mão muito serena, inscreveu uma circunferência no quadrado. Seguidamente, um triângulo na circunferência. Por fim, ergueu-se da mesa e foi até aos vidros da janela. Olhou a paisagem: totalmente diferente do desenho geométrico que fizera. Uma praceta redonda, quatro esquinas, um plátano sem folhas quase no meio de tudo. Um céu cinzento, muito baixo — e um frio (pensou) no hálito das pessoas que passavam...

De repente, lá no fundo da casa, o telefone.

Deixou a janela, pousou o papel na mesa, foi-se lentamente pelo corredor. O toque do telefone, de tão insistente, parecia nunca mais terminar. Mas quando chegou ao extremo do corredor e se propunha a levantar o auscultador a chamada findou abruptamente. Sentiu-se gelado, petrificado, sem um movimento para qualquer direcção.

Durante muito tempo, ficou junto do telefone: mas só o silêncio é que tocava nos seus ouvidos. O silêncio dir-se-ia uma obscura floresta irrompendo dos tímpanos, com gnomos a correr de árvore para árvore e cogumelos vermelhos crescendo por toda a parte. Foi então que sacudiu a cabeça, acabando com o silêncio dos ouvidos, com todas aquelas imagens que haviam substituído o toque do telefone.

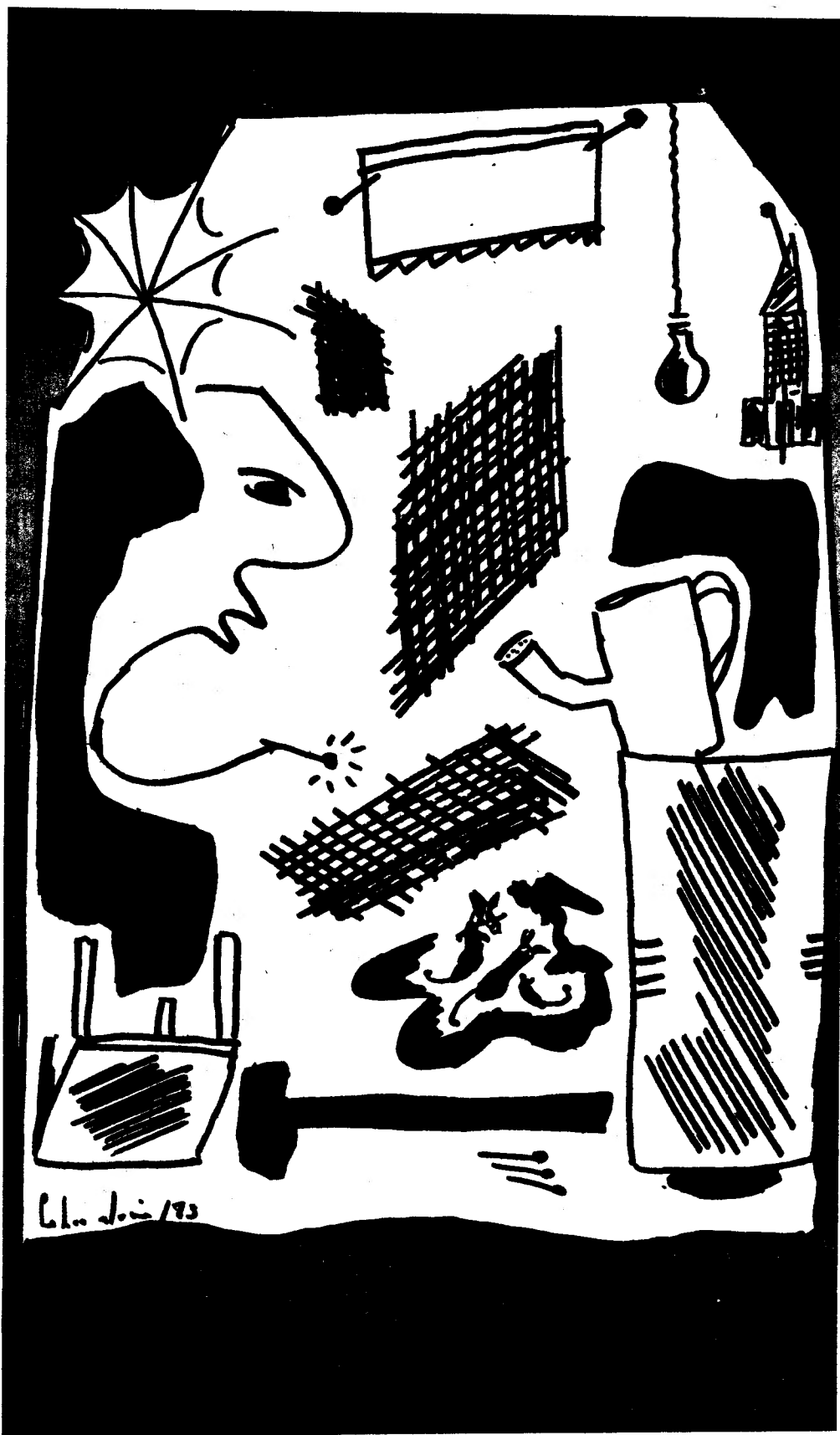
Voltou, pelo corredor, até ao outro extremo da casa — e de novo se viu junto do desenho geométrico que fizera: o quadrado, a circunferência, o triângulo. Anoitecera, entretanto. Através dos vidros da janela já tudo se desfizera: nem praceta, nem esquinas, nem plátano. Só uma luz, lá muito ao fundo, uma lâmpada que se adivinhava sobre talvez um ruído qualquer, umas falas, uns risos, uns nomes familiares.

«Bem — disse ele muito dentro de si — isto é mesmo de extremos...»

Sentou-se no soalho, distendeu as pernas, imaginou que juntava os dois extremos da casa. Pegava na ponta de ambos os extremos, pacientemente os soerguia, ia-os juntando centímetro a centímetro. Ao cabo de muito tempo, tinha formado um arco, os extremos juntando-se sobre o ponto em que se encontrava sentado.

«Rolemos» — ordenou-se a si próprio.

E o arco, com ele sentado num dos pontos, pôs-se em movimento pela casa toda: percorreu o corredor, entrou pelas salas, penetrou nos quartos, breve se deteve na cozinha, puxou o autoclismo na casa de banho. Que ruído



de água pela noite! Depois, sempre rolando no arco, no abraço redondo dos extremos da casa, deteve-se exactamente a meio do corredor.

«Um gemido...?» — interrompeu-se.

Realmente, do fundo do soalho, lá para os alicerces da casa, um gemido tinha subido até aos seus ouvidos. Um gemido fino, obscuro, aninhado e pequeno. Todos estes adjectivos o acometeram, lhe doeram e o despertaram.

«É na cave» — concluiu.

Pôs o arco em movimento, os extremos da casa rodando um sobre o outro, e foi-se adiantando até à porta, que dava para o quintal. Abriu-a, rolou pelos degraus, virou à direita, achou-se em frente da porta da cave.

«Ora entremos...» — decidiu-se.

O arco, no escuro, e na

humidade, rolou, trémulo, pelo fundo térreo da cave. Um silêncio grande de teias de aranhas, de lâmpadas fundidas, de coisas arrumadas, por ali e por aqui. Havia que evitar qualquer choque, qualquer barulho, um atropelo qualquer...

Deteve o arco, aguardou, o ouvido à escuta.

Fino, um gemido veio do silêncio, doloroso, com um leve sabor a sangue — e ele, então, acendeu um fósforo na protecção do casaco. A chama amareleceu uma fracção térrea da cave — e nessa fracção, num trapo sujo, ele viu, num relance, um rato, de focinho agudo, cuidando de uma ratinha que dava à luz um ratinho...

Extinto o fósforo, e com aquela imagem nos olhos, ele logo deixou a cave e penetrou com o arco em casa. Colocou-se novamente no centro

do corredor, nos extremos abraçados da casa, e ficou-se em silêncio pelo Natal subterrâneo que, à luz de um fósforo, surpreendera na cave fria, húmida e térrea. Tocado de ternura, beijou as suas próprias mãos — e as lágrimas que lhe caíram nos olhos ali ficaram muito tempo iluminando a noite escura.

«Agora estou bem» — disse para si. E foi adormecendo enquanto lentamente os extremos da casa se situavam cada um em seu lugar: o arco desfizera-se como quando alguém tem um nome na boca e o arco da boca se desfaz sem qualquer nome no ar. «Agora estou bem...» — repetiu ainda. Veio-lhe à lembrança, já com os olhos quase cerrados, a luz amarela do fósforo sobre os ratos lá na cave funda. «Sim — e adormeceu — agora estou mesmo bem...»

A magia das cores (3)

O tema da cor é inesgotável nos seus vários aspectos! Nos artigos anteriores, sobre a cor, abordámos o problema das sinestésias e alguns pontos de vista da Parapsicologia sobre a matéria. Hoje vamos tocar ao de leve mais alguns dos seus efeitos sobre o homem.

Em especial nos EUA, existem numerosos médicos, que usam a terapia das cores, sobretudo no tratamento das doenças nervosas. Neste sentido, é utilizado ao máximo o valor cromático das cores puras ou misturadas entre si.

O vermelho, por exemplo, é a cor da actividade, mas a presença permanente num ambiente saturado de vermelho, pode ter consequências perigosas para o equilíbrio da pessoa, posto que ele excita e agudiza a emoção. Actuando como um estimulante, pode também o vermelho provocar perturbações emocionais e desvios de certa gravidade. A reacção às cores é originada, em parte pela associação de ideias e de sinestésias diversas, mas não há dúvida que o vermelho produz com frequência uma profunda excitação ou depressão do sistema nervoso.

Cores e saúde

O arquitecto americano William Ludlow demonstrou que as cores em geral, e em particular o vermelho, provocam reflexos somáticos imediatos. Isto é revelado pela psicologia das cores, que verifica com frequência que as pessoas que têm uma marcada preferência por esta cor, são geralmente inflamáveis, impulsivas, arrebatadas...chegando muitas vezes a lamentar o resultado dos seus actos!

Audrey Kargare descreve a seguinte experiência destinada a satisfazer os cépticos:

Escolha três tomates verdes, mais ou menos do mesmo tamanho, colhidos na mesma época, e na mesma fase de crescimento da planta. Embrulhe um deles, num pano branco, outro num pano vermelho e o terceiro num pano preto, colocando-os em seguida ao sol para amadurecerem. Não coloque qualquer tipo de vidro sobre os tomates da experiência, pois dessa forma seriam excluídos os raios ultravioletas, essenciais à maturação dos frutos.

Quando os tomates da mesma idade tiverem amadurecido, na planta, desembulhe então os que estavam embrulhados: o que ficou no pano branco, atingiu o mesmo grau de amadurecimento dos restantes tomates, que ficaram na planta; aquele que foi embrulhado no pano vermelho, apresentará traços de um filamento negro à volta das sementes e na polpa. Isto indica que a cor vermelha produziu algum tipo de fermentação durante o período de maturação; por fim, desembulhe o tomate encerrado no pano preto: é mais que certo que estes não tenha amadurecido e que ao abri-lo constate que se encontra murcho e seco...

Na cromoterapia o uso da cor vermelha parece promover a cura, mas as feridas expostas repetidamente ao vermelho tendem a inflamar e são facilmente curadas, por uma exposição à luz azul e verde. A primeira exerce um efeito tranquilizador sobre os pacientes agitados, e a segunda mais fria que as demais tonalidades, exerce num grande número de pessoas uma influência calmante e até mesmo depressiva.

As preferências

Faber Birren, conhecido técnico de cores, elaborou um método recreativo, para análise da personalidade através das preferências cromáticas:

Se gosta do **vermelho**, você é um extrovertido e luta para superar a sua timidez natural. É vigoroso, impulsivo e dado à acção. O vermelho coloca-o à mercê da vida, e nesta posição, tanto pode perdê-la como ganhá-la.

Se prefere o **laranja** tem prazer em viver e em saborear uma boa cozinha. Atraente e sociável, você gosta de acolher e receber os seus amigos. Fácil na comunicação e no sorriso, não se aborrece se lhe disserem que não tem profundidade.

Se a sua cor é o **amarelo**, você é do tipo intelectual, idealista, filósofo. Grandes ideias e projectos, que geram actividades bem organizadas e delineadas. Espera a admiração de terceiros, mas é um amigo seguro e um bom confidente.

Se prefere o **verde** que é a cor que predomina na natureza, é quase certo que seja tolerante e liberal, com capacidade de compreender os problemas alheios e estabelecer relações de amizade. O dinheiro não lhe é indiferente, mas tem coragem e não é imprudente.

Se gosta do **azul** pode-se considerar um introvertido e um conservador nato. Sensível e com um bom controlo sobre as emoções, não abdicará das suas opiniões, mesmo quando elas possam eventualmente incomodar terceiros pessoas. Tem discernimento sólido e senso de responsabilidade, cuidado no vestir, sobriedade e boas capacidades de execução.

Ainda que as indicações dadas aqui sejam excessivamente sumárias e insuficientes, elas não deixarão, por certo, de aguçar a curiosidade do leitor, e quem sabe, levá-lo mais adiante!